Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 908 4$00

SEGUNDA-FEIRA 3 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

COMITÉ DE VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA DAS F.A. DENUNCIA

"MANOBRAS PERIGOSAS" PARA A REVOLUÇÃO

PÁG. 20

NÃO HÁ CESSAR-FOGO EM ANGOLA

• VI Governo ausente na independência

LUANDA, 3 — (Do «Diário de Luanda» em exclusivo [illegible] «DL» e das agências R/FP/ANOP) — Ao contrário do que sucedeu nas restantes ex-colónias portuguesas, nenhum elemento do VI Governo estará presente em Angola nas comemorações da independência daquele país. Esta informação foi confirmada por fontes portuguesas afectas ao alto-comissariado, as quais, no entanto, acrescentaram ser possível que o almirante Leonel Cardoso esteja em Luanda no 11 de Novembro.

Comentando esta notícia, observadores políticos próximos do M.P.L.A. classificam como «relações tensas» as que se estabelecerão entre aquele movimento e Portugal após a independência. Os mesmos observadores não vêem, contudo, qualquer possibilidade de um corte de relações M.P.L.A.-Portugal, mas já têm como muito provável um não-reconhecimento do VI Governo Português pelo movimento do dr. Agostinho Neto. Presentemente, o M.P.L.A. mantém a sua decisão de proclamar a independência a 11 de Novembro e de não aceitar qualquer reconciliação com os dois movimentos fantoches que operam no seu país. Esta posição, sucessivamente reafirmada pelo M.P.L.A., voltou a ser definida na quinta-feira pelo dr. Agostinho Neto, nas vésperas, portanto, da actual reunião da O.U.A. em Campala.

O ENCONTRO DE CAMPALA

Os trabalhos da actual reunião do «bureau» da 12.ª Conferência Cimeira da O.U.A., a decorrerem em Campala, devem ter sido reiniciados hoje, com a chegada àquela cidade de representantes do M.P.L.A., U.N.I.T.A. e F.N.L.A., convocados directamente pelo presidente Idi Amin. A chegada destes elementos é mantida em segredo por razões de segurança, estando todos os trabalhos dela dependentes, depois de terem sido suspensos anteontem. Portugal está também representado, através de uma delegação de quatro elementos, chefiada pelo ministro da Cooperação, comandante Vítor Crespo. Embora este tenha declarado, à sua chegada a Campala, estar certo de que esta reunião terá resultados positivos, a mesma é encarada com sérias reticências nos círculos luandenses afectos ao M.P.L.A. Não se exclui, no entanto, a possibilidade (remota) de uma reviravolta de última hora nas posições da O.U.A. que poderia vir a reiterar apenas o seu apoio ao M.P.L.A., possivelmente através da adopção prévia de um compromisso entre este movimento e a U.N.I.T.A., com exclusão total da F.N.L.A. Em Lourenço Marques, onde os acontecimentos angolanos são seguidos de muito perto pela Frelimo, nota-se um certo optimismo entre as autoridades moçambicanas, as quais, contudo, recusam revelar as suas causas.

NÃO HÁ TRÉGUA

Embora tenha sido noticiado que o M.P.L.A. e os movimentos fantoches rivais tinham aceite, em princípio, o cessar-fogo proposto pelo presidente Idi Amin para as 6 horas do dia 1, os combates prosseguiram nas últimas 48 horas. Ao abrigo do cessar-fogo proposto, as forças contendoras deveriam suspender os combates nas posições que ocupavam na altura, mantendo-as até ao fim da reunião de Campala. A Luanda, contudo, chegam notícias de confrontações armadas nas três frentes, o que desmente a anunciada trégua em todo o território.

Entretanto a OUA decidiu ontem convocar para esta semana uma outra reunião de emergência, esta da sua Comissão de Defesa, a fim de discutir o conflito angolano. Sabe-se que o presidente Idi Amin tentará fazer com que a Comissão aprove o envio de uma força de paz africana para Angola, a qual seria dirigida por si próprio. Até ao momento, M. P. L. A., F. N. L. A. e

Continua na pág. 14

Esta manhã, quando saiu a primeira carrinha com jornais, os trabalhadores saudaram o operário director.

O SECULO TRANSPÕS NOVA BARREIRA

Vitória! Vitória! Gritavam esta manhã centenas de pessoas concentradas em frente das instalações da Sociedade Nacional de Tipografia quando depois de longas horas de espera o jornal «O Século» saiu para a rua. Eram exactamente nove horas e poucos minutos. Entretanto no interior do edifício travou-se uma dura batalha. Uma escassa minoria de funcionários da empresa liderados pelos jornalistas Carreira Bom e Lobo Pimentel, apoiados cá fora por elementos do M. R. P. P. tentaram boicotar a saída do jornal. Porém, a administração e os trabalhadores decidiram não ceder à chantagem de que têm vindo a ser vítimas nos últimos dias.

Um destacamento militar que integrava forças do Copcon e da Polícia Militar ocupou o local para evitar os confrontos que seriam inevitáveis. De metralhadoras apontadas para o ar os militares aguardavam. Nas janelas do edifício apareciam jornalistas e tipógrafos gritando em uníssono com a massa humana que os apoiava palavras de ordem: Viva a classe operária», «Morte à C. I. A.», «Saneamentos já», «Soldados sempre, sempre ao lado do povo», «Fora com os chulos dos trabalhadores». O grupo que fazia cordão junto aos portões cerrados mantinha-se imperturbável escudado por uma barreira de «jeeps» e de homens vestindo farda.

Muitas pessoas já estavam a sentir uma irritação surda contra os boicotadores pois ti-

Continua na pág. 20

OTELO COM A REFORMA AGRÁRIA

O general Otelo Saraiva de Carvalho, sábado passado, este presente no plenário efectuado no Barreiro de apoio à Reforma Agrária. Aclamado por milhares e milhares de trabalhadores, Otelo afirmou que uma coluna de viaturas militares iria levar às terras já ocupadas pelos camponeses os adubos e as sementes necessárias para que a próxima colheita fosse um triunfo do povo (Pág. 7)

CRIADO O JÚRI NOS TRIBUNAIS

No «Diário do Governo» de hoje, dia 3, está publicado o Decreto-Lei 605/75, do Ministério da Justiça, o qual além de introduzir alterações no Código de Processo Penal, institui o Juri, obedecendo assim ao Programa do Movimento das Forças Armadas que previu, entre as medidas preconizadas para curto prazo, «a dignificação do processo penal, em todas as suas fases». O presente diploma visa concretizar tais medidas, sem prejuízo de uma ulterior e muito ampla reforma de todo o processo penal português.

Assim, cinco dias antes do dia designado para julgamento, proceder-se-á a sorteio para determinar os jurados que hão-de constituir a pauta do julgamento. O sorteio será realizado pelo juiz do processo, na presença do representante

Continua na pág. 7

20 PÁGINAS

O REGRESSO DE VASCO: 1º DIA NO I.A.E.M.

..Vasco Gonçalves entrou esta manhã, poucos minutos antes das 10 horas, no Instituto de Altos Estudos Militares. O general, que foi Primeiro-Ministro de quatro dos seis Governos Provisórios que este País teve desde o 25 de Abril de 1974, começava, a essa hora, a desempenhar as novas funções para que foi nomeado: director do I. A. E. M.

..A tomada de posse verificara-se na sexta-feira, à tarde. Vasco Gonçalves, acompanhado do chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião, apresentou ao oficial de dia a sua guia de marcha, retirando-se em seguida. Não houve qualquer cerimónia especial.

..Entretanto, hoje, às 10 horas, o novo director teve a primeira de duas reuniões marcadas para início do seu trabalho. A segunda começaria cerca de uma hora depois. As duas reuniões foram, respectivamente, com os professores do Instituto e com o pessoal de apoio (oficiais, sargentos, praças e civis).

..Para esta tarde Vasco Gonçalves não tem, à hora a que fechamos esta edição, agenda marcada.

Nacional

VÃO SER JULGADOS OS IMPLICADOS NO 11 DE MARÇO

Aprovado o decreto-lei sobre controlo de produção

O Conselho da Revolução aprovou, na passada sexta-feira, o diploma que institucionaliza o controlo organizado da produção pelos trabalhadores. Trata-se de um decreto do V Governo que só agora chegou ao C. S. R. para decisão final.

Na última reunião, o C. R. aprovou ainda uma lei constitucional que cria um tribunal militar conjunto, com as características de um tribunal militar ordinário mas integrando elementos dos três ramos das Forças Armadas, destinado especialmente ao julgamento dos crimes previstos pela Lei n.º 8-75, relativos à ex-P. I. D. E.-D. G. S. e, ainda aos casos respeitantes à extinta L. P.

Entretanto para a presidência do Tribunal Militar Revolucionário, criado, especialmente, para o julgamento dos implicados no golpe contra-revolucionário de 11 de Março, o Conselho nomeou o general Alfredo Leão Tomás Correia.

Segundo o comunicado, distribuído no sábado, o Conselho da Revolução, cujos trabalhos se prolongaram até alta madrugada, tomou, ainda, outras deliberações.

Assim, para além de ter sido autorizado «o recrutamento, pelos Serviços Prisionais Militares, de pessoal privativo para a segurança interna e externa dos edifícios prisionais e militares o qual deverá ser ex-militar e ser constituído como força militarizada, o Conselho aprovou os seguintes três decretos-leis:

— O que esclarece e completa a legislação em vigor sobre instrução e julgamento de crimes contra a segurança do Estado:

— O que estabelece normas sobre investigação e instrução pelos serviços da Polícia Judiciária Militar, dos processos do foro militar que lhe são cometidos pelo C. R., visando imprimir-lhes a necessária eficiência e rapidez, satisfazendo, assim, de imediato, a ideia que presidiu à promulgação do Decreto-Lei n.º 320-75, de 23-9-75, e que atribui ao foro militar o conhecimento das infracções respeitantes à detenção, posse e uso de armas classificadas como material de guerra (altera o Decreto-Lei n.º 208-A-75, de 17-4-75).

DECIDE O CONSELHO DE MINISTROS

TRINTA POR CENTO DE INCAPACIDADE PARA SER DEFICIENTE DAS F.A.

..Reuniu o Conselho de Ministros, na residência oficial do Primeiro-Ministro.

..Foi discutido na especialidade, tendo sido aprovado, o projecto de diploma, devidamente reformulado, que reconhece aos Deficientes das Forças Armadas o direito à reparação material e moral que lhes assiste em resultado de traumatismos físicos ou morais que tenham provocado diminuição da sua capacidade geral de ganho.

..O diploma define a qualidade de deficiente das Forças Armadas, parificando com o risco agravado das situações de campanha, prisioneiro de guerra, manutenção da ordem pública e prática de acto humanitário ou de dedicação à causa pública, as situações de que derive risco agravado e equiparável.

..A percentagem mínima de incapacidade para efeitos de qualificação como deficiente das Forças Armadas foi fixada em 30 por cento, à semelhança do que acontece com os acidentes de trabalho, tendo as percentagens inferiores sido sujeitas ao regime destes acidentes.

..O diploma dirige-se prioritariamente à reabilitação dos deficientados, em ordem à sua plena integração social.

..Em caso de reabilitação que conduza à aptidão para cargos que dispensem a plena validez, os deficientados podem optar pela continuação no serviço activo, em paridade de direitos, incluindo o de promoção, com os restantes elementos nesta situação ou pela passagem à situação de reforma extraordinária.

..Quando a Comissão de Reclassificação não puder reconhecer a existência de resultados suficientes, será o deficientado colocado na situação de beneficiário de uma pensão de invalidez.

..Quer o montante da pensão de invalidez, quer o da reforma extraordinária, será sempre calculado por inteiro.

..Aos deficientes das Forças Armadas que recebam vencimento, após opção, pelo serviço activo, pensão de reforma extraordinária ou pensão de invalidez, é concedido um abono suplementar de invalidez que representa uma reparação moral de natureza pecuniária por parte da Nação. O quantitativo desse abono é determinado em função do produto da aplicação da percentagem de incapacidade ao valor da remuneração mínima mensal, devida por trabalho em tempo completo, correspondente à categoria e posto do deficiente.

..O deficiente a que corresponda uma desvalorização igual ou superior a 90 por cento é ainda concedido em certos termos, e dentro de certos limites, uma prestação suplementar de invalidez, destinada a custear os encargos da utilização de serviços de acompanhante.

..Prevê-se ainda a actualização das pensões pagas a mutilados e inválidos da guerra de 1914/1918 e aos actuais deficientes das Forças Armadas.

..Quando exercerem funções remuneradas — excepto quando ao serviço das Forças Armadas — os deficientes podem acumular a pensão que receberem com a remuneração daquelas funções.

..Aos deficientes das Forças Armadas são ainda garantidas certas regalias especiais de natureza social, além de uma pensão de preço de sangue, proporcional à percentagem da sua incapacidade, quando a sua morte for consequência directa e necessária da lesão determinante da incapacidade.

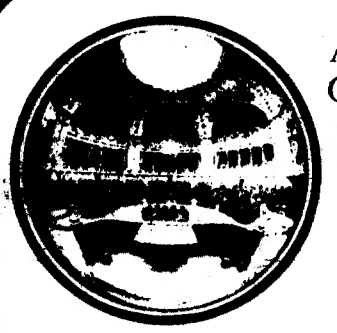
..Tal como havia sido anteriormente deliberado pelo Governo, os efeitos do decreto agora aprovado rectrotraem-se a 1 de Setembro.

..O Governo crê ter legado tão longe quanto lhe era possível, dadas as implicações financeiras directas e potenciais das soluções adoptadas, a reparação devida aos deficientes das Forças Armadas.

Santo Tirso

DEMITIU-SE O PRESIDENTE DA CÂMARA

PORTO, 3 — Pediu a demissão do seu cargo o presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Santo Tirso, dr. Manuel José de Castro Neto, na sequência de problemas surgidos, ao que consta, com outro membro da direcção do Município. O pedido de exoneração, ofício dirigido ao governador civil do Porto, vem no seguimento de outros, o que faz pressupor dissenções na gestão do Município.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

DESENTENDIMENTOS

O período antes da ordem do dia da sessão de sexta-feira passada ficou assinalado por um acidente não muito ligeiro entre o grupo de deputados do P.C. e alguns deputados do P.S. Foi quando um deputado do primeiro, Joaquim Velez, interveio para falar das lutas que os trabalhadores agrícolas do Alentejo (de Portalegre, designadamente) estão travando pela Reforma Agrária, e declarou que não eram verdadeiras algumas afirmações que um deputado do P.S., Júlio Calha, havia proferido oito dias antes, durante uma intervenção.

Mas se sentiu referido, Júlio Calha começou a «mexer-se». Acabada a intervenção de Joaquim Velez, levantou-se e disse logo que não estava «disposto a ouvir a demagogia do sr. deputado»: — «Já basta a demagogia que o sr. deputado anda a fazer pelo distrito» — disse. Velez dera dados, nomes, números. Calha disse que não retirava nada do que tinha dito oito dias antes. Mais: teve uma insinuação a respeito do deputado do P.C., dizendo que ele se dizia trabalhador agrícola, coisa que não seria talvez há muito tempo. O grupo do P.C. ergueu-se em indignação. «Esteve na prisão» — disse um constituinte do P.C., quando Calha teve a ideia pouco feliz de pôr em causa a condição de trabalhador agrícola de Velez. O repórter ouviu uma série de alusões não muito amáveis a respeito do «constituinte» do P.S. Calha, porém, não se deu por vencido. Além do mais, o coro do P.S. e também do P.P.D. protegeu-o como devia com inúmeros «mimos», para não dizer insultos, ao grupo do P.C. que se levantara indignado. Henrique de Barros teve de tentar várias vezes em vão antes de conseguir acabar com aquele imenso clamor de uma parte contra a outra. Outro barulho indescritível fez-se à volta de uma intervenção de Gomes de Almeida, do P.P.D., também com o P.C. envolvido. Henrique de Barros foi mais feliz como apaziguador e um interpelante do P.C. teve de aceitar a sugestão de pedir a Gomes de Almeida esclarecimentos noutra altura. Pouco depois, os trabalhos prosseguiam. Gomes de Almeida recebia a visita silenciosa do deputado do P.C. com um papel na mão. Antes disso, vimos Octávio Pato tentar falar e não lho deixarem, e um deputado do P.S. à quinta fila dizer-lhe com o gesto de um braço: «Vai-te embora!».

REQUERIMENTOS

Ainda no período antes da ordem do dia, algumas intervenções animaram o hemiciclo. Abílio Lourenço (P.P.D.) foi à tribuna improvisar uma alocução sobre os temas mais dilectos da pequena burguesia conservadora que vive assustada com a perspectiva de lhe faltar definitivamente o terreno debaixo dos pés: o 25 de Abril, a liberdade, o respeito que cada um deve aos outros. Uma ordem caduca de moralidades abstractas elevadas ao nível de categoria absoluta. Do lado do P.C. ficou tudo pelo menos entediado. Do lado do P.S., pareceu-nos que assim-assim. No final, porém, o deputado foi vivamente aplaudido pelos outros do seu grupo.

Três requerimentos apresentados, para reter: um de Romero Magalhães (P.S.), dois de Américo Duarte (U.D.P.). Romero Magalhães pediu informações ao Governo (M.E.I.C.) acerca da Academia Portuguesa de História, a saber, por exemplo, se o Estado continuava a financiar aquela instituição. Subjacente que, a ser verdade, é pelo menos criticável, Américo Duarte: dois requerimentos, um ao Ministério da Justiça pedindo contas (informações) sobre uma agressão de que foram vítimas um dirigente sindical e o advogado Pires de Lima, próximo da Judiciária, onde se desenvolve um processo em que eles estão implicados; e outro pedindo informações (explicações) sobre algumas afirmações de Almeida Santos a respeito de Timor.

CONSTITUIÇÃO

Entrou-se no art.º 4.º do título IV da futura constituição. Isto sem que se tenha completado a discussão do art.º 3.º, sobre um tema escaldante, as nacionalizações. Com efeito, o último ponto do referido artigo encontra-se pendente, de um parecer da Comissão. Estão em confronto uma proposta do P.S. e uma proposta do P.C. A primeira (relativa a nacionalizações) um pouco mais «radical» do que a segunda.

Pouco a pouco os trabalhos vão andando.

M.R.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56269, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Odemira, de uma linha aérea a 30 kV com 191 metros do poste n.º 6 da linha para Portelas ao Posto de Transformação de Boavista de Pinheiros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

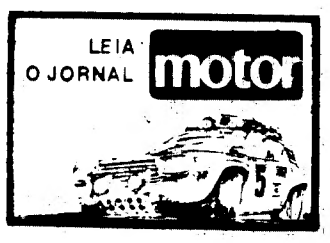
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Olhão em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56354, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Pechão e Olhão, concelho de Olhão, de uma linha mista a 30 kV com 1340 metros, constituída por um troço aéreo com 1339 m. e um troço subterrâneo com 10 metros do poste n.º 34 da linha Faro-Olhão ao Posto de Transformação da Companhia Portuguesa de Congelação.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 25 de Outubro de 1975.

O Engenheiro Chefe

Guilherme Martins



CONDE BARÃO

IND. MET. E COM. DE REP, S.A.R.L.

CONVOCATÓRIA DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária de Conde Barão — Indústrias Metálicas e Comércio de Representações, S. A. R. L., com sede em Lisboa, na Avenida 24 de Julho, n.º 62-64, para reunir no próximo dia 5 de Dezembro de 1975, pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Deliberação sobre a cisão da Sociedade nos termos do que dispõe o Dec. Lei n.º 598/73, promulgado em 6 de Novembro e publicado no «Diário do Governo», 1.ª Série, de 8 de Novembro de 1973.

Os Senhores Accionistas que queiram fazer parte da Assembleia Geral deverão depositar as suas acções nos cofres da Sociedade, com pelo menos oito dias de antecedência, conforme dispõe o Art.º 24 dos Estatutos.

Lisboa, 31 de Outubro de 1975.

O Presidente da Assembleia Geral

Dr. Artur Augusto Almeida da Rocha

post scriptum

QUE VENHA O VII

Se dúvidas houvesse que o VI Governo fosse de direita elas acabariam no dia 25 p. p., com a manifestação do Porto.

Pinheiro de Azevedo, veio ao Porto buscar apoio para o seu Governo e teve-o do C. D. S., P. P. M., P. P. P. e P. S., Partidos de direita, defensores do capital, embora cada um à sua maneira.

Salvo alguns trabalhadores do P. S., que ainda não acordaram, os manifestantes eram a fina flor do capital nortenho e seus lacaios. Eram os mesmos que foram a Lisboa apoiar o Marcelo Caetano, quando chegou da sua célebre viagem a Londres. Recordam-se? Aquilo é que foi bonito na T. V.!...

Eram os mesmos que os trabalhadores impediram que marchassem sobre Lisboa, no 28 de Setembro, se bem que agora a maioria tenha sido ruidosa...Perderam a vergonha!

Bom, isto não é demagogia, são verdades, sabem porquê? Porque os manifestantes insultaram, Fabião, Rosa Coutinho, Cunhal, a FUR, os SUV. Insultaram os trabalhadores interessados no socialismo, na sua ausência, entenda-se!

Foi, portanto uma manifestação reaccionária.

Em face disto, o VI Governo é de direita, mas se o que fica dito não chega, iustifica-o sobejamente os saneamentos à esquerda.

Que vamos fazer os trabalhadores deste País perante tal Governo?

Não o apoiar e aguardar o VII, na esperança que seja de esquerda.

José Gouveia Miranda — Porto

Os socialismos

Há quem pense que «socialismo há só um, o do povo e mais nenhum.

Loucura! Até mesmo dentro do Conselho da Revolução, talvez já não haja muitos que defendam tal bizantinice. Socialismos há muitos, para todos os gostos! Entre nós, o que tem estado mais na berra é o famoso «socialismo em liberdade».

O sr. Sá Carneiro, que o povo tão bem conhece pela sua longa luta ao serviço das classes trabalhadoras, num gesto de comovedor patriotismo, deseja expor ao C. S. R. o conceito de socialismo que norteia o seu Partido.

Seria erro imperdoável desperdiçar tal oportunidade. O C. S. R. e o País têm a estrita obrigação de ouvir e aprender, de alargar os seus horizontes políticos.

Mais, o C. S. R. não pode ficar por aí...Tem de se ilustrar, tem de procurar conhecer todas as formas de socialismo. Que diria o sr. Freitas do Amaral se não iudesse também expor ao C. S. R. a sua concepção de socialismo?

Que seria do C. S. R. e de todos nós sem mais este contributo para o pluralismo socialista ou para o socialismo pluralista?

Mas é preciso também ir além fronteiras e auscultar as opções socialistas dos portugueses que lutam abnegadamente por um Portugal livre e independente, é preciso conhecer o socialismo de Alpoim Calvão e de toda a falange elpista. De outro modo não haveria pluralismo, nem liberdade.

Finalmente, para uma compreensão global do fenómeno socialista, o C. S. R. deverá remontar às origens — o socialismo de Hitler e de Mussolini — e deverá estudar comparativamente os seus principais prolongamentos histórico-geográficos: o socialismo de Salazar, de Franco e de Pinochet.

Afonso Nunes — Coimbra

O PÃO DOS CAMPONESES

Acabo de assistir a um mini-inquérito na RTP. Inacreditável!

Com duas honrosas excepções, o que vimos?

Vimos e ouvimos a população de Lisboa contra uma decisão dos trabalhadores da Panificação.

(...)

Triste, triste porque a maioria das pessoas que se pronunciou era gente trabalhadora, ou a ela ligada. Ora eu penso que esta era uma questão que, se não tivesse sido aproveitada por certos orgãos de Informação ao serviço da reacção, não teria razão de existir.

Assim, o problema das criancinhas, o problema da doença súbita, etc., são uma arma usada pela burguesia para voltar trabalhadores contra trabalhadores. A burguesia não dorme e aproveita tudo para nos dividir.

Meditem camaradas e vejam quão mesquinhos são os argumentos!

O padeiro trabalha sistematicamente de noite, ao passo que o médico o faz eventualmente, nos dias em que está de serviço.

Estes senhores que assim falam são os mesmos que demagogicamente, gastam rios de tinta a falar dos camponeses. Pois, caros senhores, na província os camponeses cozem o pão de oito em oito dias.(...)

António J. G. Correia — Lisboa

AUSTERIDADE E TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

CELSO FERREIRA

1. Praticamente desde o primeiro Governo Provisório que se ouve falar em austeridade. Mesmo antes. De facto, até Marcelo Caetano nos seus dois últimos discursos invocava a necessidade de restringir consumos e de os trabalhadores conterem as suas reivindicações «insuportáveis».

Logo na vigiência do I Governo Provisório e com maior ênfase no decurso do período correspondente aos II e III Governos, em que o sector económico do Governo foi conduzido maioritariamente por elementos afectos ao Partido Socialista e ao Partido Popular Democrático, expressões como o «País vive acima dos seus recursos», é necessário alterar drasticamente os consumos» começaram a ser referidas com frequência por correntes políticas das mais diversas, desde o CDS ao PCP.

Recordemos algumas afirmações de meios ligados aos partidos então «maioritários» no sector económico do Governo.

Segundo o relatório apresentado pelo Secretário-Geral do Partido Socialista no congresso deste partido em Dezembro último: «O PS insistiu na necessidade de pôr a curto prazo um programa de emergência que permita combater a crise compensando as medidas necessariamente impopulares de auteridade, com a aplicação, de uma estratégia antimonopolista... O país não pode esperar mais e importa antes de tudo restabelecer a confiança».

Para o então secretário de Estado do Planeamento Económico, dr. Victor Constâncio: «O Governo tem de ter a coragem de tomar medidas impopulares» (República, de 8 de Março passado).

Para o major Melo Antunes, então ministro Sem Pasta encarregado de coordenar a preparação do chamado «Plano Económico de Emergência»: «A recuperação e relançamento da economia deve passar necessariamente por opções muito nítidas quanto aos padrões de consumo a adoptar, no presente e no futuro próximo. A regra geral a seguir, nesta matéria, terá forçosamente de ser a da austeridade» (Introdução ao Programa de Política Económica e Social, cuja decisão de elaboração se registou em **Outubro de 1974** e veio apenas a ser aprovado em **7 de Fevereiro de 1975**).

Em relação a este ciclo de Governos Provisórios que se concluiu com o 11 de Março, convirá então saber o que aconteceu num período de **10 meses**, até agora o de maior duração. Que medidas concretas de austeridade foram então formuladas e postas em prática pelo sector económico afecto aos partidos PPD e PS? Que medidas de estratégia antimonopolista e antilatifundiária constantes do Programa do PS foram na altura formuladas ou propostas, no Governo ou fora dele, pelos seus elementos nos referidos Governos Provisórios?

A estas duas questões simples, a resposta é também simples: **Nada ou quase nada foi adoptado ou sequer proposto.**

É importante assim recordar a actuação do PPD e do PS, quer durante o V Governo Provisório quer presentemente, ao insinuar que a principal responsabilidade pela actual situação económica do País cabe aos IV e V Governos Provisórios, quando elementos que lhes são afectos conduziram a política económica durante mais de 10 meses. Período sem dúvida importante para quem se diz pretender construir o socialismo. Nem austeridade, nem luta contra o capital.

Pelo contrário, «alegremente» se foi consumindo o elevado «stock» de divisas então existente, sem terem sido tomadas quaisquer medidas significativas de austeridade e de controlo cambial. Recorde-se que em 1974 as nossas importações registaram um acréscimo de **40 milhões de contos** (mais de 50 por cento de aumento a preços correntes), montante correspondente a uma saída de divisas verdadeiramente espectacular, mesmo tendo presente a elevação dos preços médios de importação, para quem tanto falou em auteridade. Terá sido por acaso ou por incompetência?

Acresce que pouco ou nada se fez de significativo para iniciar o processo de alteração da nossa estrutura de relações comerciais. O que se fez foi objectivamente reforçar a nossa dependência face ao capitalismo internacional, cujas consequências são agora habilmente aproveitadas.

E quanto à estratégia antimonopolista? Que passos concretos se deram na socialização dos meios de produção? O Programa de Política Económica e Social (Plano Melo Antunes), tão entusiasticamente recebido pelo PPD, PS e CIP, estabelecia um esquema de controlos mas deixaria nas mãos da burguesia e do capitalismo a propriedade dos meios de produção decisivos para a construção do socialismo.

Nem medidas reais de austeridade, nem passos concretos no sentido do socialismo.

A ACÇÃO DO V GOVERNO

2. A necessidade de se adoptar uma política firme de austeridade foi frequentemente afirmada durante o IV Governo Provisório. Vejamos então o que se passou.

Foi durante este Governo e posteriormente no V Governo Provisório, que se deram os primeiros e significativos avanços na transição para o socialismo. Em particular no que se refere è eliminação da influência dominante dos interesses da burguesia e do capitalismo. Finalmente, arrancou-se com uma estratégia antimonopolista e antilatifundiária, assente na nacionalização dos sectores básicos da economia, na reforma agrária e na definição do princípio do controlo operário da produção. Passos decisivos à transição para o socialismo, visando a transferência do poder político e económico para os trabalhadores. Foram praticamente derrubados todos os grupos económicos. Criaram-se assim algumas das condições necessárias à fase de transição. Condições necessárias mas não suficientes. É neste sentido que se entende a então anunciada implantação de um novo sistema de planeamento sob o controlo operário, visando colocar os meios de produção ao serviço da colectividade. Bem como a necessidade de procurar novas relações de produção e de organização do sistema económico adequados à fase de transição.

Nacionalizar é uma primeira etapa mas não chega para que se fale em transição para o socialismo. Há que criar as condições objectivas que permitam a passagem à socialização. Sublinhem-se as palavras de Lenine para quem o problema é determinar em que condições precisas a nacionalização conduzirá a uma verdadeira socialização, através da qual a gestão da economia possa ser cada vez mais submetida ao controlo da sociedade.

Quanto à política de austeridade, etapa igualmente necessária à alteração da estrutura económica característica da fase de transição, alguns passos foram dados e com resultados concretos. Todavia, não se assistiu à divulgação de um bloco coerente de medidas. Tal veio apenas a acontecer no programa do V Governo Provisório que, dada a sua curta existência, não chegou a ser efectivamente posto em execução.

Porém, conforme é do conhecimento público, várias e repetidas vezes foi afirmado durante o IV Governo, quer por este quer pelo Conselho da Revolução, a urgência de se adoptar uma política de austeridade. A necessidade do tão referido Programa Austeridade parece ter sido mesmo uma das questões essenciais que estiveram na origem do chamado «encontro do Alfeite» de onde veio a resultar o «Plano de Acção Política». Este Plano viria a considerar o problema da austeridade como um dos pontos básicos que serviriam de teste à coligação, a realizar no mês de Julho, forçando assim os partidos que a integravam a uma posição clara sobre as questões económicas de fundo na fase de transição para o socialismo.

Conforme já divulgado, do conjunto de «dossiers» preparados pela equipa económica do IV Governo Provisório, foi precisamente o referente à Política de Austeridade o primeiro a ser discutido entre o Conselho da Revolução, o Governo e os partidos da coligação. Primeiro e único. De facto, o Partido Socialista, através do seu secretário-geral, ao contrário dos restantes partidos, não só **não fez qualquer proposta concreta** (recorde-se o relatório do seu secretário-geral ao Congresso e as declarações de personalidades afectas a este partido), como terá tomado uma posição frontal de ataque à política de austeridade. Medo de perder a base social de apoio, pois que o programa proposto era antiburguês? Argumento para acelerar toda uma estratégia visando derrubar o IV Governo Provisório (precedente curioso de quem está no governo mas o ataca ou marginaliza). Intensificar a degradação da situação económica para dar cobertura a um governo de «salvação nacional» e a uma «ajuda salvadora» da social-democracia? Para além das interpretações uma situação concreta: **recusa pura e simples em propor e discutir o que sempre havia sido apontado pelo PS como ponto estratégico para uma política económica tendo por objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e uma efectiva independência nacional.** Quem põe os interesses tácticos do partido ou das suas cúpulas acima dos interesses do País e dos trabalhadores?

Afinal, o teste nem passou da primeira prova demonstrando as contradições e inviabilidade de uma coligação que, estoirada em Julho, volta a ressurgir em Setembro e cujos resultados estão novamente à vista.

UM PROGRAMA MÍNIMO

3. Em passagem, o V Governo Provisório acabou por insistir na política de austeridade. Assim, aparece como uma das tarefas económicas fundamentais da transição para o socialismo no respectivo Programa de Governo «Defender a Revolução». O conteúdo básico de tal política está expresso nestes termos: **«As medidas de austeridade atingirão prioritariamente as camadas mais favorecidas da população e deverão ter um conteúdo marcadamente popular, para o que se conta nomeadamente com o apoio dos trabalhadores através dos sindicatos e das suas organizações unitárias de base. É necessário que os aumentos reais de rendimentos se orientem prioritariamente para as camadas mais desfavorecidas das classes trabalhadoras».**

Os domínios a abranger pela política de austeridade referenciadas neste Programa dão-lhe uma perspectiva relativamente coerente e ampla, muito para além da exclusiva restrição aos consumos:

a) **Política de Rendimentos** — política de salários (critérios para a fixação de novas condições de trabalho) e política de outros rendimentos (envolvendo, nomeadamente, a limitação máxima à distribuição de lucros e dividendos e o agravamento do imposto complementar e do imposto sobre sucessões e doacções, com protecção dos pequenos patrimónios);

b) **Restrição ao consumo de bens não essenciais** — integrando em particular a elevação e alterações no imposto de transacções e introdução de novas restrições à importação de bens não essenciais, limitação das vendas a prestação e agravamento da tributação especial sobre iates e residências sumptuárias;

c) **Poupança de energia** — de que se destacam a limitação progressiva da circulação de veículos privados nos centros urbanos e nos fins de semana, a limitação nas iluminações públicas e elevação dos preços dos combustíveis;

d) **Austeridade na função pública, nas empresas públicas e nacionalizadas** — nomeadamente através da redução de despesas de representação, redução de vencimentos dos membros do Governo e da austeridade no uso de viaturas públicas.

e) **Medidas moralizadoras** — de que se exemplifica a requisição de palácios, grandes edifícios e de aviões particulares de uso pessoal para fins sociais e a redução das rendas de habitação em função de critérios a fixar em cooperação com as Comissões de Moradores e Autarquias Locais, salvaguardando-se os interesses dos pequenos proprietários.

MEDIDAS ADOPTADAS

4. Embora nunca tivesse sido adoptado um Programa Austeridade, o IV e posteriormente o V Governos Provisórios foram aplicando medidas de austeridade algumas das quais já com resultados positivos. Sublinhe-se que o acompanhamento e restrições introduzidas às importações contribuiram para uma progressiva e acentuada queda das mesmas nos primeiros sete

Continua na pág. 4

Nacional

MACROBIÓTICA EM SEMINÁRIO

PARA QUEM O HOMEM É AQUILO QUE COME

Mestre Michio Kushi na massagem oriental.

. «Quer fazer-se uma revolução social no nosso país, mas ninguém se lembrou ainda que essa revolução terá de começar no próprio homem. Nós, macrobióticos, que somos 800 famílias em Portugal, temos uma rica experiência de mais de seis anos de vida macrobiótica. Que significa macrobiótico? Longa vida no sentido de preencher o Universo e criar vida com saúde. O 25 de Abril? Trouxe-nos de facto algumas facilidades legais, pois não temos necessidade de reunir à porta fechada e clandestinamente. Mas continua a mesma incompreensão de sempre por parte das entidades oficiais. Estamos pacientemente à espera que as entidades se decidam a ter curiosidade em saber o que nós podemos fazer para ajudar os nossos irmãos escravos da doença física e psíquica e que ainda não se libertaram das taras impostas pela civilização moderna, que é a sociedade de consumo. A nossa missão é criar harmonia nos corpos, nas mentes, nas sociedades e na natureza» — e deste apanhado de ideias, transmitido ao «DL» por um macrobiótico, se poderão inferir certas noções de base sobre «Alternativas de Vida — seminário ibérico por Michio Kushi», que decorreu em Lisboa na Biblioteca Nacional, de 25 a 29 de Outubro.

Foi Luís Silva, presidente da Unimave, quem nos forneceu as declarações supracitadas, num dos intervalos da sessão sobre agricultura natural. Fomos interrompê-lo quando aplicava num participante a técnica da massagem oriental, percorrendo com invulgar agilidade os principais centros de energia do corpo do seminarista.

Quem foram os cerca de 200 participantes no seminário? Desde médicos a serralheiros civis, passando por trabalhadores rurais — informa Luís Silva — salientando que não participaram apenas macrobióticos, mas também indivíduos de alimentação considerada normal. Portugueses e espanhóis.

O presidente da Unimave faria questão de lamentar a quase total indiferença manifestada pela Imprensa portuguesa a respeito do seminário, realizado à margem de qualquer subsídio ou apoio oficial. E a Unimave, o que é? Cooperativa de produção (terrenos em Almoster, 10 quilómetros distantes do Cartaxo, onde se cultivam leguminosas e arroz — sem qualquer espécie de fertilizantes) e consumo (no restaurante situado no 2.º andar do 55 da Rua da Boavista — com centenas de clientes que consomem também produtos importados). A Unimave e propriedade de diversos sócios. Quando se entra lá, recebe-nos um forte aroma de alimentos macrobióticos e empregadas trajando batas brancas.

MICHIO KUSHI MESTRE ASIÁTICO

No panfleto enviado aos jornais, o Grupo Impulsor da Via Macrobiótica justificava o convite a Michio Kushi «com a finalidade de tornar possível, ao homem português, de todas as classes sociais, conhecer o caminho da libertação da *Doença*, da *fome*, do *medo*, da *infelicidade* e compreender a ordem do Universo que o criou». Quem é o mestre japonês na óptica de seus discípulos?

. Michio Kushi representa hoje «uma das linhas mais demarcantes da vanguarda que procura o encontro Ocidente-Oriente» Porquê? Pela razão de que Kushi «realiza a síntese da consciência ecológica que, pouco a pouco, desperta no Mundo Ocidental, com os conhecimentos recolhidos através dos séculos pela prática da medicina oriental».

. Nascido no Japão, Michio Kushi é diplomado pela Universidade de Tóquio e um dos primeiros alunos de Jorge Oshawa. Estudou na Universidade de Columbia. Criou em Boston, a Sociedade de Medicina Oriental, que publica o jornal «The Order of the Universe». Para os seus discípulos portugueses, Michio é «o maior intérprete vivo da grande síntese Oriente-Ocidente» e desempenharia um papel importante na «descolonização cultural de todos os povos».

O MECANISMO DAS DOENÇAS

Nos dois primeiros dias, sábado e domingo, Michio Kushi deu lições acerca do mecanismo das principais doenças, bem como das terapêuticas inspiradas na filosofia yn-yang da cosmologia taoísta: acunpunctura e macrobiótica. Na segunda-feira, a sessão foi inteiramente dedicada aos métodos de diagnóstico pela observação da face, boca, olhos, ouvidos, nariz e pulsos. A massagem oriental, incidindo nos meridianos da energia que percorrem o corpo, foi também tema abordado nesse dia. Na terça-feira, noções fundamentais sobre alternativas ecológicas para a agricultura e para a energia, e na quarta-feira, técnicas de meditação como cura e desenvolvimento moral do ser humano. Na quinta, Michio Kushi ocupou o dia com consultas.

As aulas teóricas tiveram lugar no anfiteatro da Biblioteca Nacional e as aulas práticas no Hotel Penta. Além de Kushio, também a sua esposa, Aveline Kushi, deu lições sobre algumas matérias.

«DIALÉCTICA YIN-YANG NA ALIMENTAÇÃO

Qual o sentido da «dialéctica universal yin-yang» aplicada à alimentação humana? Equilibrar o homem, fazê-lo conhecer profundamente as forças energéticas da natureza e adoptar uma alimentação racional que suprima a diferença abismal cavada entre os milhões de homens que morrem de fome por essas Índias e Brasis, e a pequena minoria de parasitas que vive à custa do suor dos que trabalham. Para os seguidores da filosofia yin-yang, o homem é o resultado daquilo que come e a alimentação o motor da História.

«Yin-yang» — qual o significado desta tirada oriental? Existiriam dois princípios criadores, yin e yang, duas fontes de energia de cujo casamento equlibrado teriam resultado a Terra, os sistemas, o Universo. Yin, força centrífuga, e yang, força centrípeta, encontrar-se-iam e fariam avançar o Mundo. Da ruptura entre essas duas forças poderia advir a tragédia irremediável: é por isso que o homem deve tornar às suas origens.

Segundo as ideias expostas pelo mestre japonês, uma célula do corpo humano aparece na medida em que o homem vai tendo capacidade de observar mais uma estrela no firmamento (pelo rompimento progressivo da semi-obscuridade que envolvia a Terra, feita imensa bola de fogo nos primórdios). É a confirmação das teses gregas de que o homem é um microcosmos povoado de estrelas. Um homem é um corpo de milhões de estrelas. Quem tem mais: um operário metalúrgico ou um capitão do capital? O interesse destas teorias é que Marx as estudou, no seu gigantismo intelectual, aprendendo pela negativa a necessidade de criar o materialismo histórico.

FALA UM PARTICIPANTE

Na opinião de um seminarista, esta iniciativa (desprezada pelas entidades oficiais) vai fazer avançar o movimento macrobiótico em Portugal. «As alternativas biológicas expostas na sessão de agricultura natural, mostra que se trata de teorias de vanguarda».

«Uma solução para os problemas resultantes da crise mundial alimentar» — classificou o participante.

BERBIGÃO PROVOCA CÓLERA: 4 MORTOS E 300 INTERNADOS

. A disseminação de cólera que se verifica na Região Centro do País, é vista, com enorme apreensão por todos os seus milhares de habitantes, sobretudo os das zonas menos higienizadas (falta de água canalizada, dificuldades em controlar os produtos comestíveis, etc.), enquanto o Secretariado de Luta Anticolérica avisa para a inconveniência em comer berbigão da Figueira da Foz, «porque as águas do Mondego estão contaminadas pelo vibrião colérico».

São já quatro os casos mortais até agora constatados e cerca de 300 as pessoas internadas no Hospital de Covões (Coimbra) e nos Hospitais da Universidade. O delegado de saúde, do distrito dr. Veiga Vieira, em declarações aos órgãos da Informação, exteriorizou a sua esperança em que o surto seja, brevemente, circunscrito e demarcado, de modo a permitir um combate mais eficaz.

Em Viseu morreu um cantoneiro (Jacinto da Silva Simões, de 41 anos, natural de S. Cipriano), e o presidente da Câmara Municipal da cidade, fez afixar um edital que proibe terminantemente a entrada de berbigão na área sob a sua jurisdição. Nas localidades circundantes a cidade, como noutras entre Coimbra e Viseu, normalmente abastecidas dominicalmente por aquele marisco, já ontem se exerceu vigilância para evitar a sua ingestão enquanto no Hospital de Viseu, um letreiro na porta principal é significativo das precauções que estão a ser tomadas: «Proibida a entrada a qualquer visitante em virtude da epidemia de cólera».

DÉCADA DA U.R.S.S. EM PORTUGAL

. . É hoje inaugurada, simultaneamente nas cidades de Lisboa e Porto, a «Década da U. R. S. S. em Portugal», promovida pela Associação de Amizade Portugal-U. R. S. S.

. . Destinada a festejar o 58.º aniversário da Grande Revolução de Outubro e, sobretudo, a fomentar a confraternização e um conhecimento mais profundo entre os dois povos, na base dos acordos culturais recentemente assinados em Moscovo pelo general Costa Gomes, a «Década da U. R. S. S.» traz até nós uma representativa delegação da União Soviética, constituída por grupos de canto e dança, ginastas, intelectuais e membros do Governo soviético.

PALESTRA DE TONACHEVSKI

. . O professor Dimitri Tonachevski, da Universidade de Moscovo, que fez parte da delegação do Conselho Mundial da Paz recentemente reunido em Lisboa, profere, esta noite, às 21 horas, no Centro de Sociologia Militar, uma palestra sobre «Problemas das Relações Internacionais Contemporâneas».

AUSTERIDADE E TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

Continuação da pág. 3

meses do corrente ano (Janeiro...,7; Fevereiro: 9,4; Março: 8,7; Abril: 8,4; Maio: 8,0; Junho: 6,0; Julho: 4,9 milhões de contos).

Entre essas medidas (cujo Programa, ao que sabemos, se encontrava pronto desde Julho), houve público conhecimento das seguintes: 1) fortes restrições no crédito à importação de bens não essenciais e no crédito ao consumo;2) sobretaxa às importações;3) restrições à transacção de divisas e fixação de limite máximo de divisas nas viagens ao estrangeiro; 4) limitação ao reembolso externo de escudos pelo Banco de Portugal; 5) início da articulação directa entre o Banco de Portugal e os organismos importadores de bens alimentares; 6) limitação das vendas a prestações; 7) fixação do salário máximo nacional, elevação do salário mínimo nacional, e estabelecimento de critérios gerais para a revisão de condições de trabalho; 8) lançamento da campanha de orientação dos consumos para a produção nacional; 9) elevação de alguns impostos (não promulgado); 10) eliminação das rendas nos bairros de barracas (não promulgado); 11) redução dos vencimentos dos membros do Gaoverno e do salário máximo nacional (não promulgado); 12) ajustamento das condições de trabalho nas empresas sob intervenção do Estado, em função da sua situação real-revisão do D.L.660/74.

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

CONVOCATÓRIA

DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para uma Reunião Geral a realizar amanhã, dia 4 de Novembro, pelas 21.00 h., nas instalações deste Sindicato — Rua Jardim do Regedor, n.º 37-2.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos: (continuação da reunião anterior)

1 — Informações

2 — Acções conjuntas a desenvolver

A DIRECÇÃO

MOBILIÁRIO METÁLICO
MAQUINAS E UTENSÍLIOS
PARA ESCRITÓRIO
IMPORTANTE
LEILÃO

Por encerramento da firma proprietária, será vendido pela maior oferta e sem base de licitação a importante e completíssima montagem de 12 gabinetes e respectivos anexos de serviço, que se encontra em óptimo estado de uso e é constituído por mobiliário, maquinaria e utensílios do mais moderno e melhores marcas do mercado CONFORME ANÚNCIO MAIS DISCRIMINADO, NOS JORNAIS DA MANHÃ.

AMANHÃ, TERÇA-FEIRA, DAS 15 ÀS 20 HORAS
AVENIDA CASAL RIBEIRO, 17
EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES AFRA FILHOS, Lda
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 51478 532146

COMISSIONISTA PRECISA-SE

FIRMA DO NORTE PRETENDE VENDEDOR COMISSIONISTA PARA LISBOA E SUL DO PAÍS PARA MATERIAL DE QUEIMA DE GÁS PROPANO. DE PREFERÊNCIA COM CONHECIMENTOS DESTE TIPO DE MATERIAL.

RESPOSTA A MATOS & FIGUEIREDO, LDA.
RUA PINTO BESSA, 290 — PORTO

Nacional

CONTRA O IMPERIALISMO

MANIFESTAÇÃO DA F.U.R. NO CAIS DO SODRÉ

A Frente Unida Revolucionária (F.U.R.) promove hoje, pelas 19.30, uma manifestação popular contra as manobras imperialistas. A concentração far-se-á no Cais do Sodré e conta já com a adesão de várias organizações partidárias e orgãos populares.

«Face ao crescimento da grande ofensiva popular e perante a aproximação do dia 11 de Novembro — data fixada para a independência de Angola — a reacção capitalista e o imperialismo multiplicam as suas manobras desesperadas, aqui e em Angola, para tentar impedir a libertação do povo português e do povo angolano» afirma a F.U.R., acrescentando que «também em Timor o imperialismo se movimenta descaradamente no sentido de travar a luta pela independência do povo timorense».

Por outro lado, e num comunicado relativo ao decreto que preconiza a entrega das armas, a F.U.R. pergunta: «Desarmar o P.P.D., o C.D.S. e o E.L.P. ou desarmar os órgãos do Poder Popular e as forças revolucionárias e progressistas?»

O que se passa com o problema das armas é em tudo análogo ao que se passa a outros níveis da vida do País. Será por acaso que, nos corredores onde frequentes vezes se encontram, já terão os senhores Pinheiro de Azevedo e Vasco Lourenço interrogado os seus parceiros do P.P.D. sobre o destino que estes pretendem dar às armas que possuem? Ou será que estas estão bem entregues em algumas unidades de confiança?»

A F.U.R. afirma mais à frente que «também no Chile, pouco tempo antes do golpe fascista de Pinochet, se desarmaram os trabalhadores e organizações de esquerda, e quem luta por que Portugal não seja o Chile da Europa terá que dizer não a mais este decreto fascista de desarmamento».

Na TAP, entretanto, foi criada uma comissão de apoio à F.U.R., que acusa de «sectarismo» a Comissão de Trabalhadores daquela empresa.

APOIOS À MANIFESTAÇÃO

Chegaram à nossa Redacção, comunicados de diversas organizações em apoio à manifestação da F.U.R. É o caso do P.R.P.-B.R. que manifesta o seu «total apoio e adesão», da Associação Portugal-Moçambique, Associação de Amizade Portugal-Guiné-Bissau, Cidac, Casa de Angola, Cec, Comité 4 de Fevereiro, Comissão de Moradores da Cova da Piedade, Comissão de Moradores de Belas, C.R.P.'s (Comandos Revolucionários Populares), Comissão de Moradores da freguesia de S. Jorge de Arroios, delegados sindicais da Orcore/Hubber/Biofarma, trabalhadores da Fima/Lever/Iglo, e Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução (Muti), Frente de Acção Popular dos Artistas Plásticos (Fapap).

O Partido Comunista Português, que realiza no dia 4, pelas 21.30 no Pavilhão do Sacavenense, uma jornada de solidariedade com o povo de Angola e de apoio ao M.P.L.A., vem através da D.O.R.L. afirmar que «nada tem a ver com essa manifestação», referindo-se à realização da F.U.R.

A União da Juventude Comunista, num texto onde denuncia as manobras do imperialismo em Angola, manifesta a «mais profunda solidariedade com o M. P. L. A. a sua organização da juventude J. M. P. L. A., legítimo representante da juventude de Angola».

O jornal estudantil «Viva a Revolução» ,secção a F. E. C. / O. C. M. L. P., desencadeou uma campanha de solidariedade para com a Fretilin, apelando para que o dinheiro recolhido, bem como material sanitário e médico seja entregue nas sedes do jornal em Coimbra, Porto e Lisboa.

JORNADA DE APOIO À FRETILIN

A Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas (F. E. M. L.), organização do M. R. P. P. para a juventude comunista estudantil, promove na 4.ª feira, dia 5 de Novembro, às 21 horas, na Aula Magna da Reitoria da Cidade Universitária, uma jornada de solidariedade com o povo irmão de Timor.

A jornada constará de uma realização cultural, seguida de debate com a participação de elementos do Comité de Acção da Fretilin em Portugal (C. A. F. P.). Foi entretanto lançada uma campanha de solidariedade da Juventude Estudantil com o povo irmão Timor, e que tem constado de aprovações de moções, recolha de fundos, medicamentos e material escolar, informações diárias nas escolas e ao povo sobre a heróica luta do povo Timor, edição de textos da sua vanguarda revolucionária, a Fretilin, exposições, etc..

Manifestação para libertar militar revolucionário

..«O aspirante Filipe de Oliveira encontra-se preso na Trafaria, por ordem do brigadeiro Azeredo, comandante militar da Madeira. Vinte dias de prisão é o preço que o militarismo reaccionário faz pagar a um militar progressista por se recusar a reprimir o povo e por denùnciar as actividades reaccionárias naquela ilha», afirma um comunicado dos núcleos S. U. V. e pró-S. U. V. divulgado ontem durante uma conferência de Imprensa dada por elementos daquela organização. Nesse comunicado revela-se igualmente que na próxima quarta-feira, às 19 horas, junto do Presídio Militar da Trafaria, haverá uma manifestação para exigir a libertação do aspirante preso.

«Liberdade para Filipe de Oliveira», prossegue o documento, «é uma exigência do povo da Madeira, é uma exigência da Comissão de Moradores de Benfica (da qual foi activista), é uma exigência de todos os militares revolucionários, que devem opor-se com toda a firmeza a esta aplicação do R. D. M. fascista. Os núcleos do S. U. V. e pró-S. U. V. vêm a público alertar todos os militares revolucionários contra esta medida repressiva e chamá-los à luta pela libertação do camarada Filipe de Oliveira.»

..Entretanto, militares revolucionários da Madeira denunciam, em comunicado, as condições que rodearam a prisão do aspirante Oliveira. Aí se afirma, designadamente:

. «Os fascistas separatistas que assaltaram a Emissora Nacional continuam à solta e à boa vida e, em seu lugar, metem na prisão soldados progressistas que estão ao lado do povo!»

Governador de Setúbal

No Ministério da Administração Interna, efectua-se esta tarde o acto de posse do governador civil do distrito de Setúbal, Hélder Nobre da Silva Madeira, cuja nomeaçao para aquele cargo oportunamente anunciámos.

SINDICATO DOS PROFESSORES

(Zona da Grande Lisboa)

HORÁRIO DE ABERTURA

A partir do próximo dia **3 de Novembro** o horário praticado nos serviços do Sindicato, quer para o Ensino Oficial quer para o Ensino Particular passa a ser o seguinte:

Todos os serviços excepto o **Contencioso** funcionam de 2.ª a 6.ª-feira.

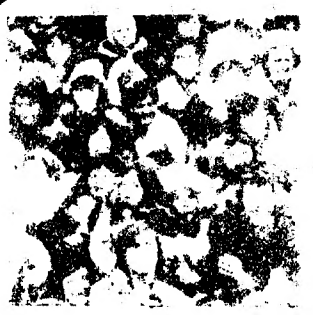
1) Serviço de Informações (apoio a sócios)	Local: Rua das Gaivotas, 6 (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 22.30 horas
2) Serviço de Pré-Contencioso	Local: Rua do Conde Redondo, 22 1.º Horário: das 10.30 às 13 e das 15 às 19 horas
3) Serviço de Contencioso	Local: Rua do Conde Redondo, 22, 1.º Horário: 3.as e 6.as-feiras das 19 às 21 horas **Nota:** Só mediante credencial do Pré-Contencioso poderão os sócios ser atendidos neste serviço.
4) Tesouraria	Local: Rua do Conde Redondo, 22, 1.º Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas
5) Serviço de actualização de Ficheiros e Emissão de cartões	Local: Rua das Gaivotas, 6 (ao Conde Barão) Horário: das 9.30 às 13 e das 15 às 18 horas

NOTA IMPORTANTE

Se é a primeira vez que se dirige ao seu Sindicato com uma certa questão, deverá apresentá-la no **Serviço de Informação.**

Os funcionários deste serviço verão depois a melhor forma de tratar o problema e porão o sócio em contacto com o serviço mais adequado.

Pel'A COMISSÃO DIRECTIVA



Ora diga-nos

AÇORES E MADEIRA INDEPENDENTES?

. a Independência dos Açores e da Madeira têm sido objecto nos últimos tempos de ditos «movimentos de libertação» daqueles arquipélagos e de manifestações organizadas pelos mesmos. O que muita gente não saberá é que por trás de aspiração tão legítima como é a independência de um povo estão interesses muito ilegítimos, tão ilegítimos que poderão, em recurso final, conduzir à guerra. No caso destes dois arquipélagos, não são tanto as suas riquezas naturais, até agora propriedade privada de meia dúzia de senhores, que movem interesses alheios: é antes a sua situação geográfica que levou os Estados Unidos a cobiçar os Açores e muito possivelmente a Madeira, sobretudo se as negociações com o Governo espanhol para construção de bases no país vizinho não chegarem a bom termo... Que pensa o povo, da «Pérola do Atlântico» e dos Açores, se os americanos procederem à «edificação» de bases?

José Carlos Castelo-Branco, estudante.

«Posso concordar com a independência se ela for concebida como independência de facto. Mas para que ambos os povos fiquem submetidos a uma potência estrangeira... então isso é uma independência absurda porque fictícia» — respondeu Manuel de Carvalho, ajudante de projeccionista.

«Bom, no caso dos Açores, eu penso que é uma manobra dos grandes senhores de lá e do imperialismo americano, para tanto uns como outros manterem as suas regalias. Na Madeira passa-se o mesmo caso, só que não tem ainda a mesma repercussão que nos Açores» — foi a resposta de

«Acho que não se deve dar a independência porque a situação geográfica dos Açores e da Madeira até pode tornar perigosa a nossa situação. Ficam ali no meio... E as bases militares são de facto muito perigosas — assim se exprimiu o electricista António Gonçalves.

S.U.V. EM ESTREMOZ

«Depois da constituição dos S. U. V. (Soldados Unidos Vencerão) no Porto, em Lisboa, Coimbra, Évora, Beja, Faro, etc. (...), nós, soldados do Regimento de Cavalaria de Estremoz, decidimos constituir os S. U. V. na nossa unidade» — assim começa um comunicado agora distribuído pelos S.U.V. de Estremoz. «Dadas as condições de repressão que se abatem sobre as nossas organizações somos obrigados a trabalhar clandestinamente», continuam os S. U. V.-Estremoz, que mais adiante afirmam: «Assim, a constituição dos S.U.V. na nossa unidade corresponde a uma necessidade sentida por nós, trabalhadores fardados, para lutarmos, não só por uma melhoria das condições de vida, mas também para que nos possamos pôr definitivamente ao serviço do povo trabalhador.»

ao seu serviço... mais uma nova Estação de Serviço GUÉRIN

na Av. Almirante Gago Coutinho, Lote 85-LISBOA

OFERECENDO:

- Assistência a todas as marcas
- Serviço Oficial VOLKSWAGEN
- Serviço Oficial DODGE (furgonetas)

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA GUÉRIN, uma garantia e uma economia!

SOC. COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L. - ESTAÇÃO DE SERVIÇO Nº3 - AV. ALM. GAGO COUTINHO, LOTE 85, LISBOA - TELEF. 726192/3

Nacional

NOVO ANO VIDA NOVA

Início de um novo ano escolar – e você mais crescida. Mais serena, mais segura de si.

É uma boa altura para experimentar tampões Tampax, a protecção higiénica de uso interno que cada vez mais raparigas experimentam e passam a usar. Vai achá-los, desde início, cómodos e discretos, fáceis de aplicar, de retirar e de eliminar.

Este ano, você vai, certamente, adquirir ideias mais amadurecidas acerca de muitas coisas.
A protecção segura dos tampões Tampax é apenas uma delas. Muito importante, porém, para uma rapariga que está a crescer.

A protecção interna em que mais mulheres confiam

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2.º - LISBOA

"A LUTA" RESPONDE AO RALIS

Da direcção do vespertino «A Luta» recebemos a seguinte carta:

«Realizou-se no quartel do Ralis, em Sacavém, um plenário em que foi discutida a entrevista concedida a este jornal por três militares daquela unidade, publicada na edição de 22 do corrente.

Em declarações radiodifundidas na noite de ontem e hoje reproduzidas pelos jornais da manhã, verificámos que a essa discussão tiveram acesso órgãos de comunicação social, tendo sido referida a ausência de dois deles, sendo um «A Luta». Temos a esclarecer que não recebemos para essa reunião qualquer convite e que desconhecíamos a sua realização.

Quanto ao conteúdo das afirmações produzidas nessa ocasião, devolvemos as injúrias, insultos e calúnias de que fomos objecto, lembrando ao Povo português que a maioria daqueles que fazem este jornal lutaram toda a vida coerentemente para derrubar o fascismo, enquanto autores das injúrias, insultos e calúnias sobre nós lançados combatiam, durante longos anos, os movimentos de libertação dos povos das colónias e eram o sustentáculo do regime deposto.

De um modo muito geral e resumido — pois o espaço deste jornal tem que ser ocupado com temas mais interessantes e importantes, apenas queremos afirmar o seguinte:

a) Três militares do Ralis mostraram interesse em revelar ao nosso jornal o seu ponto de vista sobre a situação na sua unidade.

b) Os responsáveis pelo jornal destacaram um redactor para recolher o seu testemunho.

c) Esse trabalho foi publicado na edição de 22-10-75.

d) Não nos compete responder às acusações lançadas ao Partido Socialista. Somos, efectivamente, um jornal independente e praticamos essa independência todos os dias. No entanto, a irresponsabilidade de que o major Dinis de Almeida deu provas ao fazer o contraste entre as rugas dos Camponeses e as «potentes nádegas do dr. Mário Soares», merecem o nosso total desprezo. Consideramos que afirmações deste teor não honram um oficial. O pseudo-revolucionarismo recente do major Dinis de Almeida, apoiado na mais primária demagogia, nunca lhe custou a deportação e o exílio por anticolonialismo e combate pela libertação do nosso povo, preço pago pelo dr. Mário Soares e por muitos outros antifascistas de sempre, independentemente da sua filiação partidária.

e) Consideramos a exigência formulada na moção, de presença no quartel do redactor que recolheu a entrevista, para revelar a identidade dos militares entrevistados, um convite à denúncia pidesca. E, entre nós, não trabalham denunciantes.

f) Independentemente da Lei de Imprensa em vigor proteger muito claramente o sigilo profissional, nem moralmente nos sentiríamos obrigados pelo respeito que devemos a nós próprios a revelar a identidade dos entrevistados, até porque nunca vimos exigir, em parte nenhuma, fosse por que autoridade fosse, a identidade de militares encapuçados, reunidos em movimento clandestino, que dão conferências de Imprensa sempre que lhes apetece. Pelo contrário, temo-lo visto tacitamente aceites, quando não apoiados, por autoridades responsáveis. É por isso que, neste momento, qualquer militar deste País se sente no pleno direito de fazer as declarações públicas que entender, sem estar obrigado a revelar a sua identidade. Não será, portanto, o major Dinis de Almeida, ou quem quer que seja, a impor, a «lei do funil», a não ser pela força bruta.

g) Registamos os esforços que o major Dinis de Almeida afirma ter despendido para evitar que militares sob seu comando viessem destruir as nossas instalações. Ficámos todos, nós e o público que nos lê, a saber que, se um dia destes aparecermos saqueados, o major Dinis de Almeida ou não quis ou não conseguiu comandar os seus homens.

SÁ CARNEIRO ATACA SOARES

Francisco Sá Carneiro, secretário-geral do P. P. D., deslocou-se ontem a Leiria, onde presidiu a um comício-manifestação. A nota mais relevante foi o ataque desferido pelo dirigente social-democrata ao dr. Mário Soares, secretário-geral do Partido Socialista. Motivo: «As atitudes de ligação com o P. C. P. e sempre contraditórias, que só procuram estorvar a acção de Pinheiro de Azevedo».

Além deste ataque a Soares, Sá Carneiro haveria ainda de fazer um apelo à Igreja, para que esta «faça sentir a sua força, evitando que o País seja, no futuro, esmagado por um partido único».

Relativamente à descolonização de Angola, Sá Carneiro defendeu que a «entrega de Angola ao M. P. L. A. é fazer o jogo que convém ao Partido Comunista». No final do comício o dirigente do P. P. D. convidou os manifestantes a dirigirem-se ao quartel do Regimento de Leiria, onde se procedeu à entrega, ao comandante, de uma moção onde se afirma: «O povo vê surgir com inquietação o espectro da ruína a que nos vem conduzindo a escalada da desordem, anarquia e aventureirismo, a que nem o Exército, fiel garante da honra e da própria independência nacional, se subtrai.»

TRABALHADORES DESMENTEM "A LUTA"

A propósito de uma notícia inserida com grande destaque na primeira página da edição de 30 de Outubro do vespertino «A Luta» sob o título: «Milícias Armadas Poderão Encaminhar-nos para a Guerra Civil — afirmou o general Otelo ao nosso jornal», recebemos, com pedido de publicação, um comunicado da Comissão de Trabalhadores da Fábrica Militar de Braço de Prata, onde se afirma não se ter realizado nessa fábrica, pelo menos a nível de trabalhadores, ou dos seus órgãos representativos, qualquer reunião, «o que impossibilita a tomada de qualquer posição relativamente ao noticiado na primeira página do citado jornal socialista, pluralista e independente». Nesse comunicado a Comissão de Trabalhadores afirma ter-se realizado apenas no Centro Cultural e Desportivo (Inatel) dos Trabalhadores da F.M.B.P. um plenário da Assembleia Popular da 7.ª Zona (Oriental), «não tendo estes órgãos do poder popular tomado posição de qualquer forma identificável com a notícia em questão». Assim, a C.T. afirma:

«A única justificação que se encontra para a produção de uma notícia deste género é a necessidade que o repórter terá sentido de motivar o general Otelo para uma resposta a uma questão concreta que o jornalista não terá tido a coragem de lhe pôr directamente. Parece, de facto, mais fácil colocar o problema indirectamente mesmo caluniando um estabelecimento fabril e uma unidade militar, indubitavelmente ligados ao processo revolucionário.»

Deste modo a Comissão de Trabalhadores da F.M.B.P. «repudia veementemente a notícia publicada por não corresponder à verdade e pelo que tem de irresponsável e contra-revolucionário».

CIRCULAR INFORMATIVA PARA O SECTOR METALÚRGICO

1 — **Dada a grave crise que afecta o sector metalúrgico e tendo em vista a estruturação do respectivo sector, no que respeita às pequenas e médias empresas do País, reuniram-se no dia 22/10/1975, nas instalações da Escola Académica, no Largo Conde Barão, Lisboa, as Comissões de Trabalhadores das empresas: METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, CASA CAPUCHO, TONUS, METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, SONORTE, MOALI, FERUNI, CORAME, HANDY, D.M.C., MEVIL, UNIÃO DAS COOPERATIVAS METALO-MECÂNICAS, assim como representantes da COORDENADORA DA METALO-MECÂNICA PESADA e do SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA, que apoia desde a primeira hora esta iniciativa.**
Da ordem de trabalhos destacamos o 3.º ponto — «apresentação do Anteprojecto que regulará a actividade do sector metalomecânico e metalurgia ligeira». Nessa mesma reunião foi formado um grupo de trabalho provisório, no sentido de organizar uma futura coordenadora do sector (Pró-Coordenadora da Metalo-Mecânica Ligeira).

2 — **Este grupo de trabalho, já em laboração plena, está a fazer o levantamento do sector que, de início e como arranque, englobará três zonas objectivamente ligadas: Lisboa, Setúbal e Santarém.**
Como, fazer o levantamento do sector, implica um salutar recenseamento ao nível do mesmo, foram elaboradas fichas de inquérito, nas quais constarão as possibilidades técnicas, humanas, capacidades de fabrico, áreas coberta e descoberta, potencial (máquinas, aparelhos de elevação, etc.), de modo que este grupo de trabalho possa ter uma panorâmica real e concreta de todo o sector a coordenar.
A Coordenadora do ramo metalúrgico, que abrangerá as pequenas e médias empresas, será constituída para entre outras medidas que favoreçam os trabalhadores, elaborar a planificação e distribuição de trabalho pelas empresas, segundo as suas necessidades e respectivas capacidades técnicas potenciais e humanas.

3 — **Em seguimento a estas informações, que julgamos imprescindíveis, apelamos para que todos os trabalhadores das zonas atrás mencionadas, por intermédio das suas comissões, se manifestem no sentido da defesa dos seus reais interesses, tais como: direito ao trabalho e controlo da produção, fortalecendo a posição das grandes massas trabalhadoras e da respectiva economia nacional delas dependente.**

4 — **De igual modo incentivamos, como passo inadiável para a organização nacional, os trabalhadores das restantes regiões a organizarem-se imediatamente e no mesmo sentido, para que todos juntos consigamos pôr efectivamente este ramo de actividade no lugar que lhe compete, ao serviço da sociedade que o nosso povo exige.**

CAMARADA, PARTICIPA
DIVULGA ESTA INICIATIVA
CONTACTA CONNOSCO, DURANTE TODO O DIA
ESTAMOS PROVISÓRIAMENTE NA CALÇADA DE SANTOS, 3-2.º, LISBOA
PROCURA CONNOSCO A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO SECTOR
PELA ORGANIZAÇÃO E UNIFICAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES METALÚRGICOS!
EM FRENTE PELA COORDENAÇÃO SECTORIAL!
SAUDAÇÕES DO GRUPO DE TRABALHO

Lisboa, 29/10/75.

Pelo SECRETARIADO

Trajectória

a Tecnologia
ao serviço nacional,
ao Seu serviço.

Rapidez na resposta,
eficiência de serviços, segurança
e garantia de eficácia
nos resultados obtidos,
são propostas rigorosas na resolução
dos seus problemas de sondagens,
perfurações e
pesquisas de água. Obtenha num
dia o resultado de três meses de
expectativas, evitando perdas
de tempo, contrariedades,
fadigas, etc. Colocamos a nossa
experiência ao serviço nacional,
ao seu serviço...

Consulte-nos.

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Telef. 248 0452
Alvarinhos — Sintra

A C. P. INFORMA:

L E I L Ã O

Em 10 de Novembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e os donos dos volumes de que podem proceder à sua retirada até ao dia 7 de Novembro, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, deverão ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nas estações encontram-se afixados os Avisos correspondentes ao referido leilão.

Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ SADO

Nacional

OTELO NO PLENÁRIO DO BARREIRO

"OS MILITARES PROGRESSISTAS IRÃO REGRESSAR E VIATURAS DO EXÉRCITO VÃO AUXILIAR A REFORMA AGRÁRIA"

«Os militares progressistas irão regressar» — afirmou o general Otelo Saraiva de Carvalho no plenário efectuado no Barreiro sobre a Reforma Agrária, sábado passado, frente a frente com milhares de trabalhadores. Encontrava-se superlotado o pavilhão gimnodesportivo da Cuf. Objectivo da reunião: a imediata distribuição de adubos aos trabalhadores rurais. Estavam presentes mais de cinco mil trabalhadores (e outro tanto havia cá fora), muitos deles pertencentes a diversos sindicatos agrícolas, a uniões de Ligas de Pequenos e Médios Agricultores, a conselhos gerais, a comissões coordenadoras, etc. E Otelo, muito e muito aplaudido: «Adubos e sementes serão transportadas para as terras em viaturas militares. É uma decisão militar».

A medida foi tomada para neutralizar o «boicote sistemático que tem havido no transporte dos adubos, das sementes, das rações para o gado e de outros produtos necessários para que seja garantida a normal produção dos campos e a evacuação regular dos produtos das unidades industriais».

ELOGIO DE VASCO

Otelo, cada vez mais aclamado:

. «Eu vim aqui por um motivo muito específico».

E contou, então, que na semana passada recebera um grupo de companheiros trabalhadores do Alentejo e Santarém que lhe foram pôr alguns dos problemas que afectam verdadeiramente a Reforma Agrária. Como diria o general, recebeu desses trabalhadores «uma autêntica aula prática».

Sempre entusiasmado, o general Otelo referiu-se ao «Che» nestes termos:

. «O grande Ernesto «Che» Guevara, meu ídolo da juventude e meu até hoje, disse um dia acerca do campo: «Nenhuma terra sem trabalhador, e nenhum trabalhador sem terra». E é esta uma meta a atingir. Não podemos permitir que no nosso país, na sociedade socialista que queremos implantar, venha a existir um trabalhador sem terra para cultivar».

Quando aludiu a Fidel Castro, Otelo afirmou:

«Esse foi um dos grandes revolucionários com quem de mais perto lidei...»

Logo se levantaram vozes no pavilhão:

«E o general Vasco Gonçalves?»

Otelo, então, teceu um grande elogio a Vasco Gonçalves, considerando-o um grande revolucionário, um homem de grande integridade, e afirmando que a sua amizade para com o ex-primeiro-ministro se mantinha inteira.

E disse:

«Ele já voltou!»

Referia-se ao facto de hoje o general Vasco Gonçalves tomar posse do cargo de director do Instituto dos Altos Estudos Militares.

O pavilhão explodiu em aplausos. Cinquenta segundos de «Vasco! Vasco! Vasco!» E logo depois «Vasco voltará!», já com outro sentido, já com outra vontade.

não à direita

Otelo referiu-se ainda a figuras que teriam de ser recuperadas para a revolução. «É tudo uma questão de elucidação!» Quanto aos reaccionários, disse Otelo:

. «Temos, sim, de eliminar aqueles que consideramos totalmente irrecuperáveis. Temos que esquecer as cores e unir esforços. Claro que este unir de esforços e esquecer de cores tem de ser à esquerda, porque elementos irrecuperáveis de direita não podem vir num processo revolucionário.»

. E já a terminar, acentuou Otelo:

. «Todos os revolucionários que nós conhecemos nas F. A. tenho a certeza que regressarão aos seus postos. Isto porque a Revolução Portuguesa não pode dispensar homens profundamente revolucionários.»

. E como fim:

. «Nunca esquecerei esta aula prática que vocês todos me deram aqui!.»

APOIO AO M.P.L.A.

Usaram ainda da palavra o dr. António Bica e o eng. Oliveira Baptista (ministro da Agricultura do V Governo), cujas palavras amanhã publicaremos, dado que hoje não nos sobeja o espaço.

Resumindo, diremos ainda que os trabalhadores repudiaram as tentativas para desalojar Otelo e Fabião e responsabilizaram Salgado Zenha e Lopes Cardoso «pela sabotagem que estão a cometer.»

. Ainda em relação às manobras que as forças da burguesia vêm desenvolvendo contra os órgãos de Informação, escrita e falada (e RTP) foi aprovado o seguinte documento:

«1 — O mais vivo repudio pela actuação de membros do Conselho da Revolução e do Governo, demonstrativa de cedências a pressões partidárias contra-revolucionárias;

2 — Um voto de censura e desconfiança à actuação do ministro Almeida Santos, aliado das forças direitistas;

. 3 — Exigem que o «contrôle» das estações emissoras, TV e Imprensa escrita, seja feito pelos trabalhadores;

. 4 — Total apoio revolucionário à luta dos trabalhadores progressistas dos órgãos da Informação, na certeza de que a vitória final é dos trabalhadores;

. 5 — Total apoio à luta dos trabalhadores da «República», «O Século», «Setubalense» e Rádio Renascença;

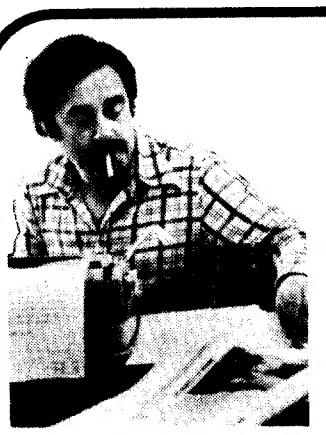
. 6 — Solidariedade e apoio revolucionário ao operário Francisco Lopes, actual director de «O Século».

Outra moção, aprovada sobre a independência de Angola;

. «1 — Que Portugal respeite o acesso à independência do povo angolano, na data fixada, 11 de Novembro de 1975;

. 2 — Que Portugal reconheça internacionalmente como único e legítimo representante do povo angolano o M. P. L. A.

3 — Incondicional apoio ao M. P. L. A., na luta pela libertação e independência do povo angolano.»



O repórter de serviço

ANTÓNIO TADEU

CAMÕES, GRANDE CAMÕES

. Palavra que gosto cada vez mais do Largo de Camões. E até aposto que o poeta, embora continue cego de um olho, também deve estar contente com o Largo onde o puseram em bronze, na companhia de outras ínclitas figuras em pedra. O Largo está uma maravilha de vida, mesmo a condizer com o poeta, que era um vivaço, como toda a gente sabe, menos aqueles que só o conhecem por terem sido obrigados a dividir as orações dos «Lusíadas». Ainda hoje cheguei tarde à redacção só porque passei no Largo de Camões. Passei e fiquei por lá, esquecido do horário. Malta a falar, malta a rir, a passear, a discutir. Malta a vender, malta a comprar. Cassetes, brinquedos, roupas, bugigangas, obras de arte («soit-disant») receptores, flores, outros amores... (cala-te boca).

Estava eu mui maravilhado naquele largo desta cidade de muitas e desvairadas gentes, eis senão quando aparecem os jornais da tarde, ali gritados alto e bom som. «Ora bolas, estou atrasado. Tenho de ir para o trabalho» — e segui arreliado. Vai daí, mesmo à minha frente, um fulano ia a ler o «Diário de Lisboa» muito entretido, a pumba esbarra na banca de uma vendedora de carrinhos de plástico, manda tudo ao charco. Alarido, tudo a ajudar, e uma senhora muito *chic*, muito *chic*, a olhar. Passou bateu no ombro ao ardina e pediu: «A Luta». Pegou «A Luta», pagou os quatro da ordem e continuou «A Luta» debaixo do braço, como um distintivo. A senhora desceu para as bandas do Chiado. Eu subi para o lado oposto, a caminho aqui da nossa rua — a Luz Soriano.

Não posso garantir se algum vendedor de cassetes tinha no respectivo leitor a cantiga, ou se aquela moda do José Afonso que diz a certa altura que a palavra socialismo anda um tanto mudada, de colarinhos à sueca, toda muito aperaltada. Não ponho aspas porque não me lembro bem da letra, mas é isto, mais ou menos.

JÚRI NOS TRIBUNAIS

Continuação da pág. 1

do Ministério Público e das partes, ficando todos sujeitos à obrigação de não revelar os nomes dos jurados, sob pena de violação de segredo de justiça, para além das sanções disciplinares.

Uma vez aberta a audiência, será feita a chamada dos representantes da acusação e da defesa, do réu, do ofendido, das testemunhas e dos peritos e demais pessoas convocadas. Em seguida proceder-se-á à chamada dos jurados que constituem a pauta.

. Se não houver possibilidade de construir o júri, será adiado o julgamento e designado novo dia, organizando previamente o juiz presidente, uma pauta suplementar com o número, em duplicado, dos jurados precisos, que serão devidamente notificados.

Até ser constituído o júri, pode qualquer jurado alegar causa legítima de escusa. Deduzida a escusa, o juiz presidente, apreciada a sua prova e ouvida a acusação e defesa, decidirá na acta.

O júri será composto pelos três juízes que constituem o tribunal colectivo e por oito jurados efectivos e dois suplentes, que só intervirão quando, durante o julgamento, alguns dos efectivos se impossibilitar.

O Ministério Público, a parte acusadora ou o réu poderão requerer, e qualquer dos juízes que constituem o tribunal colectivo pedir, que a pauta do júri seja constituída com jurados de três comarcas, quando ocorrerem circunstâncias tão graves que tornem justificada esta medida. Se o Supremo Tribunal de Justiça permitir a formação de júri misto, o juiz do processo requisitará, com a maior urgência, e até telegraficamente, aos respectivos juízes, que procedam ao sorteio de oito jurados.

A pauta do júri misto será formada com os oito jurados sorteados de cada uma das três comarcas, e uma cópia daquela será entregue ao Ministério Público, outra à parte acusadora e outra ao réu, quando forem notificados no dia do julgamento.

O sorteio do júri será feito por forma a que os quatro primeiros jurados que se sorteiem pertençam às comarcas vizinhas daquela onde é julgado o processo, para o que, até ser sorteado esse número, só entrarão na urna os bilhetes que contenham o número de jurados daquelas duas comarcas.

Organizado o júri, os jurados prestarão compromisso de honra perante o presidente do tribunal.

COMISSÃO NACIONAL DE DESCOLONIZAÇÃO

. .Reuniu-se a partir das 10 e 30 da manhã, em Belém, a Comissão Nacional de Descolonização, presidida pelo general Costa Gomes. Não participaram na reunião, em virtude de estarem ausentes em contactos internacionais, os ministros Melo Crespo e Vítor Antunes. Embora nada tenha transpirado até ao momento admite-se que Angola tenha sido o tema dominante da reunião.

À mesma hora, 10 e 30, o almirante Pinheiro de Azevedo estava em despacho com o chefe do Gabinete do ministro da Defesa. Às 11 o Primeiro-Ministro recebia em audiência o embaixador da Grã-Bretanha e uma hora depois, 12, estava em despacho com o secretário-geral da Assembleia Constituinte. Às 15 horas iniciou-se a reunião do Conselho de Ministros sob a presidência do Primeiro-Ministro.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Proposta aprovada em assembleia geral de 30-10-1975

Proponho que, considerando o boicote activo que se verificou ao acto eleitoral, se adopte a seguinte solução:

1. Considerando que os votantes para a eleição da Comissão Directiva são apenas, por direito, aqueles que estiveram presentes e assinaram as folhas de presenças nesta sessão da Assembleia Geral, para o efeito do n.º 2 da Ordem dos Trabalhos;

2. Considerando que, através das folhas de presença existentes é possível a qualquer momento arrolar convenientemente esses sócios;

3. Considerando que uma Assembleia Geral se pode desenrolar por várias sessões;

4. Considerando que é urgente dotar o Sindicato de uma Comissão Directiva;

5. Considerando que há o perigo de o Sindicato, por via da anarquia assim criada, cair na mão de golpistas, oportunistas ou reaccionários;

Proponho:

1. Que esta Assembleia aprove a continuação da sessão, sobre o ponto 2. da Ordem de Trabalhos — Votação para a eleição da Comissão Directiva, no dia três de Novembro de 1975, das doze horas às vinte e quatro horas, na sede do Sindicato, em sala a determinar;

2. Que a referida votação seja feita do modo seguinte:

a. Voto secreto em urnas para o efeito preparadas;

b. Conferência dos nomes dos votantes pelas folhas de presença desta Assembleia, só sendo aceites a votar os que delas constem;

c. Conferência simultânea, com descarga, das listagens de sócios, a fim de preparar o escrutínio final;

d. Composição das mesas assim determinadas:

1.ª mesa: Presidente, da lista A; Secretário, da lista B; Escrutinador, da lista C.
2.ª mesa: Presidente, da lista B; Secretário, da lista C; Escrutinador, da lista A.
3.ª mesa: Presidente, da lista C; Secretário, da lista A; Escrutinador, da lista B.

3. O escrutínio será feito a partir das 24 horas, na presença dos sócios que ao acto queiram assistir.

4. Fica desde já empossada como Comissão Gestora de emergência a Mesa que conduziu esta parte dos trabalhos, mais dois elementos de cada lista, num total de nove sócios, cujo mandato cessa no momento em que esteja eleita, de acordo com os preceitos anteriores, a nova Comissão Directiva, e a mesma tomado posse.

5. A tomada de posse da lista eleita como Comissão Directiva far-se-á logo após a proclamação e assinatura da acta do acto eleitoral, pelo Presidente Provisório da Mesa em exercício.

6. Para que os cadernos eleitorais ofereçam garantias, hoje mesmo, deslocar-se-á ao Sindicato a Mesa Provisória, mais três elementos de cada lista, com a seguinte finalidade:

Elaborar três fotocópias das folhas de presença a esta Assembleia, autenticadas por um membro de cada lista, ficando cada uma delas em poder de cada uma das listas. O original servirá ao Presidente da Mesa Provisória para apensar à Acta da Assembleia.

7. Finda a aprovação desta proposta, dar-se-ão por suspensos os trabalhos, até à hora, data e local já apontados no ponto um desta proposta.

Adenda: Que seja dada ampla informação pela rádio e Imprensa da proposta acima mencionada».

«SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA»

CONVOCATÓRIA

Por decisão da Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 30.10.1975, convocam-se todos os sócios que nela tomaram parte e assinaram a respectiva folha de presenças, para uma Assembleia Geral, em continuação da que acima referimos, que se realiza na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, Rua Braamcamp, 9, no dia 3 de Novembro de 1975, das 12 horas às 24 horas, a fim de se proceder à votação para eleição da Comissão Directiva Provisória».

PEL' A MESA PROVISÓRIA DA ASSEMBLEIA GERAL
Ilegível

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL JOSEFA DE ÓBIDOS

Comunica que as aulas se iniciam no dia 4 de Novembro com excepção do 1.º ano (7.º ano de Escolaridade).

Trabalho

TRABALHADORES DO CIRCO CONTESTAM

Contra a luta dos trabalhadores do Circo — «uma das classes mais exploradas e marginalizadas pelo fascismo» — de acordo com um comunicado divulgado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos», levanta-se agora, às claras, o VI Governo através do ministro dr. Almeida Santos e Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos». A luta dos trabalhadores do circo desenvolve-se no sentido de garantir a «justiça, o emprego e os interesses da classe». O subsídio para a Aldeia do Circo, uma das suas reivindicações, «estava mesmo atribuido pelo V Governo Provisório, faltando a decisão final».

«A entrada do VI Governo Provisório marcou o aparecimento de novos problemas — refere-se no comunicado — que sob a capa do legalismo põem em causa o encaminhamento das soluções entravando a concessão do subsídio para a Aldeia do Circo e pondo à distância o dos Circos-Cooperativas».

A concessão de dois subsídios de dois mil e dois mil e cem contos, respectivamente, é encarada pelos trabalhadores do Circo como uma manobra do VI Governo «devido a saber que (...) não se deixam manipular pelos subsídios e lutam se necessário com o risco da própria vida contra a exploração capitalista e pelo risco ao serviço do povo, em aliança com a luta dos explorados e oprimidos».

O caso dos circos que funcionam ilegalmente e que já tinham sido objecto de ordem para encerramento, por parte do Ministério da Comunicação Social é igualmente focado.

NOTAS OFICIOSAS

O caso "Ferreira da Cunha"

Do Ministério da Comunicação Social recebemos a seguinte nota oficiosa que publicamos na íntegra, ao abrigo do Art.º 15 da Lei de Imprensa:

Os trabalhadores deste Ministério emitiram um comunicado onde, nomeadamente, afirmam que:

1. — Face às provas de actuação e comprometimento policial-fascista, ao mais alto nível, do tenente-coronel Ferreira da Cunha com o regime anterior ao 25 de Abril se solidarizam com a posição de desconfiança da comissão de trabalhadores em relação àquele membro do Governo.

2 — Exigem a sua suspensão das funções de secretário de Estado da Informação até à conclusão do inquérito por ele solicitado ao Conselho da Revolução.

3 — Decidem fazer imediatamente parte desta decisão ao ministro Almeida Santos, exigindo-lhe que encaminhe para o Presidente da República, Conselho de Ministros e Conselho da Revolução esta decisão, dando-lhes um prazo até segunda-feira, dia 3 de Novembro, às 20 horas, para uma tomada de posição.

4 — Decidem que a comissão de trabalhadores dê conhecimento imediato desta decisão às comissões de trabalhadores e conselhos de redacção dos diversos órgãos de Informação e aos órgãos do Poder Popular (C. T. S. M. e comissões de soldados) e, em conjunto com eles, desenvolver acções no interior de um «comité» de luta a formar».

Estas deliberações teriam sido tomadas, segundo a convocatória da sua reunião, porque informações publicadas nos órgãos de comunicação social e outras chegadas às mãos da C. T. do Ministério da Comunicação Social «revelam que o tenente-coronel Ferreira da Cunha colaborou directamente com o C. D. I. (Centro de Documentação Internacional)», cujas características e actividade relatam.

Relativamente à assembleia dos referidos trabalhadores, aos respectivos comunicado e convocatória e ao assunto nestes mencionado, o Ministério da Comunicação Social esclarece e informa:

1.º — Que o secretário de Estado da Informação, tenente-coronel Ferreira da Cunha, repudia como falsas e caluniosas todas as notícias e afirmações segundo as quais teria colaborado com o C. D.I. (Centro de Documentação Internacional).

2.º — Que, ao ter conhecimento das notícias publicadas em alguns órgãos de informação, que afirmavam ou insinuavam ter prestado serviço ou informações ao C. D. I. imediatamente requereu ao Conselho da Revolução a nomeação de uma comissão de inquérito às suas actividades anteriores e posteriores a 25 de Abril, por forma a concluir-se se devem ser consideradas como revolucionárias ou contra-revolucionárias, incluindo nas suas conclusões, se prestou ou não serviço ou colaboração ao C. D. I, P. I. D. E., Legião ou quaisquer outras organizações fascistas reservando-se o direito de posteriormente, processar judicialmente os órgãos de Informação ou outras entidades individuais ou colectivas que tenham contribuido ou venham a contribuir para a campanha atentória e difamatória da sua honorabilidade pessoal, profissional e revolucionária.

3.º — Que a esta sua atitude deu a necessária publicidade, sendo certo que os trabalhadores do M. C. S. dela mostraram ter conhecimento.

4. — Que, apesar disso, e pela consideração que na generalidade lhe merecem aqueles trabalhadores, se apresentou naquela reunião, não para defender-se ou justificar-se, mas para os elucidar sobre aspectos essenciais do seu passado revolucionário, incompatíveis com a credibilidade da campanha de difamação contra si movida.

5. — Que logo após deixou a assembleia — onde se encontrava reunida uma escassa minoria dos funcionários do M. C. S. — tendo a sua intervenção sido sublinhada com palmas.

6. — Que os mesmos trabalhadores não desconhecem que, como oficial das Forças Armadas, só aos seus superiores hierárquicos deve explicações e justificações, não estando, nomeadamente, sujeito aos juízos e critérios das comissões de saneamento e reclassificação.

7. — Que os mesmos trabalhadores sabem ainda que, como membro do Governo, como tal nomeado após o 25 de Abril de 1974, escaparia sempre à censura das mesmas comissões, ainda que não fosse oficial superior, salvo no caso de se provar ter colaborado com a P. I. D. E., hipótese que, tal como as demais configuradas, considera fora de toda a cogitação.

8. — Que, por isso mesmo, tomou a iniciativa de requerer um inquérito sobre seus actos ao Conselho da Revolução.

9. — Que seria de todo em todo despropositado que os trabalhadores do Ministério de que é secretário de Estado pudessem arrogar-se uma competência que é denegada às próprias comissões de saneamento e tomar iniciativas que foram solicitadas ao Conselho da Revolução e a este competem.

10. — Que representa intolerável intromissão na actividade e competência do Conselho da Revolução a «exigência» da suspensão do referido secretário de Estado, que aliás implicaria a antecipação de uma pena vexatória a factos não averiguados.

11. — Que representa errada compreensão dos seus direitos e deveres o acto de «exigirem» do ministro da Comunicação Social o encaminhamento da sua deliberação para o Presidente da República, Conselho de Ministros e Conselho da Revolução, até porque este Conselho, onde têm assento o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, já têm conhecimento das referidas acusações.

12. — Que representa também má compreensão dos seus direitos e deveres funcionais a «exigência» de que o Ministério da Comunicação Social dê àquelas entidades um prazo «até segunda-feira, dia 3 de Novembro, às 20 horas» (prazo que inclui um domingo e um feriado) para uma tomada de posição.

13. — Que constitui acto gravemente responsabilizante a «decisão» — em parte já concretizada — de darem conhecimento da sua deliberação às comissões de trabalhadores e aos conselhos de Redacção dos diversos órgãos de Informação, aos órgãos do poder popular (comissões de trabalhadores, comissões de moradores e comissões de soldados).

14. — Que é particularmente grave, da parte de funcionários em relação a um superior e membro do Governo a «decisão» de, em conjunto com aquelas comissões, com realce para as de soldados, desenvolverem acções no interior de um «comité» de luta a formar.

15. — Que todas as referidas «decisões» surgem agravadas pela circunstância de não virem referidas a factos concretos, reportados a circunstâncias de tempo, lugar ou outras, ou a provas, mas apenas a notícias de jornais igualmente carecidas de conteúdo factual ou de prova, com o vago acréscimo de outras informações chegadas às mãos da comissão de trabalhadores do Ministério da Comunicação Social.

16. — Que, a vingarem tais atitudes e critérios, sem a justa reprovação, resultariam destruídas toda a disciplina e hierarquia da função pública, seriam postergados os critérios legais e as garantias de defesa dos funcionários objecto de inquérito para saneamento, e legitimar-se-iam formas de luta política no âmbito da função pública, que deve reger-se pela disciplina própria, prevista na Lei.

17. — Que, como é patente, a referida reunião de trabalhadores, a ajuizar pelo comunicado final emitido, se situa no âmbito de uma campanha mais vasta de mobilização política, agora ao nível da função pública.

18. — Que, no propósito de carrear para o processo de inquérito requerido pelo secretário de Estado Ferreira da Cunha, todos os elementos que possam, não propriamente contribuir para o esclarecimento da verdade, pois não é esse o caso, mas constituir elementos de acusação, ainda que infundados, vão ser remetidos pelo Ministério da Comunicação Social ao presidente do Conselho da Revolução e ao Primeiro-Ministro, os mencionados convocatória e comunicado.

19. — Que o conhecimento desses documentos servirá também para aquilatar das responsabilidades assumidas pelos referidos funcionários, ou pelas que venham a assumir na execução das acções que anunciam e das medidas que, no plano funcional ou outro, forem julgadas legais, adequadas e justas.

Sobre o horário da panificação

Do Ministério do Trabalho, recebemos a seguinte nota oficiosa, que publicamos na íntegra, ao abrigo do art.º 15 da Lei de Imprensa.

«1.º Realizou-se no dia 31 de Outubro, uma reunião entre o ministro e o secretário de Estado do Trabalho e os Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria de Panificação de todo o País. A reunião versou essencialmente sobre o problema do horário de trabalho.

2.º Os sindicatos expuseram, mais uma vez, as razões que levaram os trabalhadores da panificação a reivindicar o horário diurno. O consenso existente entre eles parece inclinar-se no sentido de um horário com início às 5 horas da manhã, em todo o País, desde que se resolva o problema dos transportes para os locais de trabalho nas áreas de Lisboa, Porto e Coimbra. Horários deste tipo já são praticados, há algum tempo, em vários distritos do País e, segundo os sindicatos, não têm levantado grandes protestos do público.

Os dirigentes sindicais comunicaram ainda ao Ministério do Trabalho que, a partir dos próximos dias 3 e 4 de Novembro e de acordo com decisões tomadas em assembleias gerais, os trabalhadores tencionam pôr em prática o horário diurno em todo o País.

3.º Os representantes do Ministério do Trabalho esclareceram os dirigentes sindicais de que a tomada de posição do Conselho de Ministros sobre o assunto em causa tinha fundamentalmente em vista alertar para que problemas desta natureza de forma alguma podem ser solucionados unilateralmente, dado que interessam a toda a população em geral. Por isso, ela tem de ser consultada.

Nesta ordem de ideias, o secretário de Estado do Trabalho informou os Sindicatos da Panificação de que já tinha mandado enviar um inquérito a todos os sindicatos e aos organismos de fiscalização do Comércio Interno, com vista a recolher informações sobre a posição do público consumidor, dos hospitais, etc. face a uma eventual mudança de horário. Este inquérito estará concluído até ao fim da próxima semana.

Por seu turno, o ministro do Trabalho manifestou a sua compreensão perante as reivindicações dos trabalhadores da panificação e defendeu a necessidade de se encontrar uma plataforma de entendimento razoável, tendo em conta os horários já praticados noutros países. O ministro propôs-se mesmo apresentar essa plataforma a um dos próximos Conselhos de Ministros, com vista à definição por via administrativa de um horário nacional para a indústria de panificação.

4.º Assim, em resultado destas conversações, o Ministério aguardará pelas respostas ao inquérito, durante a próxima semana. Entretanto, será estudada uma solução para o problema dos transportes nas áreas de Lisboa, Porto e Coimbra, com a indispensável cooperação dos sindicatos interessados. Com base nestes elementos, o ministro do Trabalho submeterá imediatamente o assunto ao Conselho de Ministros, com vista a ser estabelecido, dentro de escassos dias, um novo horário nacional para a indústria da panificação.

O Ministério do Trabalho faz um apelo especial às entidades patronais e aos sindicatos no sentido de se evitarem ameaças de violência, confrontações físicas, etc. A solução que agora se está a desenhar irá salvaguardar, no fundamental, os interesses de ambas as partes. Apela-se também para o público consumidor no sentido da mais ampla compreensão para este problema.

FINS-DE-SEMANA
ALGARVE — LAGOS

Hotéis	A.P.A.	M/Pensão	P/Completa
S. CRISTÓVÃO	220$00	340$00	440$00
MEIA PRAIA	—	350$00	450$00
GOLFINHO	—	400$00	500$00

Preços por pessoa c/taxas incluídas
Jantar na 6.ª feira, até almoço no Domingo

— DESCONTO 50 %, para crianças até 12 anos, dormindo no quarto dos Pais.
— GRÁTIS: Piscinas, Ténis e Ping-Pong.
— ENTRADA LIVRE: Boite do Hotel Golfinho, sem consumo obrigatório.
— Utilização de qualquer Restaurante destes Hotéis.

Informações e Reservas — TORRALTA
Av. Duque de Loulé, 24 — Telef. 571748 — LISBOA

As contas em dia

O DISCURSO

. O inspector-geral-adjunto do Ministério do Trabalho, dr. Vítor Manuel Silva Ferreira, recentemente nomeado para este cargo pelo ministro Tomás Rosa, não é uma aquisição nova para o Ministério do Trabalho. É mais um regresso.

Efectivamente, antes do 25 de Abril o dr. Silva Ferreira ocupava o cargo de delegado do Instituto Nacional do Trabalho na ilha da Madeira. Participava nas homenagens aos ex-governantes. Não só por dever de ofício, mas por prazer. Brindava-os com os seus discursos.

Exemplo do que acabamos de afirmar é o seu discurso na homenagem feita ao Governador do distrito do Funchal (em 1974) pela passagem do 4.º aniversário naquelas funções.

«Se o momento do 4.º aniversário — afirmava nessa altura o dr. Silva Ferreira — é motivador de sinceras felicitações a V. Exa., aponta também à reflexão do que têm sido os últimos anos de governação sob a égide do professor Marcelo Caetano, e à confiança na prossecução de uma rota já rasgada de renovação e em que há toda uma reforma social a pôr em prática».

Depois de se apressar a esclarecer que não «me isentarei de fazer essa reflexão», o dr. Silva Ferreira tece *homenagem aos nossos clarividentes governantes que em turbilhão de dificuldades com que a Pátria se debate ou*sam, num desafio ao mun*do, dar-nos num futuro presente uma vida mais livre, mais rica, mais justa...»*

. Depois dessa homenagem aos ex-governantes, o dr. Silva Ferreira aparece em 1975 como inspector-geral-adjunto do Ministério do Trabalho. Para o dr. Silva Ferreira não houve, certamente, o tal «turbilhão de dificuldades».

F. M.

FEDERAÇÃO REGIONAL DOS SINDICATOS DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO SUL E ILHAS ADJACENTES

O QUE SE PASSA NO MINISTÉRIO DO TRABALHO?

PORQUE NÃO É PUBLICADO O NOSSO C. C. T.?

O nosso C. C. T. - EDITORES E LIVREIROS, ARTES GRÁFICAS, FOTOGRAFIA E ACTIVIDADES PUBLICITÁRIAS encontra-se desde 11 de Setembro assinado por ambas as partes e a aguardar publicação, a qual estava prevista para fins desse mesmo mês.

O anterior Ministro do Trabalho enviou para publicação 26 C. C. T., entre os quais se encontrava o nosso, no dia 18 de Setembro.

Contudo, o actual Ministro do Trabalho mandou retirar para «análise» 40 C. C. T. e, neste momento, passou-se já mês e meio e o nosso Contrato continua a não ser publicado (nem tão pouco se encontra ainda na Imprensa Nacional).

Nós, trabalhadores, perguntamos por que razão um contrato negociado e assinado por ambas as partes não é publicado.

A Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes bem como a Federação dos Sindicatos do Comércio e outros Sindicatos outorgantes têm feito, ao longo de todo este tempo, as maiores diligências no sentido da publicação do nosso Contrato mas sem quaisquer resultados.

De todas as diligências efectuadas só conseguimos apurar que o nosso Contrato está retido no gabinete do Sr. Secretário de Estado (assim como outras dezenas de contratos) o que nos leva a pensar que a actual situação resulta de uma política global concertada por parte do Ministério do Trabalho, no sentido de uma boicotagem das regalias já conquistadas pelos trabalhadores.

Será que o Sr. Tomás Rosa e o Sr. Marcelo Curto pretendem que haja trabalhadores sem regulamentação colectiva de trabalho?

Será que o Sr. Tomás Rosa e o Sr. Marcelo Curto querem evitar a aplicação de inúmeras cláusulas eminentemente sociais acordadas ao longo de um processo de negociação directa pelas entidades patronais?

Será que o Sr. Marcelo Curto e o Sr. Tomás Rosa querem ser mais intransigentes na defesa dos interesses dos patrões dos sectores envolvidos do que eles próprios?

Nós, trabalhadores, apesar de ganharmos ordenados de miséria interessam-nos os aumentos salariais, mas sobretudo interessa-nos, e temos esse direito irrenunciável, de ter uma regulamentação de trabalho e regalias sociais que nos defendam, que nos protejam.

E VAMOS LUTAR POR ELES ATÉ AO FIM

Nesse sentido, a Federação Sul dos Empregados de Escritório convoca todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato para comparecerem em massa, ao PLENÁRIO DE TRABALHADORES que se realiza na 3.ª feira, dia 4 de Novembro, pelas 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico.

PELA PUBLICAÇÃO IMEDIATA DOS C. C. T. JÁ ACORDADOS!
POR UM MINISTÉRIO DO TRABALHO AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES!
TRABALHADORES UNIDOS E ORGANIZADOS VENCERÃO!

A Direcção da Federação Sul Sindicatos Escritório

Trabalho

EM PLENÁRIO

"SACRIFICIOS PARA QUEM NUNCA OS FEZ" —EXIGE A UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

O plano económico de emergência do VI Governo Provisório e os prejuízos que acarreta para os trabalhadores, a escalada de saneamentos à esquerda e a reintegração e promoção de oficiais reaccionários, a legislação que está a ser promulgada e as tentativas de a prejudicar, foram os pontos fundamentais em discussão no Plenário da União dos Sindicatos de Lisboa, que se efectuou no passado sábado no Sindicato dos Rodoviários.

Representando algumas centenas de milhares de trabalhadores, 24 sindicatos aprovaram um texto-base que foi decidido entregar pessoalmente, ao Primeiro-Ministro, e enviar ao Conselho de Ministros e cada um dos Ministérios. Este mesmo texto-base será, a partir de agora, discutido nos sindicatos, em assembleias de delegados ou assembleias gerais.

«Nós entendemos que, se se tiver de fazer sacrifícios — salienta-se nesse texto-base — estes não podem ser apenas pedidos aos trabalhadores. Eles têm de ser exigidos também àqueles que nunca os fizeram. Os poucos elementos vindos a público levam-nos a pensar que serão principalmente os trabalhadores a pagar o preço da crise económica.

De facto, o VI Governo pretende, pelo menos:

. «Aumentar fortemente o preço dos transportes; aumentar o preço da electricidade; aumentar o preço do combustível; aumentar o preço de alguns géneros de primeira necessidade; aumentar os impostos indirectos, que atingem principalmente as classes trabalhadoras; congelar a contratação colectiva; declarar sectores em crise, o que pode ter como consequência retirar regalias conquistadas pelos trabalhadores; rever o Decreto-Lei 660/74, o que se poderá traduzir em dificultar novas intervencões do Estado em empresas e facilitar o retorno de empresas recuperadas pelos trabalhadores aos capitalistas; rever o Decreto-Lei 222/75, o que se poderá traduzir em levar à falência muitas empresas com intervenção estatal, ou mesmo nacionalizadas, aumentando assim o desemprego; pagar indemnizações das nacionalizações aos grandes capitalistas e latifundiários, atitude desde sempre repudiada pelos trabalhadores».

Por outro lado «sobre questões que os trabalhadores consideram como essenciais para o avanço do processo revolucionário e a construção do socialismo em Portugal, e que são, nomeadamente:

. «Avanço e consolidação das nacionalizações; luta eficaz contra a sabotagem económica; controlo operário de produção a todos os níveis; controlo dos sectores fundamentais do comércio externo; avanço da Reforma Agrária — não vieram a público quaisquer elementos.

«Por isso — prossegue o texto — os trabalhadores portugueses exigem que:

. — O Governo divulgue as medidas económicas que pretende tomar, para que sejam amplamente discutidas pelos trabalhadores antes de entrarem em execução.

—Que sejam punidos severamente os sabotadores de economia e que sejam tomadas medidas que garantam aos trabalhadores o avanço para o socialismo.

—Que sejam divulgadas as condições em que têm sido negociados os empréstimos externos, nomeadamente com a C. E. E., para que os trabalhadores saibam até que ponto a independência nacional está a ser hipotecada.»

. Os saneamentos à esquerda que se têm verificado últimamente nos mais variados postos de decisão, foi um dos pontos analisados pelos dirigentes sindicais presentes no plenário.

Este facto enquadra-se na mesma campanha de um feroz ataque aos órgãos de Informação que se têm colocado mais consequentemente ao serviço da Revolução».

E acentua o mesmo documento-base: «Os trabalhadores dizem claramente que não estão dispostos a permitir mais actos desta natureza e saberão encontrar as formas de luta mais adequadas às circunstancias, conforme têm demonstrado.»

. A finalizar, a União dos Sindicatos de Lisboa acusa o VI Governo de tudo estar a fazer para evitar que as conquistas dos trabalhadores se tornem realidade, e afirma que estes não o consentirão.

E alertam, ainda, os trabalhadores que «enquanto milhares de processos que têm nos Tribunais de Trabalho aguardam resolução, os dirigentes sindicais são chamados, como antes do 25 de Abril à Polícia Judiciária por denúncia do actual ministro das Corporações».

AS MOÇÕES

No final do plenário, foram aprovadas, diversas moções de apoio e de repúdio. De apoio à luta dos trabalhadores da Panificação; à luta dos trabalhadores dos órgãos de Comunicação contra a manipulação da burguesia, ao novo director de «O Século», ao M. P. L. A. e à independência de Timor.

Manifestaram ainda o seu repúdio pela acção do ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, dando-lhe um voto de total desconfiança e exigem ao Governo todo o apoio necessário aos órgãos de Comunicação Social, tanto escrita como falada, que estejam ao serviço dos trabalhadores, e que tome medidas enérgicas sobre os órgãos de informação contra-revolucionários, tais como o «Jornal Novo», «Tempo», «A Luta», o «Expresso».

DISTRIBUIDORES DE LEITE CONTRA FISCAIS

. Cerca de 150 distribuidoras de leite reuniram-se em plenário, no Posto N.º 11 da Associação das Leiteiras do Norte de Portugal, com vista a dois assuntos que atingem a classe: o saneamento do fiscal Isaac Martins e a apresentação de um documento em que se expressa a necessidade de entregar a distribuição de leite aos postos de venda e às distribuidoras. Diz-se, no documento, «que o leite endereçado aos postos não seja distribuído aos colectivos (mercearias, supermercados) que os encarregados dos postos sejam pessoas competentes e da confiança da classe, e que os fiscais cessem a sua actividade junto dos colectivos, beneficiando-os».

Foi feita uma resenha sobre o processo de distribuição de leite desde 1959, ano em que foi publicado o decreto-lei sobre os postos de venda. Para a fundação dos postos havia o Governo contribuido comumsubsídio de quinze mil contos, tendo então entrado em vigor a «bilha inviolável». A partir de 1970, foi feita a seguinte alteração: o leite passou a ser embalado em sacos de plástico, não recuperáveis e só entregue aos postos. Terminado o plenário, as distribuidoras de leite dirigiram-se à sede da Federação de Grémios da Lavoura de Entre o Douro e Minho, onde entregaram uma moção e um abaixo-assinado pedindo o saneamento do aludido fiscal.

TRABALHADORES DO MINISTÉRIO RESPONDEM A ALMEIDA SANTOS

. Um esclarecimento do ministro Almeida Santos, sobre o «caso Ferreira da Cunha» e que publicamos noutro local, sob a forma de «nota oficiosa», mereceu de um grupo de trabalhadores do Ministério da Comunicação Social uma extensa resposta de que retemos os pontos fundamentais.

Assim, de acordo com a resposta dos trabalhadores, «o ministro Almeida Santos, seu autor, comete duas faltas de princípio, particularmente graves e inesperadas num homem com a sua formação jurídica e propensão legalista»: 1) Ter assumido a defesa do seu secretário de Estado e, ao mesmo tempo, a acusação dos trabalhadores, sem ter assistido à assembleia, a respeito da qual manifesta informação incompleta e, mesmo, errada, o que é natural porque colheu de fonte única e parcial; o próprio secretário de Estado, ten.-cor. Ferreira da Cunha, e sem ter lido correctamente, parece-nos, a moção aprovada.

2) Ter feito esse esclarecimento em nome do M. C. S., como se esse Ministério fosse mais o ministro ou o secretário de Estado do que os trabalhadores e a sua assembleia. Ao longo do esclarecimento que, por enfermar destas duas faltas de princípio, comete, fatalmente, muitas outras, delas decorrentes, encontramos, para além disso, uma preocupação defensiva tão nitidamente desproporcionada com o teor da moção aprovada e tão desprezante da mais que legítima tomada de posição dos trabalhadores, que nos parece que a intenção profunda do ministro não foi a procura e esclarecimento da verdade mas a exibição de um poder que com certeza não tem e que o caso específico, dadas as acusações extremamente graves e precisas feitas ao secretário de Estado, de modo algum justificava ou aconselhava.

Que poderia esperar o ministro de uma C. T. e dos trabalhadores, quando foram postos perante notícias e documentos que acusavam tão frontalmente o secretário de Estado de ter sido um dos dirigentes da chamada «superpide»? Porque, ou o dr. Almeida Santos estava de posse dessas informações quando «escolheu» o tenente-coronel Ferreira da Cunha para seu secretário de Estado e, nesse caso, a actual solidariedade é tão compreensível como inaceitável; ou não estava, e a surpresa, por maior que tenha sido, não deveria impedi-lo de entender que os trabalhadores do Ministério reunidos em assembleia se recusem a colaborar com um homem sobre o qual pesam tais acusações. Acusações cujo teor o próprio tenente-coronel Ferreira da Cunha confirmou na dita assembleia (há disso oitenta a cem testemunhas) ao contrário do que, alguns minutos mais tarde, pelo visto, assegurou o ministro. Nem de entender que a permanência do dito oficial nas ditas funções prejudica o trabalho do Ministério e do próprio ministro.

. E, por fim, referem os trabalhadores responsáveis por esta resposta ao ministro da Comunicação Social:

. «A terminar, o dr. Almeida Santos teme que se legitimem 'formas de luta política no âmbito da função pública' e que a atitude dos trabalhadores do M. C. S. 'se situe no âmbito de uma campanha mais vasta de mobilização política'. Não, senhor ministro, os trabalhadores do M. C. S. lutam por aquilo que entendem ser a justiça de uma situação em que o senhor apenas vê 'as responsabilidades assumidas pelos funcionários ou pelas que venham a assumir na execução das acções que anunciam e das medidas que, no plano funcional ou outro, foram julgadas legais, adequadas e justas', esquecendo lamentavelmente o principal. Talvez porque, como ficou acima escrito, o senhor cometeu faltas de princípio. O futuro (muito próximo, aliás) decidirá do que é mais adequado, mais justo e, como o senhor tanto gosta, mais legal.»

UMA CERAMICA PARADA

De uma carta que nos foi enviada por um leitor de Alcantarrilha, no Algarve, sobre o encerramento de uma fábrica de cerâmica de Algoz, a Cosbar:

«Continua paralisada a cerâmica Cosbar, em Algoz, cujos trabalhadores foram despedidos em 15 de Setembro, sem quaisquer indemnizações ou re alias sociais. Caso o Governo não intervenha esta situação se prolongará por mais tempo.»

«Os patrões, todos afectos ao P. P. D., irmanados com o sogro do deputado do P. S., Luís Filipe Madeira, espalharam assim a sua democracia a duas dezenas de trabalhadores».

COBRANÇA PARA REFORMA AGRÁRIA

«O Sindicato dos Cobradores tem constatado que se encontram retidas no Gabinete do sr. secretário do ministro do Trabalho muitas Convenções Colectivas, o que está a prejudicar grandemente milhares de trabalhadores» — lê-se num comunicado daquela organização sindical.

Essa actuação, de acordo com o Sindicato dos Cobradores não condiz com o princípio do Primeiro-Ministro, como seja «a defesa das conquistas alcançadas pelos trabalhadores».

Também no campo da Reforma Agrária, o Sindicato «constatou que burocracia de toda a espécie, e não só, chegaram a fazer correr o risco de fome em grande escala, motivada por grande redução das sementeiras».

Daí a aprovação de uma moção, em reunião dos seus delegados sindicais:

«1 — Que a direcção deste Sindicato contacte com outras para uma acção concertada junto do Ministério do Trabalho, com vista à saída imediata da Convenções em causa.

2 — Que a direcção deste Sindicato procede às diligências necessárias com vista a participar monetariamente no apoio à Reforma Agrária, recomendando-se a atribuição para o efeito de uma verba correspondente a 50 por cento da cotização mensal do Sindicato, calculada pela média dos meses decorridos no presente ano».

RECUSA

Em telegrama recebemos a seguinte recusa lacónica, sem indicação de motivos: «Os trabalhadores da Tipografia «A Ferreirense», de Ferreira do Alentejo, recusam-se terminantemente a imprimir o comunicado reaccionário do P. S. de Beja, que tenta lançar trabalhadores rurais contra pequenos agricultores».

NO CALÇADO HÁ NOVAS REGRAS

De acordo com um comunicado do Ministério do Trabalho, foi assinada uma portaria que regulamenta as actividades dos trabalhadores das indústrias do calçado, artigos de pele e seus sucedâneos. A mesma fonte informa que se procurou «a verticalização destes sectores».

Alguns pontos insertos na Portaria: terá efeitos a partir de 1 de Setembro: Período de trabalho normal de 45 horas/ semana (para os empregados de escritório de 42 horas/semana); o novo período normal de trabalho entra em vigor no primeiro dia útil de Novembro; fica proibido o trabalho domiciliário, com expressa ressalva daqueles que actualmente trabalham neste regime; eliminaram-se categorias, terceiro e quarto como as de pré-operário de ano; e procurou-se dignificar o trabalho feminino através da redução da diferença salarial em relação ao trabalho masculino.

INTERSINDICAL SEM COTAS DOS BANCÁRIOS DO PORTO

A «imediata suspensão da cotização para a União dos Sindicatos do Porto/Intersindical, foi aprovada em Assembleia dos Bancários do Norte, que se efectuou no Pavilhão do Académico.

A proposta foi subscrita por alguns sócios e baseada no facto da U. S. P. ter feito publicar notícias que a Assembleia considerou «falsas e tendenciosas», sobre a Banca. Foi ainda debatido o problema dos funcionários retornados das colónias.

TELECINE-MORO TEM COMISSÃO

Os trabalhadores da Telecine-Moro, reunidos em plenário, decidiram o afastamentodoadministrador-delegado, Jorge Galveias Rodrigues, que se encontra presentemente no Brasil, procedendo, desde logo, à eleição da respectiva Comissão de Trabalhadores, de que pediram reconhecimento ao respectivo Ministério.

Por deliberação tomada na mesma altura, foram ocupadas todas as dependências da empresa, com mudança de fechaduras e formação de piquetes de vigilância compostos por trabalhadores.

Geral

PROF. RUI DE CARVALHO

"A VENEZUELA PODERÁ RECEB RETORNADOS DAS EX-COLÓN

ENTREVISTA DE AU

Uns após outros, Portugal vai recebendo os seus melhores valores espalhados pelo Mundo, homens que o fascismo impediu de darem o seu contributo ao País, enquanto muitos daqueles a quem a Revolução portuguesa retirou os escandalosos privilégios diariamente passam as fronteiras, voltando as costas ao seu povo quando já não o podem explorar mais. Mas nesta troca o País fica a lucrar e recuperou já muitos dos intelectuais, médicos, cientistas e quadros que se encontravam em diversos países como exilados políticos. O saldo qualitativo é inegável.

Quinze anos após ter deixado Portugal para se fixar na Venezuela como exilado político, o prof. Rui de Carvalho regressa para ocupar um cargo docente. Activista dos movimentos estudantis na década de 50 e um dos fundadores do M.U.D. juvenil foi um dos muitos que passaram pelas masmorras de Caxias. Formado em medicina pela Universidade de Lisboa, psiquiatra, doutor em medicina e professor da Universidade de Caracas, o prof. Rui de Carvalho falou ao «DL» da Revolução portuguesa na perspectiva de quem passou longo tempo ausente, da colónia portuguesa na Venezuela e da possibilidade deste país vir a receber como emigrantes retornados portugueses das ex-colónias.

OS TEMPOS DIFÍCEIS

Foi numa das épocas mais duras da repressão fascista que o prof. Rui de Carvalho iniciou a sua actividade política. Recordando esses tempos de luta disse-nos ter sido praticamente um dos fundadores do M.U.D. juvenil «com essa geração que agora aparece na política no momento actual numa actividade em que realmente fizemos tudo o que estava nas nossas possibilidades para servir a juventude portuguesa nessa luta tão difícil e terrível que era nesses tempos a luta antifascista».

O prof. Rui de Carvalho foi várias vezes presidente da Associação dos Estudantes de Medicina e trabalhou na Comissão Interassociações.

Até que em 1953 a Polícia assaltou e fechou a Associação dos Estudantes de Medicina.

Nos anos que se seguiram prosseguiu as suas actividades do M. U. D. juvenil. Depois trabalhou no movimento para a Paz. Finalmente, em 1960 saiu do País.

«Era muito difícil e muito perigoso lutar nessa altura mas passados tantos anos às vezes recordamos esses tempos, não com saudade, mas porque havia realmente uma unidade entre todos, havia um companheirismo, havia uma solidariedade, uma disposição e uma firmeza muito grande na luta. Oxalá que no momento actual — agora penso que seria muito mais necessário — fosse assim e existisse esse mesmo espírito de unidade na luta antifascista, na luta para construir o País. No ponto de vista ideológico embora houvesse muita dificuldade para ler o livro, que era o livro que se lia de forma clandestina, lia-se esse livro muito bem e aproveitava-se o ferível ler nessas condições de perseguição e opressão, e se aproveita mais do que quando há muitos livros para ler. Às vezes um livro que se lê na ilegalidade vale mais do que ler 20, 30 ou 40 mal lidos nas condições que podem ser as actuais.»

«UM PAÍS EM DESPEDIDA»

«País em despedida» foi a síntese da resposta que nos deu o prof. Rui de Carvalho quando lhe perguntámos como via neste momento o futuro do nosso País e quais as direcções possíveis que se vislumbram no plano político.

«Estive em Portugal de uma forma não muito legal no ano de 72 e dizia aos meus amigos que Portugal era um País em despedida. Muitos deles olhavam para mim e diziam: mas despedida em quê? Porque é um País que só o que falta fazer-lhe é um enterro. Mas tu não vês que há muitos automóveis, que há muitas coisas? Vejo. Vejo a sociedade de consumo já a penetrar mas pelo facto de em certas camadas da população, que eu creio serem camadas muito restritas, estarem inclusivamente já a nível da sociedade de consumo, haver muitos automóveis, lojas a vender muitas coisas, as pessoas a comer nos restaurantes etc., não deixo de ver que Portugal é um País — e insistia sempre — em despedida. Isto no ano de 72. Depois do 25 de Abril estive aqui o ano passado quase três meses e fui-me embora com a intenção de regressar mais rápido do que regressei. Eram os primeiros dias de uma euforia muito grande. Era a Revolução que começava, que temos acompanhado durante todo este tempo. Assisti à queda do primeiro Governo, o de Palma Carlos, e notava que havia uma atitude demasiado emocional por parte das pessoas, havia um estado de euforia e tudo era realmente extraordinário.

Lembrei-me muitas vezes — e disse-a aos meus amigos — de uma frase de Che Guevara: se você vai por uma rua e alguma coisa de extraordinário se está passando isso é a revolução; quando o extraordinário se torna quotidiano isso é a revolução. Nessa medida Portugal era um País que indubitavelmente estava vivendo o extraordinário. Era um País que podíamos considerar estava iniciando um processo revolucionário. Passam todos estes meses, em que eu tenho acompanhado diariamente pelos livros, pelos jornais, por todos os processos de comunicação — até dizer o processo revolucionário português e regresso há poucos dias. O que vejo agora é diferente. Diferente na medida em que vejo as pessoas já não nesse estado de euforia. Vejo sobretudo que está muito perturbado o diálogo, que as pessoas em vez de estarem a falar da revolução, e de como fazer a revolução, na maioria dos casos estão a falar de si mesmas.

DEFINIR QUEM TEM O PODER

O prof. Rui de Carvalho observa, em termos concretos, que há um vazio no poder e existe a necessidade de uma pedagogia, de uma atitude pedagógica por parte das forças revolucionárias.

«Enquanto elas estiverem vivendo uma contradição permanente, enquanto as forças revolucionárias não definirem o poder, não se pode exigir-lhes, e não podem elas de facto começar uma revolução. Porque para começar uma revolução é necessário definir quem tem o poder, quem mantém esse poder no sentido classista. E, uma vez definido isso como postulado, então sim, essas forças detêm o poder no sentido classista, e que têm inclusivamente o poder respaldado, porque tem que ser um poder respaldado evidentemente pelas armas, só nesse momento podem começar a fazer uma revolução e podem começar e devem começar a ser pedagógicos. E têm que deixar de ser narcisistas para falarem então em termos do que está fora deles e não deles mesmos.»

SOCIALISMO ÚNICA SAÍDA

«Vejo com optimismo o futuro de Portugal. Vejo mais: que em Portugal não há outra saída senão a saída socialista. Creio que as comparações que se fazem muitas vezes em forma muito superficial, perigosa e creio que exagerada, de Portugal em relação ao processo chileno que não têm nada que ver uma coisa com a outra.»

O prof. Rui de Carvalho diz-nos depois que o processo português é o reverso de medalha do processo chileno, e afirma:

«Na minha forma de entender modestamente as coisas o processo português tem como única saída o socialismo. E isto não vai depender do que pense a cabeça de um homem ou de um grupo de homens ou inclusivamente de um ou outro partido. Na minha maneira de entender, porque eu costumo dizer as coisas desta forma, são as **forças misteriosas** que vão decidir o tipo de socialismo e a evolução política de Portugal. Ora essas forças misteriosas são forças de tipo económico e mais são forças de tipo instintivo, são forças que muitas vezes não são analisadas pelos políticos (nós às vezes com a nossa tendência de sermos psiquiatras analisamos muito essas forças) mas que existem. Por exemplo: quando nós vimos agora, ao chegarmos, o panorama de Lisboa, este é completamente diferente do que era há um ano. Quando vemos esses caixotes todos

na Alfandega, quando vemos essa quantidade de carros que trazem os chamados retornados, quando vemos a cidade invadida por negros, temos o direito de pensar — e aliás isso é uma tese que há um grupo que pensa — que já começou a invasão da Europa pelo Terceiro Mundo.»

Pensa também o nosso entrevistado que Portugal e a Espanha, a península Ibérica, têm um papel fundamental de desempenhar «independentemente do que pense um ou outro homem».

E prossegue: «Penso que, de facto, vão ser a ponte de ligação da Europa ao Terceiro Mundo.

Porque, se dá a felicidade que Portugal e a Espanha não são da Europa. Pensamos que os europeus neste momento, como o sr. Miterrand, por exemplo, têm muita inveja de Portugal. E têm muita inveja de Portugal porque no fundo eles são homens muito inteligentes, são animais políticos, e com uma grande intuição, inclusivamente política, além de que se manejam em termos lógicos, e sabem que Espanha e Portugal vão de novo desempenhar um papel histórico nesta coisa tão tremenda que é o segundo renascimento. Este segundo renascimento não é caracterizado pelo Cabo Kennedy, de onde se lançam os foguetões para a Lua. Tenho a impressão que o Cabo Sagres, sem estar a pecar por falar como português, que a Península Ibérica vai ter definitivamente um papel importante nas modificações importantes que têm que existir na Europa. A Europa está muito doente. Está com a sua neurose da Europa que é uma coisa que se sente aqui também em Portugal ainda que Portugal não seja especificamente Europa. E a Europa vai fatalmente ter necessidade de curar. Como é que vai curar-se a Europa? A Europa que, segundo Sartre criou o seu Frankstein, que foi os Estados Unidos? Essa Europa que está tão doente, que tem até criado monstros, se não se cura também morre. Morre como civilização, morre como forma de cultura. E lá está muito velha. Então nessa medida, como a Península Ibérica, é um circuito aberto, está ligada aomar, está ligada à África, e está ligada à América Latina, e ao Terceiro Mundo, e mais ainda do que a Península Ibérica, Portugal, creio que estas coisas não se estão passando por acaso. Pode ser que eu esteja equivocado, pode ser que eu esteja completamente enganado, que esteja falando de coisas estranhas, mas não creio que esteja tão enganado. Creio que realmente as forças misteriosas que estão neste momento em plena efervescência e muitas vezes dá-se então a casualidade que os intelectuais, os que só lêm livros, os que estão desligados da prática, os que também estão doentes, não entendem ou não podem entender as coisas, porque elas são mais profundas do que poderia ser uma análise estritamente política.»

CRIATIVIDADE POPULAR

Uma das particularidades desta revolução portuguesa tem sido a grande criatividade da massa popular. O prof. Rui de Carvalho, que considera «que a coisa mais extraordinária que existe são os povos» e considera apaixonante a maneira como o povo português está reagindo.

«Os jornais no estrangeiro, as agências internacionais, que são até dirigidas por científicos sociais, psiquiatras, psicólogos, trabalham com computadores, com a cibernética, têm uma campanha fora de Portugal em que por exemplo na Venezuela todos os dias se lia: guerra civil em Portugal. A mim dava-me vontade de rir porque há mais de um ano que isso vem sendo notícia de primeira página. Até chegaram a dizer que vai haver guerra civil entre comunistas e católicos como se isso fosse possível. Em toda a história da humanidade uma guerra civil teve sempre um fundo classista. Dizer que vai haver uma guerra civil entre comunistas e católicos não tem pés nem cabeça. Mas eles dizem essas coisas e sabem o que estão a fazer. Ora o povo português vai ser tão sábio neste processo que dificilmente chegará a envolver-se numa luta por exemplo como a que se fala, entre o Norte e o Sul. Coisas criadas, artificiais e perigosas. Creio que o que necessitamos é que haja pessoas inteligentes que saibam aprender a lição que está a dar o povo e que saibam ligar-se a esse povo. E que estejam bastante sãs. Que não estejam doentes. Porque se essas pessoas que estão numa posição de «leaders» políticos estão doentes, estão neuróticos, seja porque motivação for, não vão ser os mais indicados para poder fazer esse tipo de trabalho. Porque as massas a cada momento vão passar por cima deles. E eles muitas vezes vão estar numa posição anquilosada, numa posição sectária, dogmática, numa posição de estar a olhar para a formiga em vez

BER "IAS"

AUGUSTO VILELA

de verem o grande elefante que têm em frente deles.»

PORTUGUESES DA VENEZUELA

Falando a seguir sobre a colónia portuguesa na Venezuela o prof. Rui de Carvalho afirmou que ela era fundamentalmente constituída por emigrantes económicos:

«Na Venezuela os exilados políticos eram em número reduzido e durante todo o tempo em que eu lá vivi o trabalho que se fazia, era, na minha maneira de ver as coisas, bastante mau. As pessoas que viviam como exilados políticos na Venezuela eram pessoas que não acreditavam na colónia, que diziam que ela era completamente fascista, etc. A tendência que tinham era reunir-se entre quatro paredes a falar de política, ligados mais ou menos à frente externa, mas sem capacidade nenhuma para ligar às massas da colónia e ao povo venezuelano. Nesse aspecto a minha experiência é um pouco triste porque nunca pude trabalhar dessa forma e ligado com esse tipo de pessoas. Essas pessoas não só não se ligavam com a colónia como também não se ligavam com o povo venezuelano. Vivem 15 ou 20 anos num país e ao fim desse tempo não conhecem ninguém desse país. Não conhecem da colónia portuguesa porque ela é pequeno-burguesa, análise que não era justa, nem do povo

Continua na pág. 15

A REPRESSÃO E A MORTE NO BRASIL

UNIDADE DA OPOSIÇÃO PARA DERRUBAR O "GOVERNO DOS GENERAIS"

JÚLIO RODRIGUES

Recrudesce no Brasil a repressão, que agora se estende, implacavelmente, a cidadãos estrangeiros residentes em S. Paulo e no Rio de Janeiro. Os comentadores de política internacional assinalam que quando isso acontece é porque o «Governo dos generais» se encontra em crise. Será verdade? É, de facto, pronunciada a divergência que subsiste entre Geisel e Médici ou, pelo contrário, trata-se de manobra que visa o endurecimento do regime e, reflexamente, mais prisões, mais torturas, mais desaparecidos? O que se passa com Miguel Trefaut Rodrigues (filho de Miguel Urbano Rodrigues), de ascendência luso-francesa, portanto, é exemplificativo. Três meses antes foi Vítor Alegria, português há muitos anos residente em Brasília, proprietário de uma livraria naquela cidade, que conheceu as masmorras da D. O. P. S. e as torturas dos seus agentes, eméritos, no pior sentido, nos «tratamentos» a presos políticos.

Enquanto o cônsul-geral da França no Rio de Janeiro se multiplica em esforços para libertar Miguel Rodrigues, conhecendo toda a espécie de barreiras que nestas circunstâncias as «autoridades» fascistas montam, José Duarte, operário metalúrgico, português, continua preso. Há, ainda, um padre português também detido, e refere-se que argentinos, sob a acusação de serem «transmissores» dos «montoneros», se encontram nas mesmas condições.

José Duarte, 72 anos (51 de actividade sindical e vigilância política), comunista, já fora preso em 1935 (Governo de Getúlio Vargas) e condenado a 68 anos de «escuro», como então se dizia, numa alusão inequívoca à falta de luz nas celas das masmorras getulianas.

De novo detido em 1964 (após a queda do Governo de João Goulart), José Duarte, ferroviário, que tinha sido libertado em 1945 por ter sido abrangido pela amnistia geral, voltou a ser detido em 1966, outra vez libertado e, por último, preso em 1972, quando a C. O. D. I. o detectou em S. Salvador. Está enclausurado no Instituto Penal Paulo Sarazate (I. P. P. S.), depois de transferido, como em bolandas, da Baía para S. Paulo, daqui para Brasília, Recife e Ceará. É muito provável que seja trasladado para a Ilha dos Horrores, ou Ilha do Diabo.

AMEAÇAS DE MORTE

O Partido Comunista Brasileiro é o mais sacrificado com toda a onda de violências que se tem abatido sobre os presos políticos e, também, com a repressão desenvolvida para todos aqueles que discordam do sistema. Um dos seus dirigentes adiantou, há dias, que eram mais de 700 os democratas e antifascistas presos desde Janeiro do ano corrente, enquanto os organismos repressivos (D. O. P. S., C. O. D. I., D. D. I., O. B. A. N. e CENIMAR) admitem «cerca de 300».

Ao serem ouvidos, no último mês, perante a justiça militar, muitos dos detidos, vindos de diversas prisões do território, descreveram ante um instrutor frio e esfíngico, as torturas de que vinham sendo vítimas. Muitos deles afirmaram, categórica e corajosamente, que tinham sido ameaçados de morte. E não se coibiram de se referir aos camaradas «desaparecidos», que é o que acontece a todos aqueles que não cedem durante os interrogatórios e as sevícias a que são submetidos. Entre eles, num número que a A. E. P. P. A. (Associação dos ex-Presos Políticos Antifascistas) estimava em 200, encontram-se cinco dos dirigentes do P. C. B.: Elson Costa (Comité Central), Jaime Amorim Miranda (membro do secretariado do C. C.); Hiram Pereira, Itai Veloso e Sebastião Vitorino da Silva. Em 1974 outros tantos tinham, também, «desaparecido».

Em Agosto deste ano, aquilo que já não era escândalo rebentou, quando em S. Salvador da Baía vários dos 17 militantes do P. C. B. se queixaram, perante a justiça militar, de torturas e sevícias praticadas à maneira dos carrascos nazis. A Imprensa da cidade referiu-se aos interrogatórios e às declarações em parangonas e editoriais que os correspondentes estrangeiros relataram nos seus jornais. E muitos desses jornalistas lembraram, então, as declarações de José Duarte, dois meses antes (a frase correu mundo): **eu português, José Duarte, declaro que nada tenho a declarar**. Mesmo assim, as autoridades portuguesas, nomeadamente o Ministério dos Negócios Estrangeiros, quer do VI, quer dos governos anteriores, pareceu nada se ter preocupado com a questão.

Até hoje, e nos últimos doze anos, é conhecido o número de democratas que foram encarcerados nas masmorras brasileiras: cerca de 3000, dos quais 639 foram libertados. A confirmarem-se os números (e não há razões para o contrário), equivale isto a dizer que nas prisões dos vários Estados brasileiros, há, ainda, 2361 detidos. O Comité de Solidariedade com a Luta dos Povos Latino-Americanos, que publica um boletim chamado «Noticiário Brasileiro», com sede em Buenos Aires e delegações em muitos países da Europa, não se tem cansado de denunciar o facto. E o mundo tem reagido de diversas formas, quer em telegramas de protesto para as respectivas embaixadas, quer em cartas dirigidas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Brasília.

Por isso se afirma, com franco optimismo, que a recuperação política e social do Brasil (e de todos os brasileiros) está por pouco. Na Holanda, Suécia, Alemanha, França, Inglaterra e Suiça, os «comités» entretanto criados, bem como as associações antifascistas, têm desenvolvido actividade profícua ao denunciar as arbitrariedades cometidas pelas autoridades fascistas contra o povo brasileiro e, para já, começam a sentir-se os primeiros efeitos dessa campanha: quebra pronunciada nas encomendas do café.

Por todas essas razões (e, até, porque o comerciante paulista se vê marginalizado, o agricultor nordestino esquecido, o investidor brasileiro preterido em favor dos grandes monopólios e das multinacionais), se refere que o Brasil caminha para a maior crise da sua História.

LEIS DE EXCEPÇÃO

Os órgãos da Informação estão nas mãos dos tentaculares «trusts» económicos, designadamente as empresas norte-americanas que operam através dos bancos onde o seu capital é maioritário. A propaganda governamental é, assim, telecomandada, e as estatísticas, quando não convém que os seus números sejam publicados, deturpadas.

Onze anos de ditadura vesgamente imposta, um montante irrecuperável com despesas militares e repressivas, os sistemáticos atentados aos interesses do povo, o desprezo pelos mais elementares direitos e a exploração desenfreada dos negros que vivem fora das grandes cidades, pesará, inequivocamente, no futuro do Brasil, que aspira à democracia, que quer ver abolidas, imediatamente, as leis de excepção, e que já não suporta o egoísmo dos «patrões» norte-americanos.

As forças antifascistas defendem, na actual conjuntura, que a instituição de um Estado de direito, verdadeiramente democrático, várias vezes prometido elo Governo, só poderá concretizar-se através de uma Assembleia Constituinte livremente eleita e que disponha de real e autêntico poder.

Conscientes de que o regime dos generais tem de ser liquidado, consideram as mesmas forças, a partir de uma análise correcta, que para tal se coloca uma solução política viável e exequível: a convocação da aludida Assembleia de molde a abolir todos os aspectos de excepção promulgados sob forma de lei pelos tribunos e magistrados afectos ao capitalismo, ao imperialismo, à exploração.

Mas os generais inventaram, em contrapartida, a absurda teoria da segurança e do desenvolvimento, numa «política de abertura» que os menos avisados compararam às «ideias» de Arias Navarro, e os manipuladores, por óbvias razões, equipararam a Bordaberry. Todos defendem que, em liberdade, o Brasil não se pode desenvolver, sendo mesmo necessárias essas mesmas «medidas de segurança». O povo, todavia, não foi consultado para isso. Se o tivesse sido, como nas eleições legislativas de 15 de Novembro, a decisão era uma: «Não às medidas de segurança; não às leis de excepção».

Os 61 por cento dos votos que o M. D. B. logrou para o Senado, e que os militares aceitaram de facto, não bastaram para que, nos termos da Constituição, fossem criadas Comissões de Deputados, por enquanto. Por enquanto e até que as estruturas governamentais-fascistas não sejam derrubadas pelo povo, porque, para obviar à sua derrota efectiva, tribunos e magistrados afectos aos generais já promulgaram leis e decretos que impedem

O jovem Miguel Trefaut Rodrigues, detido pela polícia política brasileira

a processualização orgânica que as eleições de Novembro previam.

Se há generais que, hoje, estão de acordo com a «descompressão» de Geisel, outros há que defendem uma democratização «paulatina e cuidada do regime, para que o povo se possa libertar das garras das multinacionais», salienta um comunicado da COSOPLA. O texto assinala, ainda, que esses mesmos generais, no anonimato, «já se aperceberam que os principais produtos do Brasil são exportados e que as divisas dessas vendas ficam na Suíça ou são transferidas para os bancos norte-americanos. Aumentam as suas riquezas com os nossos produtos e os braços dos brasileiros, cujo esforço pagam miseravelmente».

Não surpreende, portanto, que o coronel Jefferson Cardim Osório seja um dos muitos oficiais hoje presos («Ilha do Diabo»). Amigo de Carlos Marighela, Câmara Ferreira, Luís Galhardin e Lincol West (alguns dos militantes antifascistas que os militares abateram cobardemente), o coronel Jefferson é bem o símbolo da resistência a nível militar, acusado de pertencer ao P. C. B., o que parece não ser verdade. Mas é a própria honra dos militares, conforme confessou quando foi interrogado no Presídio do Exército (em Fortaleza de Santa Cruz), que está em causa.

GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

O Partido Comunista do Brasil tem como auspiciosas, embora sejam muitos os seus militantes e dirigentes presos (ou talvez por isso mesmo), as condições para reforçar a unidade da oposição e a luta até agora desenvolvidas. As correntes aglutinadoras das diversas posições da oposição procuram uma plataforma para actuarem concreta e sincronizadamente, considerando que a «unidade é a arma para a vitória» e que a coordenação da actividade democrática é objectivo e tarefa prioritária.

Mesmo os amplos e diversificados estratos da classe média e da pequena burguesia, avassalados pela exploração que eles próprios são vítimas, inibidos nos seus empreendimentos, amordaçados na sua capacidade de expansão e impotentes para evitar a saída de capitais através de produtos cuja matéria-prima e trabalho são brasileiros confessam o seu escassó poder de compra.

Os comunistas, que lutam por um Governo Revolucionário e pela Reforma Agrária, encontram-se preparados para unir todos os seus esforços e militantes para vibrar na ditadura fascista o golpe final. Sem abdicar do seu programa, que é tidó por arrojado mas viável a curto prazo, estão na disposição de se aliarem aos outros patriotas e democratas, a todas as correntes antifascistas, no sentido de liquidar o regime e expulsar os opressores americanos.

Enquanto a tortura se torna rotina, os pobres mais pobres e os ricos mais ricos, agravam-se as dificuldades económicas. Na maioria dos lares escasseiam o arroz e o feijão, e o Carnaval (da vida) é outro, bem diferente e mais angustiante. A «Política de Exportações» como válvula de «escape» é um mito, porque os produtos, como já referimos, saem e as divisas não entram. O «Modelo Económico dos generais» não atenta nas necessidades dos trabalhadores brasileiros, e a fome e as carências constituem pão nosso de cada dia. Os índios são impiedosamente exterminados e as suas reservas passam para as mãos de empresários norte-americanos, holandeses e alemães. Aí se constroem, por vezes, aeroportos privativos, de onde partem aviões com recursos, minerais e outros produtos subsolares de grande valor que o próprio Governo «ignora».

Em quatro anos (de 1970 a 1974) a concentração da riqueza nacional reforçou o poder das multinacionais e dos grandes «investidores», alargando-se as desigualdades regionais. A dívida externa aumentou para cerca de 30 biliões de dólares (moeda corrente no Brasil). Os centros de decisão transitaram, inevitavelmente, do povo brasileiro para as multinacionais, os banqueiros norte-americanos e os Governos imperialistas, apoiados internamente por uma cadeia de lacaios. A prostituição, e a mendicidade aumentaram assustadoramente.

E, entretanto, os subsídios aos produtos de consumo popular foram abolidos em nome do «realismo económico» e da «verdade dos preços». Sendo um país fundamentalmente exportador de produtos primários a baixo preço, ditado pelos grandes monopólios que dominam o mercado interno e internacional com a sua estrutura importador-exportadora, vê subirem os seus défices na balança comercial, que os défices na balança de serviços e o envio de «royalties» ampliam.

Enquanto isto, foram assassinados Jorge Leal, Carlos Danielli, Toledo e Helenira Resende, além de Wlado Herzog, de que falamos noutro local. Marco Coelho Tavares, Aristeu Nogueira, Fernando Cris ino e Wenceslau Morais, todos membros dirigentes do P. C. B., encontram-se presos. E, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, no primeiro mês do ano corrente, é desarticulado o mais importante sector de agitação e propaganda do P. C. B.

Estrangeiro

Cuba:

Informação integral ao serviço da revolução

José Antonio Benítez (in "Le Journaliste Democratique")

A informação no Terceiro Mundo tem uma importância vital e constitui uma documentação social, na medida em que acompanha as necessidades da educação e do ensino. Esta documentação social deve corresponder a um certo conjunto de exigências postas por um certo número de necessidades: deve ser útil, rápida e precisa, e, em especial, deve ser integral.

Por informação integral entende-se uma informação que põe em destaque os factos realmente importantes, que dá uma visão correcta dos acontecimentos, que permite ao indivíduo ter uma abordagem correcta dos processos políticos, económicos e revolucionários da nossa época, garantindo assim um contacto com as novas funções e valores sociais, reflectindo os principais acontecimentos da história e acentuando os elementos importantes, não só no momento do acontecimento, mas para lá do presente, e tendo uma importância para a perspectiva futura da evolução histórica.

Esta integralidade da informação não significa que se deva analisar no mínimo pormenor todos os aspectos dos factos, mas sim que há que destacar os elementos que dêem uma ideia das relações e contextos mais vastos, dos legados geográficos e históricos, do contexto histórico e psicológico que permita compreender, em todo o seu significado e importância, os factos de que se trata.

Entendemos que deste modo os meios de comunicação de massa estão aptos a preencher a sua função, que consiste em educar e orientar as massas e em serem factores do desenvolvimento económico e social.

Os sociólogos debruçam-se demoradamente sobre o processo de comunicação, a necessidade de conhecimento e a comunicação social. Partem da hipótese de que o desenvolvimento cultural é uma das expressões do desenvolvimento económico, do desenvolvimento social e do desenvolvimento indivíduo e de que toda a comunicação deve ser examinada do ponto de vista da importância das necessidades culturais das regiões em análise.

Os meios de comunicação além de serem os factores do desenvolvimento económico e social, bem como da educação e da orientação das massas, devem ser estimulantes do autodidactismo e da cultura pessoal permanentes.

Em Cuba, o conteúdo dos órgãos de Imprensa está orientado nesse sentido. A Imprensa cubana procura sempre dizer qualquer coisa. O problema da publicação pela publicação ou do preenchimento de um dado espaço para uma página antecipadamente fixada não existe. Na Imprensa socialista e, por conseguinte, na Imprensa cubana, tudo tem a sua importância — desde à editorial essencial até à mínima notícia informativa. Todos os textos, seja qual for a sua extensão, todas as ilustrações, seja qual for o seu formato, têm em vista um único e mesmo objectivo — conter o ponto de vista que reflecte a sua concepção dos acontecimentos e a sua atitude para com a realidade, interpretando os objectivos comuns do país nos planos económico, político, escolar, etc.

Não queremos dizer com isto que o mesmo não possa passar-se na Imprensa capitalista. Pelo contrário. A diferença reside os objectivos e na concepção do mundo, assim como na opinião sobre o desenvolvimento da sociedade.

TÍTULOS E CONTEÚDO

Eis alguns títulos de números passados do diário «Granma», que dão a ideia do conteúdo e do ponto de vista referidos.

«O IV Salão das Artes Plásticas da Juventude recebe os primeiros visitantes», «Larga informação sobre a II Conferência Nacional da Higiene e da Epidemiologia», «Chegada de 400 carros de fabrico argentino», «Inscrição nos cursos das escolas de administração e nos institutos técnicos e económicos», «Encerramento da reunião plenária nacional sobre a educação e o ensino dos trabalhadores dos transportes», «Alicia Alonso fala da participação do «ballet» cubano nos festivais internacionais», «Uma delegação de técnicos mexicanos no domínio da pesca visita as instalações dos portos piscatórios», «Inauguração da exposição dos desenhos infantis no parque Lenine», «Prepara-se a celebração da jornada de trabalhadores da construção civil», «Comemoração da jornada dos combatentes argelinos», «aumento das tarifas de transportes no Chile», «A censura nos mass-media brasileiros», «A Comissão Venezuelana Para o Comércio do Petróleo analisa o projecto de lei sobre a nacionalização», «A assembleia e a manifestação em Moçambique exigem a aceleração do processo de descolonização».

Na análise do conteúdo do diário «Granma» efectuada há uns anos, as diversas categorias de informação ocupavam o seguinte lugar, expresso em percentagem do espaço que a redacção lhes consagrou: questões sociais: 54,5%; questões internacionais: 12,2%; questões de política interna, governamental e administrativa: 11%; questões económicas 9,3%; questões científicas e técnicas: 6,1%; temas diversos: 3,2%; questões militares: 2,9%.

Em Cuba há dois grandes órgãos de Imprensa de envergadura nacional: «Granma», órgão do PC, e «Juventud Rebelde», órgão da União dos Jovens Comunistas. «Granma» publica uma edição semanal dirigida aos agricultores e distribuída nas regiões montanhosas do país, e uma edição internacional, também semanal, em três linguas. Em cada capital de província e nas cidades de Holguin e Guantanamo no Leste do país publica-se também um diário.

Entre os periódicos mais importantes, citemos: diários — «Granma», «Juventud Rebelde», «Guerillero» (Pilar del Rio), «Giron» (Matanzas), «Vanguardia» (Las Villas), «Adelante» (Camaguey), «Sierra Maestra» (Oriente), «Ahora» (Holguin), «Vencermos» (Guantanamo). Semanários: «Bohemia», «Verde Olivo», «Palante» (humorístico). Bimensais: «Los Trabajadores». Mensais: «Mujeres», «romances», «Juventude Técnica», «Cuba Internacional», «Con la Guardia en Alto», «Moncada», «Mar y Pesca», «ANAP», «Revolucion y Cultura», «Gaceta Literaria», «Proa y Puerto». Trimestrais «Union», «Cubatabaco», «ATAC».

Cada órgão de Imprensa possui o seu estilo próprio, em conformidade com os objectivos fixados e com as necessidades das massas às quais se dirige, quer em Cuba, quer no estrangeiro.

Sela

A América Latina defende-se da dependência económica

O Sistema Económico Latino-Americano (SELA) deu o passo mais significativo para a sua constituição definitiva, quando vinte e dois ministros e três altos funcionários avançaram na capital panamiana a decisão integracionista dos respectivos Governos.

Os altos representantes de todos os países da América Latina iniciaram a discussão de alguns temas que ficaram pendentes na reunião de trabalho, efectuada três dias antes.

A maioria dos delegados exprimiu a sua satisfação pelos objectivos conseguidos durante a reunião preparatória.

Nicolas Ardito Barletta, ministro panamiano da Planificação e Política Económica, qualificou de «concretos» os resultados obtidos nessa conferência, e, no seu discurso inaugural, previu que o «SELA terá a dimensão extraordinária e fundamental que se previu quando se lançou a iniciativa».

O ministro colombiano do Desenvolvimento Económico, Jorge Ramires Ocampo, falando em nome das delegações participantes, disse que «hoje se dá um passo definitivo para a libertação económica da América Latina» e recordou as palavras do libertador Simon Bolivar, sobre o facto de o istmo do Panamá dever ser para a América o que Corinto foi para os gregos.

Ramires Ocampo preconizou que se «estabelecesse no SELA um tratamento especial para os países membros de menor desenvolvimento» e disse que «essa tem sido uma atitude permanente do Governo colombiano nos organismos internacionais».

O SELA ficou constituído pela Convenção do Panamá, cuja cerimónia de assinatura foi transmitida via satélite para todos os países da América Latina.

O SELA é o primeiro organismo do seu tipo que se cria no continente sem a participação dos EUA.

A Convenção do Panamá define o SELA como um organismo regional de consulta, coordenação, cooperação e promoção económica e social conjunta, de carácter permanente, com personalidade jurídica internacional, integrada por Estados soberanos latino-americanos.

Os seus objectivos fundamentais serão promover a cooperação inter-regional, com o fim de acelerar o desenvolvimento económico e social dos seus membros, e promover um sistema permanente de consulta e coordenação para a adopção de posições e estratégias comuns sobre temas económicos e sociais, tanto nos organismos e foros internacionais como entre terceiros países e agrupamentos de países.

O SELA terá três órgãos fundamentais: o Conselho Latino-Americano, os Comités de Acção e a Secretaria Permanente.

Os países subscritores da Convenção do Panamá foram: Argentina, Barbados, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Chile, Cuba, Equador, Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana, Trinidad-Tobago, Uruguai e Venezuela.

«Prensa Latina»

Hospital Psiquiátrico do Lorvão

FORNECIMENTO DE UMA VIATURA LIGEIRA MISTA

Está aberto concurso público para a aquisição de uma viatura ligeira, com caixa fechada, mista para passageiros ou carga e adaptável a ambulância, com motor funcionando a gasóleo.

As propostas serão recebidas até às 11 horas do dia 13/XI/75 e abertas pelas 14 horas do mesmo dia, nas Serviços Administrativos do Hospital Psiquiátrico do Lorvão, em Lorvão, onde se encontra patente o caderno de engargos, o qual será enviado a quem o solicitar.

Lorvão, 29 de Outubro de 1975.

Pel'A Comissão Instaladora

José Gaudêncio

Estrangeiro

AMPLA FRENTE EM ESPANHA CONTESTA JUAN CARLOS

MADRID, 3 (ANOP) — A Junta Democrática espanhola e a plataforma de Convergência Democrática, através de documento conjunto assinado em 30 de Outubro de 1975, «rejeitam rotundamente a continuidade do regime e de todas as instituições que tornaram impossíveis as liberdades democráticas, seja sob a forma concreta estabelecida nas leis sucessórias, seja sob qualquer tipo de Governo monárquico ou republicano, que se pretenda impor ao povo sem a necessária consulta prévia com plenas garantias de liberdade e imparcialidade» — afirma-se em documento assinado pelos representantes das organizações políticas da oposição que integram as duas frentes.

Este documento representa a mais séria e ampla contestação das forças democráticas espanholas a Juan Carlos e ao Governo que possa surgir da sucessão.

Significa ao mesmo tempo a criação de uma ampla frente comum que engloba todas as forças oposicionistas que estão integradas ou na Junta Democrática liderada pelo Partido Comunista Espanhol, pelo Partido Socialista Popular de Tierno Galvan e por diversas entidades particulares, mas com forte implantação em organizações de base e de profissão, como associações de moradores, comissões de operários, organismos profissionais e várias ramificações a nível de empresas e sectores de actividades, ou integradas na Plataforma de Convergência Democrática em que participam a esquerda da democracia cristã, o Partido Socialista Operário Espanhol, e outras organizações da social-democracia, representando em conjunto praticamente a totalidade dos grupos políticos do país.

A Junta Democrática e a Plataforma, no documento conjunto dirigido «aos povos de Espanha», «declaram a inquebrantável decisão de continuar, hoje, mais que nunca, uma acção política de carácter pacífico, para a construção no Estado espanhol de um sistema democrático pluralista baseado na soberania popular».

Ao mesmo tempo «manifestam a vontade de empreender conjuntamente, sem qualquer dilação, as acções políticas adequadas para a consecução dos seguintes objectivos primordiais: «Imediata libertação dos presos políticos dos sindicalistas e regresso dos exilados, eficaz e pleno exercício dos direitos humanos e das liberdades políticas consagradas nos textos jurídicos internacionais, especialmente as liberdades sindicais, e de todos os partidos políticos sem exclusão alguma, o pleno, imediato e efectivo exercício dos direitos e das liberdades políticas das distintas nacionalidades e regiões do Estado espanhol, realização da ruptura democrática mediante a abertura de um período constituinte, que conduza, através de uma consulta popular baseada no sufrágio universal, a uma decisão sob a forma de Estado e Governo.»

As duas grandes organizações políticas democráticas de oposição, ao constituirem esta grande frente de contestação intransigente do processo sucessório, de Juan Carlos e de tudo o que ele representa, fazem ao mesmo tempo uma convocatória a «todas as forças democráticas, políticas, sindicalistas e sociais e a todos os cidadãos dos povos do Estado espanhol, com vista a participarem nas mobilizaçoes e acções pacíficas necessárias para a efectiva conquista dos direitos e das liberdades fundamentais e para o estabelecimento de órgãos de poder executivo de ampla coligação, sem exclusões nem obrigatoriedades, que garanta o pleno uso dos referidos direitos e liberdades e a abertura e desenvolvimento do processo constituinte até à transmissão de poderes aos órgãos de Governo constitucionalmente eleitos».

O comunicado, redigido em linguagem muito cautelosa, sobretudo quanto aos pontos em que há uma certa divergência entre a Junta e a Plataforma, anuncia a criação de uma grande frente de contestação e oposição ao continuismo do regime, agora na figura de Juan Carlos, e significa a primeira grande derrota do príncipe ainda antes de assumir o Poder integralmente.

Juan Carlos enviara nos últimos dias emissários aos diversos grupos políticos com a proposta de uma trégua de seis meses e promessas de democratização do país.

Constava que algumas listas do primeiro Governo de Juan Carlos incluiam alguns elementos ligados à Plataforma.

Pensa-se que o Exército poderá manter uma atitude de moderação e apoiar Juan Carlos, mas de momento não se pode avaliar a sua eficiência.

O ESTADO DE FRANCO

..MADRID, 3 — (R.) — O general Franco, gravemente doente há quase duas semanas, dormiu toda a noite sem problemas — dizia um comunicado emitido às primeiras horas de hoje pelo seu gabinete.

..O comunicado afirmava que os médicos emitiriam outro boletim médico às 13 e 30 (hora de Lisboa).

..Um boletim médico emitido a noite passada declarava que o general permanecia em estado grave. Mas dizia que não houvera qualquer agravamento na sua hemorragia estomacal interna.

APELO ÀS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E ANTIFASCISTAS PORTUGUESAS

LISBOA, 3 — Anop) — A Junta Democrática de Espanha e a Plataforma de Convergência Democrática, «as duas grandes coligações democráticas espanholas que abarcam praticamente toda a oposição antifranquista», firmaram no passado dia 30 um «acordo básico de reivindicações democráticas, face às pretensões do regime de prolongar a sua existência» — revela uma nota informativa da Junta Democrática de Espanha em Lisboa.

Do acordo firmado, que consta de oito pontos fundamentais, destaca-se «a recusa de todo o tipo de soluções que signifiquem uma continuação do regime», a «ruptura democrática» com o sistema institucional vigente, a realização de eleições com plenas garantias de liberdade e imparcialidade, formação num período intermédio de um «governo provisório de coligação nacional no qual estejam representados o maior número possível de forças democráticas», a libertação de todos os presos políticos, assim como o reconhecimento de todos os direitos individuais fundamentais e restabelecimento imediato das liberdades políticas «com especial relevo para a formação de sindicatos livres e a legalização dos partidos políticos».

O acordo assinado reconhece ainda o direito de autonomia às nacionalidades que compõem o Estado espanhol, dando por fim o prazo de um mês «aos actuais responsáveis para a aceitação deste programa democrático mínimo, concluído o qual, as organizações políticas e sindicais que integram as duas coligações se comprometem a levar a cabo um plano de greves, manifestações e todo o tipo de acções cívicas para forçar esta mudança democrática».

A terminar a nota informativa sobre este acordo «que abarca desde os monárquicos liberais e democráticos conservadores até às organizações operárias mais combativas», a Junta Democrática de Espanha em Lisboa apela ainda para todas as forças democráticas e antifascistas portuguesas, para que manifestem a sua «solidariedade activa para com o povo espanhol na batalha decisiva que se dispõe a levar a cabo em vista à recuperação da sua liberdade, soberania e dignidade».

O REALIZADOR PASOLINI ASSASSINADO POR UM JOVEM

. ROMA, 3 — (R) — Guiseppe Pelosi, um jovem de 17 anos, foi acusado de ter assassinado o director cinematográfico, escritor e poeta italiano Pier Paolo Pasolini — um crime reminiscente do mundo decadente apresentado em muita da sua obra para o cinema.

O corpo de Pasolini, de 53 anos, um homossexual confesso, foi descoberto ontem, ao alvorecer, na estância balnear de Ostia, nos arrabaldes de Roma.

Ontem, à noite, a Polícia disse que Pelosi confessara o crime, afirmando que Pasolini o convidara para a prática de actos de pederastia.

As autoridades revelaram que o preso lhes contara que Pasolini o convidara para um passeio de automóvel, perto da Estação Central de Roma, lhe dera de comer num restaurante, seguira, depois, para Ostia, onde, num local deserto, saíram do carro.

A Polícia citou Pelosi como dizendo: «Ele desejava ter relações sexuais comigo e eu nao queria. Tivemos uma violenta discussão. Pasolini agarrou num pau e bateu-me com ele na cabeça».

Na confissão, Pelosi declarou ainda que, com sangue a correr-lhe pela cara, agarrara também num pau e batera na cabeça do realizador cinematográfico até ele cair. Cheio de pânico correra, então, para o carro e afastara-se do local, a grande velocidade, atropelando inadvertidamente o corpo de Pasolini.

Parara junto de uma fonte para lavar o sangue da cara e das mãos, mas foi detido, poucos minutos depois, por uma patrulha da Polícia devido a guiar a grande velocidade. Foi inicialmente acusado de roubar o carro e de guiar sem carta de condução.

As autoridades disseram que a confissão se registara quando encontraram um anel que o rapaz confessou ter perdido, junto do cadáver do realizador, e vestígios de sangue e de cabelos no automóvel.

Pelosi é oriundo de uma das áreas pobres dos arrabaldes de Roma, onde Pasolini passou muito tempo a arranjar inspiração para filmes e livros, que se relacionavam frequentemente com a onda de violência.

Pasolini escrevia regularmente uma coluna para o jornal milanês «Corriere della Sera». Afirmara nela, há menos de duas semanas, que os bairros da classe trabalhadora de Roma se haviam tornado «odiosos» e em antros do crime.

Nos primeiros filmes apresentou frequentemente actores não profissionais, vindos de «bairros da lata». O intérprete principal do seu primeiro filme, «Accatone», foi Franco Cutti um antigo cadastrado.

Pasolini acabara os trabalhos do seu último filme, baseado nos «120 Dias de Sodoma», do marquês de Sade.

A película foi roubada do laboratório cinematográfico em Agosto, mas trabalhando com cópias, o realizador conseguiu arranjar outro, que se espera seja exibido, dentro em breve.

Nos últimos anos, Pasolini realizou filmes como «Teorema», «Os Contos de Canterbury» e «O Evangelho Segundo São Mateus».

O realizador italiano Pier Paolo Pasolini, de 53 anos de idade, que dirigiu os filmes «O Evangelho Segundo São Mateus» e «Teorema», além de outros

SCHLESINGER E COLBY VÃO SER DEMITIDOS?

. WASHINGTON, 3 — (R.) — Espera-se que a Casa Branca anuncie hoje uma grande mexida em três dos cargos mais importantes e sensíveis do Governo, uma decisão aparentemente provocada por uma luta pelo poder nas cúpulas.

Notícias que circularam ontem diziam que o secretário da Defesa, James Schlesinger, fora demitido, retirado ao secretário de Estado, Henry Kissinger, o cargo de presidente do Conselho Nacional de Segurança e substituído o director da Agência Central de Informações (C. I. A.), William Colby.

Havia indicações de que uma comunicação formal seria feita dentro de 24 horas.

O senador Henry Jackson, um dos membros mais influentes da comissão de serviços armados do Senado, revelou a notícia da anunciada demissão de Schlesinger descrevendo Schlesinger como um vencido na luta pelo poder nas esferas governamentais, o senador democrático pelo Estado de Washington observou: «O seu afastamento abrupto indica que o Governo não pode tolerar opiniões dissidentes ou diferentes».

ESCALADA NO CONFLITO HISPANO-MARROQUINO

MADRID, 3 (ANOP) Segundo notícias chegadas a Madrid, verificou-se hoje uma escalada no conflito entre Espanha e Marrocos com escaramucas sangrentas entre tropas marroquinas e membros de tribos do Sara Ocidental.

Nos recontros não estiveram envolvidas tropas espanholas que tomaram posições no Nordeste do território.

Entretanto, lutando contra o tempo, o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, iniciou hoje conversações diplomáticas a fim de evitar um conflito entre civis marroquinas e tropas espanholas e argelinas no Sara.

DESMENTIDO MARROQUINO

AGADIR, 3 (R) — Marrocos desmentiu notícias da Imprensa de que as suas tropas haviam penetrado no Sara Ocidental ocupado pela Espanha, mas confirmou que a marcha de 350 000 marroquinos desarmados sobre o disputado território iria avante conforme estava planeado.

A tensão aumentou ontem quando, com civis marroquinos a concentrar-se na cidade fronteiriça sariana, a Espanha declarou no Conselho de Segurança das Nações Unidas que as suas forças se oporiam a tal marcha «por todos os meios ao seu dispor».

Algumas notícias da Imprensa durante a noite diziam que tropas marroquinas do oásis de Zag entraram na extremidade nordeste do território e ocuparam o posto espanholde Mahbeas — anteriormente evacuado por tropas espanholas.

Um comunicado do Ministério da Informação marroquino desmentiu estas notícias, mas admitia a hipótese do povo sariano ter hasteado a bandeira marroquina em postos que o Exército espanhol tenha evacuado.

Apesar do aviso da Espanha nas Nações Unidas, e de um pedido do Conselho de Segurança ao secretário-geral Kurt Waldheim para intensificar os esforços com vista a encontrar uma solução para a questao do Sara, o rei Hassan de Marrocos partiu ontem de Marraquexe para Agadir com a maior parte do seu Governo, para estar mais próximo da fronteira com o território administrado pela Espanha — que afirma pertencer por direito a Marrocos.

JUAN CARLOS VISITOU O SARA

r MADRID, 3 (R) O chefe de Estado interino da Espanha, príncipe Juan Carlos, enfrentava hoje um impasse diplomático sobre o Sara Espanhol após uma rápida visita de quatro horas ao território do deserto, a última colónia da Espanha em África.

O príncipe fez ontem uma visita a El Aaiun capital do Sara ral o seu mais decisivo acto desde que assumiu o poder supremo — pelo menos temporariamente — do moribundo general Francisco Franco.

A Espanha e a Argélia apoiam a autodeterminação para os 74 000 habitantes do Sara, enquanto Marrocos e a Mauritânia mantêm reivindicações territoriais.

O bservadores nesta cidade viram a inesperada visita do príncipe como uma prova de que a Espanha deseja mostrar que não será forçada a abandonar a sue declarada política sariana devido á grave enfermidade do general Franco.

ESTELA PERON HOSPITALIZADA

..BUENOS AIRES, 3 (R.) A presidente Maria Estela Peron da Argentina foi hospitalizada, às primeiras horas de hoje, sofrendo de uma doença na vesícula biliar, segundo revela um comunicado do gabinete da presidência para a Imprensa.

..O comunicado dizia que a presidente-viúva adoecera ao regressar a Buenos Aires, após passar um fim-de-semana num centro de turismo no litoral, e fora internada numa clínica particular para observação.

..O seu estado não era, de qualquer modo, grave — notava a comunicação.

..A senhora Peron deu entrada no hospital na altura em que se regista grande clamor no País por alegado mau emprego de fundos públicos por funcionários governamentais.

..Durante a sua ausência de três dias do palácio do Governo, um senador do Partido Radical sugeriu que o escândalo, que aumenta como uma bola de neve, poderia conduzir à impugnação da senhora Peron, que voltou a ocupar o Poder, há apenas uma quinzena, após uma cura de repouso de um mês.

Geral

GRUPO DE TEATRO AMADOR DE ALPIARÇA

FAZER O TEATRO POSSÍVEL PELA DEFESA DOS TRABALHADORES

. Formado em 1972, o Grupo Amador de Teatro de Alpiarça só agora pode desenvolver um trabalho, no âmbito do Teatro Popular, inegavelmente útil. A sua aceitação, por parte de um público sem possibilidade de ver Teatro, na maioria dos casos, testemunha a importância desse trabalho.

Neste momento, o seu espectáculo preenchido com as peças «A Força do Povo», de Manuel Gírio e «O Catecismo do Trabalhador», uma adaptação para o Teatro da obra de Paul Lafargue, teve já 15 representações e cerca de cinco mil espectadores. Que espectadores?

. **Estreámos «A Força do Povo» na Festa da Liberdade, em Alpiarça e já representámos em salas de espectáculos clássicos e para os ranchos de trabalhadores gaibéus que vieram às vindimas.**

Isto (e o mais que adiante se verá) disse-nos João Manuel Serrano, membro de grupo que nos adiantou haver já mais dezena e meia de convites para outras tantas localidades.

TEATRO CONTRA O FASCISMO

Em 1972 o Grupo era mais uma frente de luta contra o fascismo, acrescentou João Serrano. **Para evitar más interpretações, desde os primeiros momentos definimos aquilo que viria a orientar toda a nossa acção até ao momento: fazer o Teatro que estivesse ao nosso alcance, subordinando-o à defesa dos interesses dos trabalhadores.**

Nesse tempo, no tempo em que a tesoura censória suava para dar conta do recado, o Grupo foi impedido de apresentar «Os Três Fósforos», de Teresa Rita. **Nem tudo foi fácil** — diz-nos Serrano. Quase tudo foi difícil, diremos nós, já que se encontraram **grandes dificuldades pelo caminho, desde o recrutamento de raparigas ao mos qualquer coisa com jeito dade financeira para encenarmos qualquer coisa com geito e à impossibilidade de arranjarmos uma pessoa que, de algum modo, já tivesse orientado a montagem de uma peça e ao arranjo de uma sala para ensaios.**

O Grupo começou por onde devia. Lembremo-nos das palavras do nosso interlocutor: **fazer o Teatro que esteja ao nosso alcance.**

Escolhemos António Aleixo para começar: o «Auto do Ti Jaquim» e o «Auto do Curandeiro».

PROJECTOS

O grupo inscreveu-se na Associação Portuguesa de Teatro de Amadores, recebendo dela o auxílio financeiro que lhe possibilitou montar as duas peças que neste momento apresenta. Mas...

«..Apesar de tudo, de toda a actividade que temos tido, não temos dinheiro. Já gastámos o dinheiro do subsídio e estamos à espera que nos concedam mais algum para podermos pensar em montar nova peça, a ver se continuamos a nossa actividade e damos oportunidade a novas pessoas que neste momento querem vir ao grupo. Para isso contamos com a boa vontade da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Alpiarça e com o espírito de cooperação das direcções das duas colectividades da terra, já que o nosso Grupo faz parte das secções culturais do Clube Desportivo «Os Aguias» e da Sociedade Filarmónica Alpiarcense 1.º de Dezembro.

E, a terminar, disse-nos João Serrano:

. **Temos um projecto e estamos a persegui-lo: divulgar e dignificar o Teatro junto das pessoas que nunca souberam o que era Teatro. Para isso temos vários objectivos em vista:**

. — **trazer trabalhadores ao Grupo e pô-los a fazer teatro;**

. — **criarmos, por nós próprios, os elementos que compõem um Grupo, desde o actor ao encenador e ao carpinteiro de cena, etc., através das experiências que formos colhendo e das ajudas técnicas e materiais que nos forem oferecidas;**

. — **arranjarmos peças de autores portugueses que se adaptem ao momento histórico que atravessamos;**

. — **trazer mulheres ao Grupo e pô-las a fazer Teatro;**

. — **contribuir, com a nossa actividade, para o esclarecimento do povo trabalhador;**

. — **contribuir, com a nossa actividade, para o esclarecimento do povo trabalhador;**

. — **contribuir, com o nosso esforço, para a união das colectividades desta terra, uma desportiva e outra recreativa. É por isso que o nosso Grupo pertence conjuntamente às secções culturais das duas. Devido às próprias características da terra, achamos que é fundamental unir as duas colectividades, não só porque é um factor de união entre as pessoas, como também é um factor de avanço do próprio Poder Popular, já que ficaríamos com uma colectividade única com cerca de 2000 associados numa terra com 9000 habitantes, além de que ficávamos com muitas mais possibilidades de criar novas modalidades desportivas e recreativas além das já existentes. O facto é que a nossa actividade já começa a dar os seus frutos, visto que, na nossa última representação no Ginásio do Clube Desportivo, propusemos, no final, a discussão do problema (embora com carácter transitório de momento), e as pessoas dirigiram-se-nos a mostrar a sua posição favorável à união das colectividades.**

. «Tanto Mar», LP de Chico Buarque e Maria Betânia gravado ao vivo e proíbido no Brasil, chegou a Portugal. Trata-se de uma excelente gravação dos momentos mais significativos do «show» com o mesmo nome que os dois artistas apresentarão no «Canecão» do Rio.

Posto à venda no Brasil, o disco era, ao fim de uma semana, **apenas** o mais vendido. Depois, o regime achou demais...

QUE LOBISOMEM "MISTER" CONCHA?

. Ouvi e não queria acreditar. Mas era verdade, José Manuel Concha o retornado), em tom «rock», ali estava a dedilhar de forma fastidiosa e esganiçada, o «vira, vira lobisomem!». Através dos médios megaciclos dos «Emissores Associados», e sob a égide de um senhor que dá pelo nome de Marques Vidal.

Para onde caminhamos a este compasso, pergunto, ou antes, para onde nos pretendem virar, música que foi «Grândola» e 25 de Abril e que já nos aliena os tímpanos com árias a lobisomem. E que lobisomem? Spínola, 11 de Novembro. e os 250 milhões de dólares (vi(r) a CIA) para o seu «MDLP» armar? Ou não fosse lobisomem (vide dicionário) um homem que, segundo a crendice popular, se transforma em lobo, e que de noite vagueia para cumprir o seu fadário. Ao caso fadário (de fascista), claro está. Cruzes, «mister» Concha. E longe vá o agoiro!...

MANUEL GERALDO

NÃO HÁ CESSAR-FOGO EM ANGOLA

Continuação da pág. 1

U. N. I. T. A. rejeitam, em bloco, esta possibilidade.

SITUAÇÃO MILITAR

. O comandante Júlio de Almeida do Comissariado Político do Estado-Maior das F. A. P. L. A., reuniu em Luanda com a Imprensa, tendo feito uma análise da situacão político-militar no país e esclarecido sobre algumas das posições conquistadas pelas forças populares, na contra-ofensiva contra as forças mercenárias que invadiram Angola a partir do Zaire.

«Quem hoje tem dúvidas sobre a presença no nosso solo de forças estrangeiras compostas por unidades regulares de exércitos vizinhos (do Zaire, a Norte, e da Africa do Sul, a Sul)? Quem tem hoje dúvidas sobre a participação de mercenários de várias nacionalidades na condução dos exércitos da U. N. I. T. A.e F. N. L. A.? Alguém honesto poderá negar a presença e a ingerência do chamado exército de «libertação» de Portugal (E. L. P.) nas actividades militares que tentam impedir a concretização da nossa independência?». Foi com estas perguntas que o comandante Júlio de Almeida abriu a sua intervenção, acusando em seguida, as autoridades portuguesas, de, face a todas as agressões estrangeiras, se terem mantido numa perigosa passividade. «Esta posição, contudo, esclarece a situação», disse Júlio de Almeida, que prosseguiu: «A partir de agora não mais se poderá falar de quatro forças em presença (M. P. L. A., U. N. I. T. A., F. N. L. A. e forças portuguesas), mas apenas de duas partes em confronto: as forças populares e os seus inimigos a soldo do imperialismo, apresentam-se sob que forma for». Continuando a focar a acção das autoridades portuguesas, foi levantada, em seguida, a questão da ocupação de Moçamedes:

. «A acção das autoridades militares portuguesas tem sido inconsequente na interpretação que fazem dos acordos do Alvor. Ali, onde os inimigos do povo fazem sentir a sua presença, se, por um lado, mantêm connosco a gestão nacional das zonas libertadas pelas F. A. P. L. A., por outro lado têm abandonado o cumprimento do acordo do Alvor. Assim, acabaram por abando ar ou passar os poderes (não sabemos ainda bem qual das hipóteses se verificou...) às forças invasoras que em Moçamedes entraram empunhando a bandeira portuguesa e que, como nós sabemos, são um misto de ex-«pides», mercenários e tropas invasoras preparadas, equipadas e oriundas da vizinha Namíbia».

O comandante Júlio de Almeida definiu depois a situação militar nos seguintes termos: na frente sul, a situação mantem-se inalterável, embora em Sá da Bandeira as F. A. P. L. A. tenham conseguido desalojar os mercenários das posições que ocupavam nos arredores da cidade. Na frente de Nova Lisboa, as forças populares consolidaram a sua posição em Queve e encontram-se agora a 50 quilómetros da capital do Huambo.

Ontem, naquela frente, foi ocupada, ao fim da tarde, a povoação de Longonjo e a localidade de Caala está seriamente ameaçada, prevendo-se que as forças que a ocupam, constituídas por mercenários da U. N. I. T. A. e F. N. L. A., a abandonem nas próximas horas.

TERMINOU A PONTE AÉREA

Terminada a ponte áerea Angola-Portugal, apenas 30 a 40 mil portugueses permaneceram em Angola, segundo estimativa do alto-comissário.

A partir de agora, as ligações entre Angola e o exterior passam a ser asseguradas apenas pelos voos regulares das companhias aéreas que escalam Luanda.

Todas as pessoas que desejem deixar Angola deverão, a partir de agora, apresentar um salvo conduto passado pela Polícia, apenas sendo dispensados desta medida os que não tiverem a intenção de regressar.

Entretanto, os estrangeiros foram convidados, há dias, a apresentarem-se à Polícia para se registarem e indicarem o local onde residem. A Secretaria de Estado do Interior publicou um comunicado indicando que todos os estrangeiros que desejem entrar em Angola, depois do 11 de Novembro, deverão ser portadores de um documento do Governo angolano.

P. C. P.: M. P. L. A. ÚNICO E LEGÍTIMO REPRESENTANTE

O Partido Comunista Português, através da sua Direcção da Organização Regional de Lisboa, publicou um comunicado em que começa por afirmar que, «com a aproximação do dia 11 de Novembro, se assiste a uma frenética intensificação das actividades contra-revolucionárias, tanto em Portugal como em Angola», denunciando as agressões estrangeiras contra o povo angolano, e afirmando:

. «Estamos perante um momento crucial do processo de descolonização. A classe operária, o povo, as forças progressistas de Portugal pronunciam-se firmemente pela proclamação da independência de Angola a 11 de Novembro com o reconhecimento do M. P. L. A. como único e legítimo representante do povo angolano.

Uma tal posição é a que corresponde aos interesses comuns do povo português e do povo de Angola, a única linha de descolonização que tão largo prestígio conquistou no Mundo para o nosso povo e a nossa revolução.

«Face à gravidade da situação e considerando que urge pôr em prática acções concretas que exprimam os estreitos laços de solidariedade que unem o povo português e o povo irmão de Angola, a D. O. R. L. do P. C. P. organiza na *próxima terça-feira, dia 4, pelas 21 horas, no Ginásio do Sacavenense uma jornada de solidariedade em que usarão da palavra um representante do M. P. L. A., Sérgio Vilarigues (membro da Comissão Política do Comité Central do P. C. P.) e Carlos Aboim Inglês (membro do Comité Central do P. C. P.).*

«Saudando a luta heroïca do povo de Angola e reafirmando ao M. P. L. A. a sua completa solidariedade de combate, a D. O. R. L. do P. C. P. apela para que a classe operária, os trabalhadores e o povo de Lisboa intensifiquem as suas acções concretas de apoio à luta do povo de Angola e ao M. P. L. A., para a sua participação na jornada de solidariedade no próximo dia 4.»

U.R.S.S. RECONHECERÁ INDEPENDENCIA DECLARADA PELO M.P.L.A.

. .A União Soviética reconhecerá a declaração unilateral de independência de Angola pelo M. P. L. A., segundo notícia enviada de Nairobi pela U. P. I. A decisão soviética foi expressa numa nota enviada ao actual presidente da O. U. A., marechal Idi Amin, e entregue pelo embaixador soviético em Kampala, Andrei Zakharov.

. .É do seguinte teor aquela nota:

. «É intenção do M. P. L. A. assumir a responsabilidade de toda a Angola quando os portugueses se retirarem, a 11 de Novembro, e estabelecer um entendimento com a U. R. S. S.

. .«Moscovo tenciona reconhecer Angola quando o M. P. L. A. produzir uma declaração de independência e a União Soviética reconhecerá então um novo Estado.

. .«A União Soviética apoia a eliminação do colonialismo e não pode ficar indiferente à situação em Angola. A F. N. L. A. e a U. N. I. T. A., com o apoio de círculos imperialistas, frustraram as actividades do Governo de Transição e iniciaram as hostilidades contra o M. P. L. A.

. .«Existe uma verdadeira ameaça de intervenção de forças reaccionárias estrangeiras. As actividades da F. N. L. A. e da U. N. I. T. A. são o resultado da intervenção militar estrangeira.

. .«Em tal situação, justifica-se absolutamente a intenção dos dirigentes do M. P. L. A. de assumir toda a responsabilidade pelo destino do País.»

PASSAGENS
PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO
DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBÓIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS PREÇOS OFICIAIS
ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO
RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA
UMA FACILIDADE
QUE POMOS AO SEU SERVIÇO, POUPANDO-LHE TEMPO E INCÓMODOS
PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR
STAR

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»

Geral

A VENEZUELA PODERÁ RECEBER RETORNADOS

Continuação da pág. 10

venezuelano porque não se adaptaram nunca ao sítio onde estavam a viver. Nesse sentido a situação foi sempre muito dramática».

Em relação à revolução portuguesa o emigrante português não a compreende nem pode de facto compreender.

A «NEUTRALIDADE» DA NOSSA EMBAIXADA

Qual o contributo de uma Embaixada para a revolução. Terá desempenhado um papel de guarda avançada nesse país?

Vejamos a resposta do prof. Rui de Carvalho:

. «Definitivamente não. Porquê? Porque o corpo diplomático deve estar ao serviço do povo português. E se o povo português está a fazer uma revolução, o corpo diplomático tem que servir os interesses do povo português. Na Venezuela — e creio que isto não se estará passando só na Venezuela — mas eu vou falar do que sei, o corpo diplomático português até há pouco tinha uma posição que eles chamavam neutral. O mínimo passo que dão pedem ordens para Lisboa. Ou dizem que pedem. Eu não quero falar de ninguém mas, na prática, por exemplo, o embaixador que está na Venezuela, que já estava no tempo do Caetano, é um homem que eu posso dizer que não conhece ninguém naquele País. Não conhece nem os intelectuais, nem os políticos. Faz uma vida de casa para a embaixada, e da embaixada para casa muito tranquilo. Isto em relação ao povo venezuelano. Em relação à colónia portuguesa conhece os milionários.

. Apesar de tudo, salientou, o prof. Rui de Carvalho, graças à Associação de Amizade Portugal-Venezuela, nestes últimos meses já foi possível fazer alguma coisa pela revolução portuguesa.

RETORNADOS NA VENEZUELA

A terminar abordámos com o prof. Rui de Carvalho o problema dos retornados de Angola e a perspectiva de muitos deles poderem radicar-se na Venezuela.

«E provável que a Venezuela abra as suas portas à emigração portuguesa. O problema é que a Venezuela tem uma experiência um pouco dura com as emigrações que tem recebido e com a forma como tem orientado a selecção do emigrante que vai para lá. O emigrante chega como camponês, por exemplo, e fica em Caracas. Os campos da Venezuela estão abandonados e o país tem necessidade de desenvolver o seu interior e a agricultura. Nessa medida creio que os venezuelanos vão ser cuidadosos, talvez mais cuidadosos do que fomos nós, numa selecção que façam com os retornados. Porque, de facto, nestes retornados creio que vem boa gente, que pode ser um bom emigrante económico para a Venezuela ou para outro país qualquer, mas vem também muita gente que não era bom que estivesse em Angola nem vai ser bom que esteja em nenhum sítio. Isto é a minha opinião na medida em que o emigrante económico tem que ser um homem que saiba trabalhar, não quer trabalhar, não será emigrante económico. A experiência que tiveram por exemplo os venezuelanos e outros países da América Latina com o caso cubano é importante. Quando foi da revolução cubana, muitos cubanos emigraram para a Venezuela e isso foi um problema na medida em que esses cubanos montaram cabarés, introduziram a droga, tomaram conta de certos meios de comunicação de uma forma completamente arbitrária e fazendo um trabalho alienante para o povo venezuelano, ganhando muito dinheiro isso sim, fazendo-se ricos na Venezuela, mas contra os interesses do povo venezuelano mantendo-se numa posição parasitária e prejudicial à boa via de desenvolvimento do país. Parece que a Venezuela está na disposição ou já abriu de facto as portas à emigração. É muito natural que possa receber pessoas, mas estou convencido que os venezuelanos aprenderam as suas lições e, nessa medida, vão ser muito cuidadosos e provavelmente farão a sua selecção, o que é absolutamente respeitável.»

M.D.L.P's PRESOS EM BRAGA JÁ VIERAM PARA CAXIAS

. Os dois ex-oficiais detidos em Braga e implicados no golpe contra-revolucionário de 11 de Março, já se encontram na prisão de Caxias, para onde seguiram, no último sábado. O ex-primeiro-tenente fuzileiro Benjamim Lopes Abreu e o ex-major piloto, António Manuel Salles Mira Godinho foram detidos no seminário de Santiago, em Braga, na última sexta-feira, após um cerco ao edifício, em consequência de denúncia feita às autoridades militares por elementos do M.D.P./C.D.E. que teriam detectado a sua presença naquela cidade. Benjamim Abreu, segundo informações recolhidas junto dos militantes daquele partido, seria um dos responsáveis pelos atentados à bomba verificados no Norte, supondo-se igualmente que seja elemento destacado do chamado M.D.L.P. Recorda-se que, segundo o relatório do 11 de Março, Benjamim Abreu viajou no automóvel que saiu de tancos com Spínola, Alpoim Calvão e Rebordão de Brito. Por seu turno, Mira Godinho é tido como um auxiliar bastante de próximo e imporrante de Spínola e terá sido um dos pilotos que, em 11 de Março, bombardeou o Ralis, conduzindo depois o aparelho em que Spínola fugiu para Espanha.

O Q.G.do Porto mantém grande sigilo sobre pormenores da detenção dos dois ex-oficiais, embora tenha difundido um comunicado sobre o acontecimento. Em Braga os dois detidos foram submetidos a breve interrogatório, que prosseguirá agora em Lisboa.

O cerco aquele seminário prolongou-se por várias horas, após ter sido montado um forte dispositovo de segurança por elementos da Região Militar do Norte, com particular destaque para as forças militares e militarizadas de Braga. Dada a vastidão do edifício, cedido pela Diocese de Braga para o alojamento dos retornados de Angola, os dois detidos, ao que se afirma naquela cidade, terão quase conseguido passar as malhas da busca levada a efeito. Ao que se diz, também terão estado escondidos debaixo de uma cama, e só a indicação de um retornado terá motivado nova busca ao compartimento onde se encontravam escondidos.

Hoje

«Floris vom Rosemund»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.30 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
20.00 **Das Artes e Ofícios**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.00 **Teatro** — «Angústia para o Jantar» produção da Planigrafe. Realização de Jaime Silva. Director de produção: João Martins. Prtdutor delegado da RTP: Figueiredo de Barros. Intérpretes do 5.º episódio: Jorge Brum do Canto, Canto e Castro, Carlos Veríssimo, Rui de Carvalho, Ilda Lucas e Fernanda Franco.

Goncalo acaba por decidir convidar Pedro para um jantar com António, de maneira a identificar António com os tipos que Pedro defende, e posteriormente mostrar-lhe a sua superioridade...

22.00 **Documentário**
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Floris von Rosemund»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição do Telejornal transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 **Música, Música!** — um programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira.
23.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «Angústia para o Jantar» (21.00)

II PROGRAMA

Música, Música! (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Comida, Dinheiro e Saúde; **13.15**: Telejornal 1.ª edição; **13.30**: «O Regador Mágico» («Pardon My Genie») — série filmada episódio: «O Génio do Cabelo Comprido»; **14.00**: Logo à Noite — cartaz dos teatros e cinemas; **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º anos); **15.00**: Francês (2.º ano) **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano). **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ANO); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis: **19.30**: «Os Malucos do Circo»; **20.00**: TV Palco — programa apresentado por Igrejas Caeiro: **20.30**: Telejornal 2.ª edição: **21.00**: Programa militar do Estado-Maior das Forças Armadas: **22.00**: Programa Musical: **23.00**: Telejornal — 3.ª edição: **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e um episódio da série filmada «O Regador Mágico»; **21.30**: Telejornal — em diferido a edição do Telejornal transmitida às 20 e 30 no I Programa: **22.00**: Teatro — «Seara de Vento» — de Manuel da Fonseca. Encenação de Artur Ramos. Cenografia de Moniz Pereira. Colaboração musical de Domingos Morais. Dramaturgia de Josep Sasportes. Intérpretes (por ordem de entrada em cena): Rui de Carvalho, Adelaide João, Lurdes Norberto, Madalena Braga, José Manuel, José de Castro, Armando Cortez, Arminda Pereira, Fernanda Borsatti, José de Carvalho, Carlos Veríssimo, Branco Alves, Andrade e Silva e Carlos Santos: **23.30**: Fecho.

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES — MAIORES DE 21 ANOS — TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS — SALA DE JOGOS
DA ROMÉNIA
MIHAELA
FAMOSA VEDETA DA CANÇÃO MIHAI
JOHNNY MARTIN
MARIA JO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA
BENTYBER DANCERS
FERRER TRINDADE e sua orquestra
BANDA DIPLOMÁTICA de THO BANDEIRA and his group
KIM AND CYRILLE «STRIP-SHOW» SO'NO WONDER BAR
SALÃO RESTAURANTE às 23.30 (não aconselhável m. 13)
WONDER BAR à 1,00 (interdito a m. 18)
CONSUMO MINIMO (Tudo incluido)
Sábados 140.00 Restantes dias 120.00

COLISEU
EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.)—TEL. 36 19 97
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 21.30 H.
(PARA TODOS)
Companhia Internacional de CIRCO
CHIMPANZÉS ☆ POMBINHAS ☆ CÃESINHOS ☆ VENTRILOQUO ☆ FAKIR ☆ CONTORCIONISTAS ☆ CICLISTAS ☆ FAZ-TUDOS ☆ 2 PARELHAS DE PALHAÇOS, etc.
QUINTAS-FEIRAS e SÁBADOS, «MATINÉE» às 16 h.
DOMINGOS: 2 «matinées» - 1.ª às 14.30 - 2.ª às 17.15 h.
Nas «matinées», as crianças até aos 10 anos, devidamente acompanhadas têm entrada gratuita
BILHETES À VENDA

CIRCO EM LISBOA
Av. da República, junto à Feira Popular
Pela 1.ª vez na Capital o CIRCO MEXICANO
Emp.ª Teixeira Codónis
Dia 7, Estreia com LEÕES, TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS e CÃES AMESTRADOS — DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS E AINDA O MAIOR VENTRÍLOQUO DA EUROPA JOSÉ FREIXO E SEU PATO DONALTIN
CIRCO MEXICANO O MAIOR CHAPITON PLÁSTICO CONSTRUÍDO EM PORTUGAL COMPLETAMENTE IMPERMEÁVEL

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13 B - Rua Macau, 8

Desporto

NACIONAIS DE FUTEBOL

VOCÊ INTERESSA-SE PELO GOLO?

comentários por NEVES DE SOUSA

Imperturbáveis, os três «bbb» da frente comandante do «Nacional» futebolístico prosseguem a caminhada: e, se a eles somarmos os «leões» (que estão somente a um ponto de diferença mas com um jogo reduzido no activo) chega-se ao desiderato que a luta pelo ceptro está a assumir foros de curioso interesse, com vários emblemas já destacados (o quadrunvirato citado) e, igualmente, com outros símbolos ainda capazes de darem forte ar de graça na apresentação dos trunfos pela decisão mais pretendida e mais ambicionada, se entendermos que Vitória de Guimarães e (mais remotamente o F. C. Porto poderão guardar uma secreta esperança de cataclismos lá para o topo da tabela, deles beneficiando por desgraça alheia.

OS CAUDATÁRIOS

Neste fim-de-semana, cumprimos uma tripla: observação, **in loco**, do terceito da vanguarda, respectivamente em Tomar, na Luz e no Restelo. Uma jogada que deu motivo para crónica de vários cambiantes: e a eles chegaremos após um detalhe sobre cada uma das outras partidas do calendário-mor.

O Vitória de Setúbal esteve aos tremeliques até aos 71 minutos, altura em que José Maria atirou a primeira acha para a fogueira. O agigantismo do promissor Lito acabaria por fazer os sadinos respirarem fundo: o golo que fechou a contagem, (2-0) face a um esforçado Beira-Mar, foi logrado por Arcanjo que, durante a hora e meia, desperdiçara oportunidades aos punhados. Êxito da turma de Mário Lino perante a do antigo professor do jovem açoriano: e será caso para se dizer que os aveirenses, agora sob as ordens de Fernando Vaz, estão a tentar um vale-tudo que pode ainda redundar na continuidade entre os «grandes».

O F. C. do Porto conseguiu uma «goleada» categórica (8-2) no diálogo com os leixo-nenses. Não espanta a craveira numérica «azul-branca», ficando mais notória a dupla de golos do matosinhense Eliseu que a progressão dos «ricaços» donos das Antas até à malha da outra fachada. Autores dos tentos portistas: Oliveira (3), Gomes (2), Ademir e Cubillas (2). Não se sabe, depois desta escalada, se o peruano Cubillas acaba por ver o castigo em que está incurso a ir-se por águas de bacalhau: ou ainda recebe público louvor por ter ido fazer meio-dia a Caracas sem dizer água vai. A propósito, e para que o Sindicato dos Treinadores fique ao rubro: Stankovic lá vai fazendo a sua vida. Com altos e baixos, é verdade: mas, sempre embolsando.

Em Guimarães, passeio do Vitória sobre o inexperiente Atlético: 5-0 diz da facilidade minhota em seguir avante. Tentos para uma refeição completa a cargo de Tito, Almiro, Pedrinho, Ramalho e Abel.

Farense sacudiu a mala-para: e atirou o Sporting de Braga do escadote abaixo, apeando-o dos sonhos de fascínio em que alguns crentes lá da cidade estavam apostados em vislumbrá-lo. Três golpes certeiros do extremo-esquerdo Jacques (atenção ao «garoto»!) ajudaram a fazer o concludente 5-1. Os outros remates eficazes foram rubricados pelos sócios Cardoso e Chico Zé mais pelo bracarense Canavarro. José Carlos versus Pedro Gomes: o mérito e o engenho de dois jovens técnicos a não sair beliscado do choque entre dois homens que viveram, lado a lado, as melhores horas de bonitas carreiras.

«LEÕES» ASSANHADOS

O Sporting não esteve com conversas: neste instante do torneio, quem é capaz de garantir que os «leõezinhos» (da juba a despontar na maioria) não são já osso duro de roer para qualquer outro rei da selva do chuto? Juca: um homem a merecer parabéns. João Rocha, Nunes dos Santos, toda uma equipa directiva virada para as realidades da vida corrente: a satisfação do encontro com o caminho correcto. Ovelhas tinhosas fora do redil, dispensados outros bons valores que renderiam dinheiro ou serviriam para gastar menos em cada 30 dias, aí temos Alvalade de cabeça levantada e, mais do que nunca, crente em que, para além de estar sentado na mesa onde se joga o poquer mais caro, o Sporting também tem, debaixo das possibilidades de suplante, um Vasas para restaurante de segunda. Sporting é (com o Boavista) a imagem da resistência a qualquer desaire: o binómio juventude-experiência caldeado no «savoir-faire» de um corpo técnico e médico de elevado gabarito, apoiados por uma direcção vertical, intransigente e, sobretudo, moderna e perfeitamente identificada com os alcatruzes de uma nora chamada futebol profissional.

Ontem, perante um Académica a ter-se com deficiências sobre as canelas, os homens do Lumiar construiram a pirâmide sem tibiezas: Manuel Fernandes (reencontrado com as balizas) fez dois golos, Nelson conseguiu a «acrobacia» do costume e, da entrada de Vítor Gomes e Jesus (na rendição aos «internacionais» Mário e Chico) resultaria o quarto tento da capital, obra de Jesus, o ex-estagiante em terras algarvias. Gregório fez o golo coimbrão: que nem atrapalhou nem atrofiou a impecável mecânica congeminada por Júlio Cernadas Pereira para a sua «moçada». Pena (de certo modo dura, para os conimbricenses). E censura (duríssima) para a vergonha de uma cabeçada de Brasfemes em Nelson, que não teve a mais leve punição arbitral.

SOMA E SEGUE

Chegamos, agora, à trindade de desafios em que os «bbb» estavam imiscuídos: Tomar (tarde de sábado), Luz (ao pôr da noite) e Restelo (pelas 15 de domingo) foram invadidos por algumas dezenas de «doentes» que, como nós, queriam observar dos motivos porque o Boavista, Benfica e Belenenses (coloque-os o leitor na ordem mais apetecida) são os donos da festa.

Nabão: os peixonhos sem conseguirem curvar-se a quem quer que seja. José Júlio Garcia com um montão de notas fora do bolso. O bom padre-presidente a rezar a todos os santinhos por uma casa cheia, benesse atenuadora dos pesadelos nocturnos do tesoureiro. O Tomar (e nunca a **união** fez tanta força) quase a embolsarem um pontinho precioso. A bancada (plena) a sofrer, de olho meio virado para a relvita e outra parte espetada no relógio. Pedroto à espera de um «milagre» contra «team» abençoado: e os alunos de Francisco Andrade a desfazerem, uma a uma, as avançadas vindas de hostes xadrez. Uma primeira parte sem golos, tudo a ser ainda possível. Até que José Maria Pedroto, eterno insatisfeito e jogador de tudo ganhar ou perder, substitui o sonolento Acácio pelo altaneiro e trapalhão Rufino. Chega o minuto 81: «livre» e golo. Rufino, o guineense esguio como pau de fio do Alasca, a fazer o toque final. Sete vezes sessenta segundos mais tarde, o 2-0 para o Bessa: Francisco Mário, o homem que andava quase perdido no atribulado Montijo de há temporadas, a marcar a sua chancela. Pedroto com os pontos na mala: Tomar com os contos no cofre. Deus a repartir as riquezas da melhor maneira, embora tenha sido um bocadinho cruel para o clube presidido pelo sacerdote Leopoldo Sousa Gonçalves, um jovem (31 anos) de rosto equitativamente virado para as coisas etéreas como para as terrenas.

Vale a referência dos esgrimistas sobre a relva. Carlos Dinis foi de Lisboa comandar os cordelinhos do «show», desempenhado a inteiro contento por treze tomarenses (Silva Morais, Kiki, Faustino, Calado, Carvalho, Barrinha, Sarmento, Florival, Camolas, Bolota, Pavão, Caetano e Fernando, com Barrinha sob a luz dos mais prolongados aplausos), não menos brilhante ou logicamente triunfante por parte de outros tantos boavisteiros (Botelho, Trindade, Mário João, Carolino, Alberto, Taí, Alves, Acácio, Francisco Mário, Mané, Salvador, Rufino e Lobo, com «o homem das luvas negras» e a dupla de atiradores brasileiros a pensarem muita na viagem à Escócia). Em tempo: nota maior para Carolino, o rei a emergir do baralho.

Na Luz: o brasileiro Bira arrepanha-se, mas nada havia a contestar ao 5.º golo da enxurrada.

A EXPLOSÃO

Luz: o Estoril Praia entrando de rompante, num atrevimento que iria pagar com todas as moléculas de sangue. Uma velocidade delirante, inacreditável, que só teria que ser (por parte de Mário Wilson e companheiros de labuta) travada regularmente, à porfia por um golpe de maestro. Nelson Reis parecia acorrentar Jordão. Todos os «amarelos» galgavam terreno como lebres: só Eurico, a passo desde o primeiro silvo, simulava nota de fraqueza física. Afinal, ele era dos poucos que sabia até onde podia oferecer (conduzir) o seu esforço e a sua capacidade...

Ao quarto de hora, o Estoril já estava de braços em baixo, com seis «cantos» consentidos e algumas veleidades perdidas. Isto, porque o ainda pouco rodado guarda-redes Ruas não acertava um voo a corte vindo das asas, nem Amílcar (à esquerda, como à direita) era um passador que deixava fugir pelas redes até uma baleia. Seria tudo uma questão de deixar andar, do tempo correr. E, foi mesmo, tornando-se fastidiosa a recordação dos golos (quatro) que se anicharam no fundo da teia dos enviados da Costa do Sol, propiciados por Bastos Lopes, Sheu, Nené e Moinhos. Uma recarga à queima-roupa, uma finta dividida irmamente por João Carlos e Nelson Reis, uma «cabeça» dada nas calmas e uma benesse vinda dos céus para o ex-desenhador de carretas funerárias. Em todos os lances, trenenda infelicidade para Ruas e Amílcar (este, decididamente, em semana aziaga, daquelas que é bom esquecer, até para ficar de emenda...) E, por ser verdade, o fruto da liberdade absoluta dada a Artur e Sheu o modo irrompante como Toni e Moinhos lanceiam qualquer defesa guardada ao terreno, o espelho de uma vantagem nascida da velocidade e da bola corrida e ofertada de primeira.

Pode o técnico estorilense António Medeiros atenuar o pesar na recordação das pedras que ficaram na prateleira (Norton de Matos, Norberto, muito especialmente Carlos Pereira e o poderoso Rui Paulino). Mas, disso não é culpada a força física e a capacidade de discernimento do «team» mais internacional destas paragens, aqui e além beliscado por mosquitos audaciosos como Clésio e Cepeda, de quando em vez travado in-extremis por Vieirinha, João Carlos ou Bira, sempre que os amigos do lado (ou de trás...) autorizavam.

Veio a segunda parte: Vítor Martins a substituir Sheu, agredido por Amílcar ante a mesma passividade com que o árbitro Maximino Afonso «admirou» um valentíssimo chuto de Toni em Eurico (nos dois casos sem agir como lhe competia: respectivamente o «vermelho» e o «amarelo»). Aliás, no capítulo disciplinar, um dos juízes mais fracos que deve contar qualquer primeira divisão nacional, a ver pela amostra dada na «soirée» de sábado...

Voltemos à bola rolando: Torres entra no terreno e é para ele a ovação altissonante. O coração não esquece, razão que alguns homens alienam. Mas o veterano das centenas de golos não pode atacar, construir e defender. Já foi tempo... E o Estoril continuava a ser empurrado para uma sepultura aberta por mãos próprias: 5-0 (Vítor Martins, após lance entre Toni e Jordão), era a machadada que ninguém contestava. E, subitamente (os relógios marcavam 22 e 58) um estrondo impressionante, fumo no ar, paredes a tremerem, zinco aos pulos, as pessoas embasbacadas, sideradas, atónitas, transidas de medo. Fora o «tal» petardo a explodir, no «tal» atentado de que se fala em outro local desta mesma edição do «DL». Os repórteres deixando de ligar ao jogo para se preocuparem, conscientemente, com eventuais feridos ou destruições. O insólito é que o petardo rebentou *exactíssimamente* quando o Benfica obtinha o sexto golo: e ninguém é capaz, em boa fé e de mãos sobre a Bíblia, de garantir como foi a jogada, quem foi o seu autor, a que recorte obedeceu. Aí estão, por exemplo, os colegas do camarote onde me encontrava (desde Aurélio Márcio a Eugénio Alves, passando por Viriato Mourão ou Joaquim Vicente) na mesma encruzilhada. Disseram-nos, na cabina, que fora Vítor Batista. Pois, que tenha sido. De qualquer maneira (convenhamos) foi a explosão mais violenta, sonora e aterradora que alguma vez sublinhou um golo do Benfica...

Até ao fim, ainda haveria mais bolas no ninho: pelo angolano Jordão e por Torres, um jogador que continua a moer a cabeça de quem quer marcar a sua jovem veterania de 37 anos neste vale de lágrimas.

O fim trouxe duas lições: uma, de humildade ainda não aprendida para um Estoril que sofreu numa só rodada tantos tentos como em 720 minutos. Outra, para o Benfica: de que vale sempre a pena esperar que as uvas fiquem madurinhas, quando se tem braços (e pernas...) que tornem os ramos da árvore fáceis de atingir. Enquanto na desbaratada patrulha de Medeiros ninguém saíu da casca anónima, o Benfica teve unidades em pleno. Como de costume, aliás, pois não é segredo para ninguém o saber-se do mérito de Artur, Sheu e Toni, quando soltos e à vontadinha. Outros colegas ficaram perto da trindade: mas todos, desde o atento José Henrique ao estonteante Moinhos, com etapas por Vítor Batista (agora sóbrio de atitudes) e Barros (como quem brinca com bebés) estiveram na sua boa relatividade. Outros colaboradores foram Eurico, Bastos Lopes, Nené, Jordão e Vítor Martins, sem manchas na roupagem. Já agora, para «castigo», a lembrança dos estorilenses: Ruas, Vieirinha, João Carlos, Bira, Amílcar, Eurico, Canário, Nelson Reis, Quim (que continua a não saber marcar «cantos»), Clésio e Cepeda, excluindo do lote José Torres por a mais ninguém o poder obrigar. E o «seu» golo lá ficou no pano do bilhar.

No Restelo: o paraguaio Gonzalez escapa-se ao polícia e faz 1-0.

O SOFRIMENTO

Restelo: cufistas e belenenses no tablado. A tradicional controvérsia criada pelos senhores do sempre deserto Lavradio do empório Melo, de cada vez que largam o reduto de pedra sem vida e viajam a outras terras. Arnaldo em grande: senhor e dono da bola, até para lá das suas possibilidades físicas. O ainda recente júnior Nelson acorrentando Gonzalez, se possível indo-lhe na peugada até à casa de banho. Artur Jorge com a charneira Vicente. O treinador barreirense Mário João a segurar a bola, a fixar as pedras de ouro do Belenenses e a tentar (via-guineense Arnaldo) a sorte de uma surpresa.

Passes deficientes. O juiz César Correia com pouco discretas botas amarelas. Saliência para Freitas e Pincho, Vasques e Sambinha. Castro a «libero», cortando e entregando. Godinho e Prieta sem poderem com um gato pelo rabo. Melo muito seguro e Quaresma apagado e distante.

Quarenta, 50, 60 minutos em situação de impasse: Cuf a retardar, Belenenses timorato e sem vela para o rumo da corrida destroçadora.

Mãozinhas de veludo em Conhé, escamoteando a bola a toda a gente. Pézinhos de reaça em Arnaldo: contra a maré, remava em oposição a sete/oitavos do Restelo. Uma primeira parte de fazer sono e um tempo complementar que iria pelo mesmo diapasão se não desafinasse: um «penalty» (mais que evidente) cometido por Freitas em prisão de pés a Eduardo, não é focalizado pelo homem dos pés calçados de amarelo.

Há uma bola «tirada» por Vieira da nesga em que se escapuliu para a rede. Um «cartão amarelo» (a João Pedro) por jogo tão duro como outros estavam fartos de fazer. Dois homens, somente, na dianteira fabril (Eduardo-Juvenal) e Arnaldo (diria Alves dos Santos: «sempre ele») a fazer tudo e mais alguma coisa. Mas, veio (finalmente) a aceleração desejada pelos adeptos «azuis»: e o golo por Gonzalez, em antecipação brusca ao admirativo Conhé. Ainda um estupendo toque de calcanhar por Artur Jorge, uma parada instantânea do guardião da outra margem e a troca do estafado Vicente por Araújo. Nova mudanca: um pioneiro do golo (Gomes) pela saída de Juvenal, com os bofes pela boca. Pouca sorte pura: Gomes entra, de perna estendida (e pelas costas) a uma progressão de Sambinha, e cai mal na relva. Torce-se com dores e debanda em maca: a Cuf, com dez defensores, mais longínqua encarava a hipótese da igualdade.

E tinha razão: Castro comete (sobre Vasques) outra das grandes penalidades a cem por cento. Desta feita, o pézinhos de amarelo deu pela coisa: Gonzalez (o goleador paraguaio) empurrou a bola, que chegou a estar ao alcance da mão esquerda de Conhé. Era o 2-0. Golos aos 65 e 88 minutos. Durara o sofrimento e toda a gente tinha suado. Contudo, nada maculara a simbologia cufista, embora o Belenenses prosseguisse no ponto da bandeira.

Há nomes no galarim: Arnaldo, Sambinha, Pincho (com o senão de escusada dureza), Freitas (insuperável), Vasques (o maleável). Caras a meio pano: Artur Jorge, Gonzalez, Melo, Vieira, Conhé, Castro, Vicente, Nelson. Comparsas a completar o número exigido pela lei: Castro, Quaresma, João Pedro, Cardoso, Vítor Pereira, Juvenal, Eduardo. Figuras de corpo presente: Pietra, Araújo, Godinho. E um infeliz: Gomes. Porque, nem infeliz nem certo, passeou César Correia: o silvador das bonitas botas amarelinhas, último personagem de uma jornada com 40 golos, 40.

Desporto

BUDAPESTE:
150 VOZES COM O BENFICA

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

. Ao princípio da tarde, a comitiva do Benfica, que vai jogar as cristas futebolísticas com o «team» húngaro do Ujpest, abalou para Budapeste. Juntamente com a delegação desportiva dos «encarnados», desloca-se uma torrente de adeptos, num voo «charter» e em carreira normal, graças ao empenho de Viagens Mercury Turismo, Jorge Gama, Fausto Pires e colegas e à colaboração recebida por esta empresa de outra entidade congénere (a Agência Abreu). Assim (e pelo menos) 150 adeptos do Benfica (ou simplesmente entusiastas pelo futebol) estarão, com as suas vozes e o seu entusiasmo alegre e desportivo, em volta da turma da Luz, nesta segunda arrancada para a Taça dos Campeões Europeus.

O plano da **passeata**, elaborado pela Mercury, está traçado em pormenor. Embarque no avião da Swissair que, pelas 15 e 10, levanta da Portela de Sacavém, com transbordo em Zurique cerca das 19 e 25. Depois, poiso em Budapeste (às 20 e 50) ficando a delegação oficial do Benfica (dirigentes, técnicos e jogadores), tal como os jornalistas portugueses, hospedados no Hotel Europa.

Amanhã, enquanto os simples visitantes de Budapeste têm ao alcance um largo passeio pela cidade, o «team» de Wilson treinará no Nepstadion, se possível à mesma hora local (17) em que o encontro de 4.ª-feira irá ter lugar. E, por falarmos no jogo, recorde-se que ele não será televisionado directamente para Portugal, restando aos mais interessados no desenrolar das suas alternâncias ligarem os transístores para a Emissora Nacional (voz do relator Gabriel Alves e comentário por um dos jornalistas presentes) ou para Rádio Clube Português (com o relato por Augusto Marques). Ainda a propósito: além do nosso jornal, estarão presentes, no Nepstadion, os camaradas «A Bola» (Homero Serpa), «Mundo Desportivo» (António Castro), «O Norte Desportivo» (Vasco Resende) e «Record» (Carlos Arsénio), numa cobertura curiosa à actuação da equipa campeão nacional de futebol nesta andança por terras húngaras.

O retorno da caravana ocorrerá na 5.ª-feira: partida de Budapeste (voo PA 073) pelas 10 e 55 locais, transferência de avião em Frankfurt (13 e 35) e chegada a Lisboa prevista para as 16 e 30 (avião TP-573).

O Benfica contará, uma vez mais, com o seu prestigioso presidente à frente da delegação: o dr. Borges Coutinho será acompanhado por Romão Martins (responsável directo pela secção de futebol profissional do «team» da Luz), pelo médico dr. Vieira da Fonseca, pelo massagista João Palhinhas (que substitui, por motivo de doença, o «habitual» Hamilton Marques da Pena, recentemente operado a um tendão de Aquiles) e pelo técnico Mário Wilson. Quanto a jogadores, aí está o rol:

. . José Henrique, Artur, Barros, Eurico, Bastos Lopes, Toni, Sheu, Vítor Baptista, Nené, Jordão, Moínhos e os suplentes Bento, Malta da Silva, Nelinho, Vítor Martins e Diamantino.

Recordemos, agora, como as coisas se passaram, no embate da primeira «mão» desta Taça dos Campeões Europeus que está na linha do tradicional orgulho realizador da U. E. F. A. Foi a 22 de Outubro, na noite borrifenta da Luz, perante uns 50 mil entusiastas, que vibraram com o 5-2 logrado pelos benfiquistas, ante a arbitragem do britânico Thomas, vindo lá do País de Gales. Nessa jornada, eis como formaram os «teams»:

BENFICA: Bento; Arutr, Barros, Eurico e Bastos Lopes; Toni, Vítor Martins (Diamantino) e Shéu; Nené (Nelinho), Vítor Batista e Moinhos.

UJPEST: Rothermel; Kellner, Harpanyi, J. Toth e Dunai III; Hováth (Sarlós), A. Tth e Juhasz; Fazenkas, Bene e Dunai II.

Assinaturas nos golos: Dunai II e Fazekas (Ujpest), Nené, Toni, Shéu e Vítor Batista (2) por banda do Benfica. Ficaram como belíssimos recortes de futebol, em especial, os tentos de Shéu (cabeça aplicada de fora da grande área) e de Toni (num remate imparável, potentíssimo, disparado em corrida, de longe das malhas à guarda de Rothermel). Dois lances de antologia.

Mas, desta feita, como será? . . Os benfiquistas estiveram esta manhã na Luz, para uma sessão de preparação física, banhos e massagens. O treino resultou de uma conversa entre o treinador Mário Wilson e os jogadores, em que estes concordaram com as duas horitas suplementares de trabalho.

Vítor Batista: subida de forma marca reencontro com o golo.

A "MERCURY" ACOMPANHA O BENFICA NA HUNGRIA

À ESPERA DE PORTUGUESES
O VASAS A PERDER, O DUNDEE A GANHAR

. Hoje, terá particular interesse desenvolver um pouco o que neste fim-de-semana se passou nos campeonatos da Hungria e da Escócia, já que os «quatro» portugueses europeus vão ter pela frente, na próxima 4.ª feira, adversários destes países.

Assim, na Escócia, o adversário do Boavista (o Celtic, de Glasgow) não conseguiu melhor do que um empate a um golo, no seu próprio terreno, frente ao seu eterno rival Glasgow Rangers. Por seu turno, o Dundee, derrotado há 15 dias no seu próprio relvado pelo F. C. do Porto, recebeu o St. Johnston e triunfou por 3-1. Isto significa apenas que o Celtic é perfeitamente vulnerável na sua extrema-defesa e que o F. C. do Porto não pode entrar em campo já dono e senhor do passaporte para o próximo sorteio.

Na Hungria, os resultados dos adversários do Sporting e do Benfica deixam também que pensar: enquanto o Ujpest triunfou no seu relvado (2-1 ao Salgotarjan) o Vasas perdeu no campo do Raba Eto por 0-2. Que isto dizer que o Sporting tem de admitir que pode vencer em Alvalade por 2-0 (será suficiente) e que o Benfica não poderá cantar de poleiro pelo simples facto de viajar com 3 golos de vantagem. Naquele campo (um eng.º Carlos Salema com relva irregular) o Benfica não pode passear a sua classe como o faz na Luz ou em qualquer outro relvado de Portugal digno de o ser. Mas depois de amahhã se saberá como vai ser.

TAÇA DE PORTUGAL
QUANDO TUDO COMEÇA EM DIA DE FINADOS...

A Taça de Portugal em futebol da época de 1975/76, tem o seu destino marcado: «nasceu» em dia de finados e está tudo dito. Promessas não faltaram no coro das concordâncias de que a prova estava ultrapassada, podre até, na regulamentação que a regia: promessas que não foram cumpridas nem de longe nem de perto, já que o esquema continua a ser o mesmo, com uma proteção inqualificável às chamadas turmas ou clubes grandes.

Ontem, em dia de finados, começou mais uma Taça de Portugal em futebol oitenta clubes foram ao campo da maneira em busca da falsa vitória, já que ela (quando surge) se equipara apenas a um prolongamento de vida nunca superior a mais dois ou três domingos de esperança.

Ontem foi a 3.ª divisão a contemplada com a Taça: depois, quando os gigantes estiveram apurados, entrarão os da divisão secundária; e se algum ainda sobreviver quando os eternos donos da prova chegarem, isso será o cabo dos trabalhos pois irão faltar datas para o cumprimento de todos os jogos...

Enfim: uma prova que «nasce» em dia de finados tem de ter, forçosamente, os dias contados...

Mas vamos lá contar como foi: na série «A», apenas um visitante logrou eliminar o visitado: o «milagre» aconteceu em Vila Real, onde o Lordelo acabou por triunfar por 1-0. Freamunde e Paços de Brandão bem como Limianos e Bragança terão de jogar novamente, já que ontem os seus jogos terminaram empatados a um golo. Nesta série ficaram desde já apurados o Leça, Tadim, Lordelo, Avintes, Vianense, Esposende, Mirandela.

No arranjo «B» só o Águeda conseguiu ultrapassar o obstáculo de ser forasteiro: foi a Tábua vencer por 2-0 e classificar-se para a eliminatória seguinte. União de Coimbra e Vilmoinhos, bem como Gouveia e Viseu e Benfica, terão de se defrontar novamente porquanto ontem os resultados foram igualdades a duas e uma bola respectivamente. Apurados, Oliveirense, Cucujães, Marialvas, Académico de Viseu, Naval, Guarda e Águeda.

Na série «C» apenas o Loures triunfou fora: foi ao Cartaxo triunfar por 1-0; Almeirim e a Campomaiorense terão de jogar novamente, pois ontem nenhuma das equipas conseguiu marcar um golo que fosse. Apurados para continuarem na prova, o Alverca, Portalegrense, Alcobaça, Marrazes, Benavente, Alhandra, Elvas, Ponte de Sôr e o já citado Loures.

Finalmente na série «D» nada mais nada menos de 8 visitantes lograram vencer: e como só o Vasco da Gama empatou (em Alcochete) temos que apenas um visitado conseguiu jogar para o apuramento; foi o Sacavenense que se livrou do Cacém. Apurados: Seixal, Casa Pia, Cova da Piedade, Desportivo de Beja, Quarteirense, Sambrazense, Rosairense, e Costa da Caparica. Nota final: nos 40 jogos disputados marcaram-se 116 golos.

TABELA GERAL

	J	V	E	D	B	P
BELENENSES	9	7	1	1	18- 9	15
Benfica	9	7	1	1	36- 9	15
Boavista	9	6	3	—	17- 6	15
Sporting	8	6	2	—	17- 6	14
Vitória de Guimarães	9	4	4	1	19- 7	12
F. C. Porto	9	4	2	3	23-10	10
Sporting de Braga	9	3	3	3	10-13	9
Vitória de Setúbal	9	3	3	3	11- 8	9
Estoril	9	4	1	4	10-14	9
Farense	9	3	1	5	14-17	7
Cuf	9	2	3	4	4-10	7
União de Tomar	9	1	3	5	10-23	5
Leixões	9	1	3	5	9-20	5
Atlético	8	2	—	6	9-19	4
Académico	9	1	2	6	7-19	4
Beira Mar	9	—	2	7	3-18	2

TOTOBOLA
Boletim com "13"

Farense - Braga	1
Belenenses-CUF	1
Académico - Sporting	2
Porto-Leixões	1
Setúbal - Beira-Mar	1
Guimarães - Atlético	1
Benfica - Estoril	1
P. Brandão-Freamunde	X
Avintes-Aves	1
Esposende - Tirsense	1
Alhandra-Odivelas	1
Cartaxo-Loures	2
S. L. Olivais - Beja	2

Boletim

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

. A equipa de andebol do Sporting, que se deslocará a Copenhague (Dinamarca) para competir na «Taça das Taças», com um clube local, terá à sua volta uma falange de apoio constituida por «fans» que se deslocam em voo que está previsto ser organizado por um grupo de indefectiveis sportinguistas, desses que seguem os pupilos de Júlio Matos Moura a todos os palcos em que se exibem. Uma nota complementar: a Emissora Nacional (pela voz de Romeu Correia) fará o relato do jogo.

Confirma-se que o jovem médio alcantarense Mário Wilson (filho do técnico do Benfica) foi indicado, pelo empresário Fausto Pires, a um clube francês. A verba pedida pelo Atlético (disse-nos Fausto Pires) é de molde a poderem estabelecer-se negociações frutuosas para todas as partes interessadas: e a conversa vai prosseguir ainda antes de meados do mês corrente.

Boas notícias de Raul Águas que Fausto Pires colocou no futebol belga: o sobrinho de José Águas é a «coqueluche» do seu «team» (o Bruges), o melhor marcador da equipa, o que está na primeira linha em matéria de porte social e desportivo. Os jornais locais (vimos recortes) citam-no com apreço e admiração.

EVENTUALMENTE CHOCANTE

. Afirmado pelo ciclista Francisco Miranda, imediatamente após ter triunfado no Campeonato Nacional de Rampa, em Coimbra:

«O Sporting vai continuar com o ciclismo mas eu, embora nada me tenha sido comunicado oficialmente, sei que vou ser dispensado. Por isso, para além de desejar dedicar esta vitória ao meu treinador, quis fazer ver que não me considero um mau ciclista. O que não consigo é calar as injustiças que vejo fazer. Por exemplo, quanto a mim, algumas coisas que o Frimino Bernardino afirma são puras verdades. Todos nós o sabemos. E o que se fez ao Firmino não foi mais do que uma grande injustiça. Por isso eu queria demonstrar que ainda valho alguma coisa.

«Vou para outro clube. Mas, não sei nada. Para já, não tenho profissão. Não sei fazer nada. Comecei a correr no Sporting quando tinha 16 anos e agora com 23, a sair da tropa, não sei o que hei-de fazer. É um problema muito grave para mim...»

HOJE

. . Esta noite (20 e 30) reunem-se em assembleia geral os associados do Almada Atlético Clube. Local do encontro: salão festivo da Incrível Almadense.

PORTUGAL

. Os juniores portugueses de hóquei patinado são campeões europeus, após sete jogos sem derrota. Ultimos desfechos: Portugal, 0-Itália, 0; Portugal, 3-Holanda, 1; Portugal, 1-Alemanha Ocidental, 0 e Portugal, 4-Espanha, 1. A turma que se confrontou com os espanhóis e golos marcados: Basílio, José Carlos, Fernando Pereira, Garrido, (3), Jorge (1) e Fernando Soares.

Resultados da 2.ª jornada do nacional de andebol de sete: Beira-Mar, 12-Benfica, 23; Porto, 21-Belenenses, 13; Almada, 15-S. Mamede, 11; CACO, 14-Boa-Hora, 15; Sporting, 22-Técnico, 10 e Passos Manuel, 15-Vitória de Setúbal, 15.

Para a 2.ª divisão futebolística efectuou-se ontem um jogo Espinho, 2-Lourosa, 2.

Constituída a Comissão Lisboeta de Árbitros de Ténis de Mesa: Silvino Fonseca da Silva, Carlos Mendonça Baptista, Jorge Alberto Figueiredo da Cunha, Cristina Morais Dias Pereira da Silva, Fernando da Costa Estevão Rodrigues e António José Almeida Salema Vidigal.

O Caselas Futebol Clube continua a editar um boletim mensal sobre as suas actividades e projectos. Uma informação da colectividade: estão abertas as inscrições para futebolistas e andebolistas seniores.

Terceiro passo no campeonato lisboeta de basquetebol. Os desfechos: Atlético, 63-Belenenses, 37; Benfica, 57-Queluz, 50; Nacional, 77-Internacional, 58 e Sporting, 91-Algés, 74. Classificação: Sporting, 6 pontos; Queluz, Benfica e Nacional, 5; Algés, Atlético e Belenenses, 4; Internacional, 3.

AGENDA

. Próxima jornada do Nacional futebolístico da 1.ª Divisão, a 23 do corrente: Sporting-Belenenses, Atlético-Setúbal, Beira-Mar-F.C.do Porto, Boavista-Académico, Braga-Benfica C.U.F.-Farense, Estoril-Guimarães e Leixões-Tomar.

O primeiro Grande Torneio Aberto Nacional de Ténis de Mesa do Casa Pia Atlético Clube (só o nome já «enche» um jornal) processa-se a 9 do corrente, em Lisboa.

Amanhã (pelas 21 e 30) na Associação de Ciclismo do Sul, reunião dos clubes praticantes da modalidade, para debate da situação naquele organismo.

ONTEM

Para o Nacional de Juniores de Futebol disputou-se, este fim-de-semana, a 5.ª jornada que forneceu os seguintes resultados, na Zona Norte: Varzim 0-Boavista, 2; Leixões 2-Sanjoanense, 2; Porto, 2-V.de Guimarães, 1; Amarante, 2-Nelas, 4; Marco, 0-Académico, 0 e Sporting de Braga, 4-Lourosa, 0. Na classificação desta zona, o V.de Guimarães é o guia (com 8 pontos) seguido do Braga e Porto, com 7. O último é o Amarante com 3 *pontos. Na Zona Sul, os resultados: União de Coimbra, 3-Atlético, 1; V.de Setúbal, 2-Belenenses, 0; Sesimbra, 2-Peniche, 1; S.Luis, 0-Sporting, 3; Benfica, 6-Farense, 0 e C.U.F. 5-Portalegre, 1 Na geral, o primeiro lugar é partilhado pelo Sporting e pelo Benfica (com 9 pontos) seguidos do* Vitória de Setúbal, com 8. O último *é o Estrela de Portalegre, sem pontos.*

Geral

AULAS LIVRES

..Na Sociedade Nacional de Belas-Artes continuam abertas as inscrições para as aulas livres de Estética e História Crítica da Arte, a cargo da dr.ª Maria João Madeira Rodrigues e do dr. Rui Mário Gonçalves, respectivamente. As aulas funcionam a partir das 18 e 30.

PETARDO NUM JARDIM DA CINCO DE OUTUBRO

. Era de fraca potência o petardo que esta madrugada (6 horas) explodiu no n.º 36 da Avenida 5 de Outubro, no cruzamento daquela artéria com a Avenida Duque de Avila. Ha um mês, um outro explosivo — esse colocado nas traseiras de um automóvel — na Avenida João Crisóstomo, provocou pânico entre os moradores.

O empregado e a governanta da vivenda de que são proprietários os herdeiros de Maria do Carmo Amaral de Sousa, não se aperceberam que o engenho, lançado para o interior do amplo jardim, tinha rebentado ali. Ficaram assustados — contaram esta manhã à reportagem do «D. L.» — mas, como em tempo um outro idêntico tinha explodido na Avenida João Crisóstomo, julgaram que este fora colocado mais ou menos naquele local.

«Apesar de tudo», relatou-nos o empregado, «achei esquesito que as cortinas de uma das salas tivessem caído. E mais aturdido, «prosseguiu», quando os cães começaram a ladrar. Abri-lhes a porta e eles saíram a toda a velocidade para o jardim. Foi então que os segui e vi muitos populares pendurados na protecção de zinco (pintada de verde) que circunda a quinta. Dei nesse momento pelo sucedido e fui avisar a governanta da casa».

Eram seis horas da manhã e muitas foram as pessoas que ouviram o estrondo. Uma senhora que trabalha na Av. Miguel Bombarda contou-nos que as pessoas se aterrorizaram com o rebentamento do explosivo. Uma outra disse ter ouvido a explosão no Largo da Estefânia. E os empregados comerciais das imediações, que foram postos ao corrente pela telefonia, não compreendiam, ainda esta manhã, como é que um petardo «de fraca potência (aparentemente)» pode rachar tantos vidros de três dos prédios defronte, na Avenida Duque de Avila.

Foi-nos difícil localizar o sítio onde o explosivo, que nos pareceu, pela terra (do jardim) revolvida, algumas árvores «ceifadas» e um pedação de ajardinamento desaparecido, rebentou. De interrogação em interrogação lá chegámos e, antes, ao mesmo sítio se tinham dirigido uma brigada especializada da P. S. P. (que tirou algumas notas do sucedido) e uma carrinha militar.

BOMBA DESTRÓI VIATURA MILITAR NA LUZ

A onda terrorista consubstanciada com um rol de bombas que explodiram em determinados pontos do País (Chaves, Madeira e Coimbra), começou nas imediações do Estádio da Luz, sábado, cerca das 23 horas, quando o Benfica vencia o Estoril por 6-0.

Uma viatura militar da Escola Prática da Administração Militar (E. P. A. M.), que transportava cerca de 20 militares daquele estabelecimento para assistirem ao encontro, com a matrícula ME-11-10, ficou destruída devido à explosão de uma forte carga que se presume ser de plástico e superiormente confeccionada, ou uma granada para o efeito preparada. Além da referida viatura, cerca de uma dezena de automóveis foram danificados por estilhaços, entre as quais um táxi, não havendo feridos a lamentar.

Forças da P. M. e da P. S. P., assim como soldados da G. N. R. a cavalo (que se ocupam da vigilância aos acessos ao Estádio), estabeleceram de imediato um cordão de vigilância aos veículos atingidos, enquanto muitos populares, alarmados, abandonavam o terreno e os jogadores reagiam de diferentes formas: uns estenderam-se no relvado, outros levantaram as mãos para o ar.

As investigações estão confiadas à secção de Minas e Armadilhas da P. S. P., que no local recolheram elementos.

PETARDO NO AUTOMÓVEL DE MÉDICO FLAVIENSE

Entretanto, uma outra bomba com a configuração de estranho objecto, num desenfreado «ataque» a militantes do P. C. P., foi encontrada por crianças no carro de José Viana. Os militares do Copcon que à residência do conhecido actor se dirigiram verificaram, então, tratar-se de um engenho de forte potência e de tipo incendiário, que despoletaram.

De acordo com uma notícia da Anop, foram duas as explosões provocadas por petardos que se registaram na Madeira: uma no Funchal e a outra numa localidade do distrito e perto daquela cidade.

Noticia ainda a Anop que, colocado debaixo do motor do automóvel do Maximino Cunha, médico em chaves, um petardo provocou a destruição de parte da viatura e estilhaçou vidros da residência do referido médico.

O rebentamento verificou-se na madrugada de domingo, sendo o petardo, ao que nos informa a P. S. P. de fabrico rudimentar. A viatura encontrava-se na Rua de Santo Amaro, local isolado à saída daquela cidade. O médico é militante do Partido Comunista e, segundo a mesma fonte, pessoa muito considerada na região, pelo que o atentado bombista não deixou de causar estranheza entre a população.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

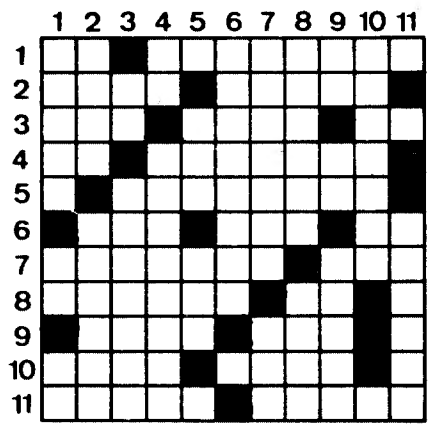
PROBLEMA N.º 11226

HORIZONTAIS:

1 Utensílio doméstico. Engordaras.
2 Substância gorda, de composição análoga à do éter e do álcool. Murmúrio.
3 Recusa. Divisão de uma casa. Artigo definido.
4 Nesse lugar. De Roma.
5 Multidão de animais.
6 Cabelos brancos. Rate. Pertences.
7 Relativo ao correio (pl). Estimo.
8 Chinela de couro. Átomo.
9 Atravesse. Fieira.
10 Executará. Cousa nenhuma.
11 Malhado de preto e branco (cavalo). Toucinho fresco.

VERTICIAS:

1 Padecer. Postscriptum. Nota musical.
2 Prendei. Filtravam.
3 Preposição e artigo definido. Alisara.
4 O mais. Sobraram.
5 Por baixo de. Preposicão.
6 Guarneceria de arames.
7 Designação vaga de alguém que se não quer nomear ou pessoa incerta (pl). Familiar.
8 O dia seguinte. Nome de mulher.
9 Letra grega. O sono das crianças. Levar à toa.
10 Lavrassem.
11 Adicionara.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

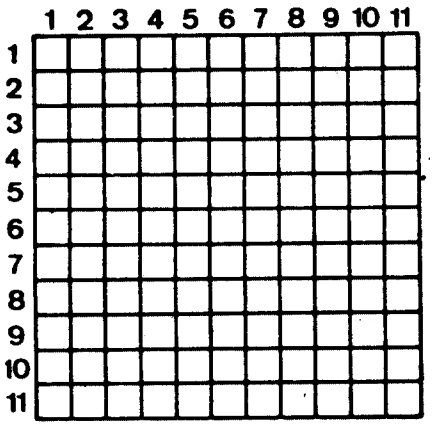
PROBLEMA N.º 7387

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Molhar com baba. Aqui.
2 Terreno cheio de mato (pl). Esmurrar.
3 Lavrais. Estimara.
4 Dança. Curam.
5 Preposição e artigo definido. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
6 Prasiodímio (s.q). Entre os Filipinos, a divindade. Abreviatura que se usa em música.
7 Aragem. Avivar. Campeão.
8 Desliza. Ri sem ruído.
9 Despacha. Artigo definido.
10 Em as. Nome de jogo. Pega.
11 Freguesia do concelho de Fafe. Grande.

VERTICAIS:

1 Carro ligeiro, de duas rodas, usado na África do Norte, para o transporte de pessoas e bagagens. Ave brasileira, espécie de gavião.
2 Bebida do Peru. Ensaiar.
3 Disfarcar. Alegria.
4 Danco. Arara.
5 Tosta. Preposicão. Césio (s.q).
6 Manto real. Grama.
7 Pegas. Duna na Suécia. Medida japonesa igual a dois decilitros (inv).
8 Romano. Lista.
9 Nome de homem. Em partes iguais.
10 Rosto. Estacionas.
11 Em má hora (ant). Planta têxtil.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11225

HORIZONRAIA:

1 CADA. Tara.
2 Asaríamos.
3 Lumiar. Roma.
4 AAA. Só. Ar.
5 Ru. Lavra.
6 Ma. DOIDO.
7 Sadias. Am.
8 Anal. Assina.
9 Ri. Id. Tes.
10 Ra. COM. Cat.
11 Remataram.

VERTICAIS:

1 Balão. Sarre.
2 SUA. MANIA.
3 Camarada.
4 Ari. Ilice.
5 Dias. Dã. Dom.
6 Aaro. Osa. Ma.
7 Li. Sã.
8 Torradas. Ca.
9 Aso. Vomitar.
10 Mar. Neta.
11 Amararias.

PROVÉRBIO: Cada doido com sua mania

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7386

HORIZONTAIS:

1 Travo. Molar.
2 Rema. Tini.
3 Art. Se. Os.
4 Gorra. Ulano.
5 Ar. Ánimo. Aí
7 Gera. Raba.
8 Ramal. Acaso.
9 Ir. Mo. Se. Si.
10 Aoro. Ruir.
11 Sassa. Calmo.

VERTICAIS:

1 Tragar. Rias.
2 Re. Or. Garoa.
3 Amar. Tem. Rs.
4 Varra. Ramos.
5 Tântalo.
7 Sumiras.
8 Otelo. Acera.
9 Ll. Aba. Ul.
10 Anona. Assim.
11 Risota. Oiro.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado a norte do Tejo e geralmente pouco nublado no sul onde caiam chuviscos ou chuva em algumas regiões do norte o vento era fraco ou moderado de N.W.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	15º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	16º
FARO	18º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **25,5º**

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima **6,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16,1º
Atmosfera	13,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.28	**4,3 m**	9.13	**0,5 m**
15.52	**4,3 m**	21.34	**0,5 m**
Dia 4			
4.13	**4,4 m**	9.57	**0,4 m**
16.38	**4,3 m**	22.16	**0,5 m**
Dia 5			
4.57	**4,4 m**	22.56	**0,7 m**
10.39	**0,5 m**	22.56	**0,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado nas regiões norte e centro passando progressivamente a pouco nublado para a manhã; nas regiões do Sul céu geralmente pouco nublado; em todo o território vento geralmente fraco de noroeste

BARS BOITES — restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Vár edades internacionais. T.261461/164526/264596º264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.06
OCASO ÁS 18.34

DIA 3 — DIA 10 — DIA 18 — DIA 26

rádio

EMISSORA — 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Fados e guitarradas
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 A ópera «A Valquíria», de Wagner
17.15 Música de tecla
18.00 Antologia sonora
18.30 Obras sinfónica d Beet oven
19.15 Música coral sinfónica
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

Programa em Onda Média 2 — 297 m — 755 KHz

20.30 Música de piano
21.00 Concerto
21.40 «Sans Soleil», canções para barítono, de Moussorgsky
22.00 Música de câmara
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 MHz

21.00 Música ligeira variada
22.00 Audição integral dos quartetos de Beethoven
22.30 Intercâmbio musical
23.03 Música sinfónica
24.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 290-13 m — 1034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — EMISSÃO CONTÍNUA

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

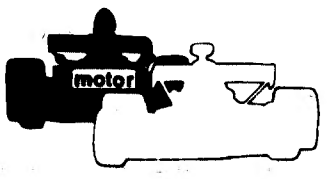
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lsiboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**



Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior Crato, 25 (tel. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409).
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36/42 (tels. 41961/54672).
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (tel. 321534).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Silva Carvalho, Ruda dos Fanqueiros, 126 (tel. 326575).
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (tel. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (tel. 842518).
PICHELEIRA
Merluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-28395).
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (tel. (862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão 30/32 (tel. 381279).

TURNO A-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (tel. 41269).
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9D/E (tel. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (tel. 322588).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 238-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 763016); **CARDEIRA**; Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (tel. 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193).
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (tel. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (tel. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (tel. 664238).
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (tel. 311237).
RATO
Soares, Avenida Álvares Cabral, 1 (tel. 684282).
PICHE
...eleira, 140-B/C (T.720703-728395)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T.532756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jarim**, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.938424)
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.212070)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noitte
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Atep às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R.Garrett, 1 (T.207644)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494182)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); **Saião**, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 11

ATÉ ÀS 22 HORAS
Campos, Rua Padre Luis Cabral, 943, Foz; **Alves Moreira**, Avenida Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, Rua da Conceição, 2; **Botelho**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua de Sá da Bandeira, 120; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 e **Lidador**, Rua do Lidador, 171.

A PARTIR DAS 22 HORAS
Menezes de Lima, Praça Dr. Teotónio Pereira, 227; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Cruz**, Rua de Costa Cabral, 1082 e **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367.

COIMBRA

Figueiredo, R.da Sofia, 107 (T.22837); **M.Nazaré**, Av. Koão das Regras, 132, (T. 23022)

cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
4.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
12.ª Semana
Às 24.00 Grupo D (18 anos)
SEDUZIDA E ABANDONADA

ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
15.ª Semana

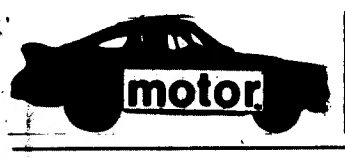
PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
... Erótico: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A TRAMA
Um filme de Don Sharp

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
3.ª semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MADLY — A OUTRA MULHER
Nas sessões das 15.30 e 21.15 reportagem da visita do Senhor Presidente da República à Roménia
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO



UNIVERSAL
T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Grupo D - 18 anos
O novo fenómeno ao filme de acção
BIG BOSS
O IMPLACAVEL

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
2.ª semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O GAFANHOTO

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AS MIL E UMA NOITES

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA
T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 2.ª Semana

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DISTO É QUE EU GOSTO 3.ª Semana

SATÉLITE
T. 562632
Interdito a menores de 18 anos
Às 15.00 e 23.00 — O VÍCIO
Às 17.00 e 21.00 — O CIO
Às 19.00 — O PROSTITUTO

CARLOS MANUEL SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 18 anos
ANNA — AQUELE PARTICULAR PRAZER

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
Jerry Lewis é
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Perney
2.ª Semana
Hoje às 19.00 Festival de Aniversário
Não acons. a menores de 13 anos
PERFUME DE MULHER

CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
Um filme de alto nível espectacular e passional
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skay — a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
c/ Clint Eastwood
3.ª Semana

AVIS
T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.00
Interdito a menores de 18 anos
ARREFECIDO A 99%

CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O CASO ODESSA

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BERNADETTE
Um filme de Gilles Carle

ESTÚDIO 444
T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher

EUROPA
T. 661016 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS
Amanhã, às 18.15
Tarde Infantil

RESTELO
T. 610375 Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
VIRILIDADE
A ITALIANA ... SEXO ... SEXO...

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»

COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«Serrana»

VILLARET
21.30 (13 anos)
«Pascoal»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (13 anos)
«A Viagem»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Os Sinos da Morte»

JARDIM
21.15 (14 anos)
«Cinturão Negro Contra a Mafia»

IDEAL
21.15 (10 anos)
«Fogo na Pradaria»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00, 21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Anna — Aquele Particular Prazer»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As Bailarinas»

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«O Ás do Volante»

PORTO/Teatros

CIRCO
21.15 (10 anos)
«Circo Mexicano»

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Miia a Burra»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»

OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A M... e a Puta»

S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Engrenagem»

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«O Belo Monstro»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»

ESTÚDIO
221.15 (18 anos)
«A Máquina do Amor»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

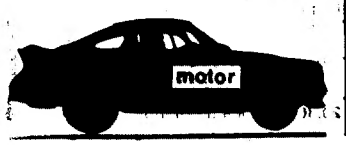
COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Veredicto»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Domingo, Maldito Domingo»

S.TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«As Aventuras do Rabu Racob»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Cama com Música»



Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 165, 1.º, 2.º
TELEF. 654631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

"O SÉCULO" VOLTOU A SAIR

Continuação da pág. 1

nham de entrar para os empregos mas não queriam abandonar o campo de combate enquanto o conflito não estivesse solucionado.

Finalmente um trabalhador, na janela do edifício, informou as pessoas que o jornal ia sair dentro de instantes. Uma verdadeira euforia. Abraçaram-se corpos e ergueram-se punhos.

Abrem-se os portões. Do interior avança um grupo de jornalistas e tipógrafos que de braço dado abrem espaço para a carrinha poder sair. A calma dos boicotadores rompe-se. Alguns, num acto de desespero atiram-se contra a «muralha». Gera-se uma certa confusão corpo a corpo que as forças militares depressa esgotam. Um militar tomado de nervos ainda agrediu a pontapé um jovem de capacete que foi retirado do local pelos seus camaradas do M. R. P. P. A carrinha vermelha onde ia o fruto de uma noite de vigília regado com o suor dos tipógrafos e dos jornalistas corre triunfante para o seu destino. Alguns metros depois foi atingida por uma pedra. O gesto impotente daqueles que não podem virar o curso da História. Nem travar a Revolução.

Aconteceu, todavia um incidente interessante: o jornalista Fernando Madureira que se pôs ao lado da facção do referendo, quando passava na rua, ainda antes do jornal sair, foi vaiado, assobiado e cuspido pelas centenas de pessoas que apoiavam a luta dos trabalhadores de «O Século».

Fernando Madureira, como se estivesse num palco, agradece os insultos com que foi mimoseado.

Encerrou-se mais uma página da luta quotidiana de «O Século». O reflexo da luta que neste momento se trava no País, onde o perigo do fascismo espreita a cada momemo. Sob vários disfarces. Confirmou-se mais uma vitória hoje. E o Chico Cardoso, o operário-director aparece à janela, para receber as saudações da malta.

Os jovens do M.R.P.P. retiraram-se. Vencidos.

Muitos sindicatos, comissões de trabalhadores e de moradores têm-se solidarizado com a luta unitária dos trabalhadores progressistas de «O Século». Nesse sentido manifesta-se em comunicado a comissão de moradores de S. João de Deus «que vem expressar o seu apoio dos trabalhadores que revolucionariamente souberam dar uma resposta correcta às manobras reaccionárias de elementos neofascistas que pretendiam utilizar aquele órgão da comunicação social para a sua manobra de desinformação, na tentativa estéril de defender os seus privilégios de classe». O Sindicato Nacional dos Profissionais das Artes Gráficas do Distrito de Lisboa também emitiu um texto sobre «as manobras da social burguesia encapotada de socialismo, apoiada em grupos ultrafascistas e a chantagem descarada do Ministério da Comunicação Social, no intuito de calar a voz do povo trabalhador». Citam como vítimas dessas manobras o jornal «República», a «Rádio Renascença», o «Diário de Notícias» — e agora «O Século». Salientam ainda «o sintoma de penetração reaccionária noutros jornais». Do Porto recebemos a notícia de que os trabalhadores em serviço na empresa proprietária de «O Século» mantêm a ocupação das instalações naquela cidade quer na redacção quer na distribuidora.

O M.R.P.P. interessadíssimo na manipulação de «O Século» e a quem convinha fortemente que o seu militante Roby Amorim assumisse o cargo de Director do jornal difundiu uma nota em que afirma que «um bando de sociais-fascistas do P.C.P. (com o **cê** entre aspas) e de outros grupelhos da F.U.R.-U.D:P. (pondo aspas no **erre** da primeira organização e no **dê pê** da segunda) seus lacaios, procederam a um ataque contra as instalações do jornal «O Século», onde trabalhadores se preparavam para fazer sair o jornal nos termos do que fora democraticamente decidido pela sua esmagadora maioria, em referendo, dias antes». Mais adiante o texto do M.R.P.P. denuncia que «através deste ataque terrorista e inteiramente cobarde, feito com a cumplicidade e encobrimento da administração de «O Século» a sua tropa de choque armada, nomearam um director fantoche...»

. A propósito destes boatos, resta-nos acrescentar que no dia 31 de Outubro esteve na Sociedade Nacional de Tipografia um enviado do Copcon para inteirar-se da situação da empresa pois tinham recebido telefonemas de que havia «granel e grupos armados dentro da empresa». Estas palavras são textuais e foram proferidas pelo tenente Mateus, do Copcon. Este militar verificou que tudo isto não passava de uma mentira. E deu conhecimento do facto ao general Otelo que aguardava a confirmação para poder responder no Conselho da Revolução que se encontrava reunido.

FRETILIN DENUNCIA O GOVERNO DE LISBOA

. ROMA, 3 — (FP) — As conversações sobre o futuro da Ilha de Timor entre os ministros dos Negócios Estrangeiros português e indonésio, Melo Antunes e Adam Malik, ocuparam todo o domingo e recomeçaram na manhã de hoje.

«Ainda não foi tomada nenhuma decisão», informa fonte indonésia. Ambas as partes manifestam uma reserva total em relação ao conteúdo das discussões.

As conversações de Roma começaram no sábado e previa-se que durassem dois dias. Segundo os observadores, o facto de as conversações se prolongarem até hoje poderá ser uma indicação de que os dois ministros esperam fazer progressos.

Entretanto, a Frente Revolucionária para a Independência de Timor Leste (Fretilin) afirma que Portugal comete um erro ao «pretender resolver o problema da descolonização de Timor Oriental com outros países, sem consultar antes o verdadeiro Governo» desse território.

A C.V.R.F.A. denuncia

MILITARES EM MANOBRAS PARA GOLPE DE DIREITA

«Acumulam-se os sintomas e surgem novos factos que permitem concluir com absoluta segurança que está a ser montado um poderoso dispositivo contra-revolucionário cujo objectivo é o desencadeamento de uma acção militar violenta contra as forças progressistas, contra as massas trabalhadoras» — lê-se, num comunicado emitido no sábado passado pela Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas, órgão clandestino de que não é do domínio público mais do que as tomadas de posição assumidas através de textos difundidos e que têm vindo, df algum tempo a esta parte, a eriçar os nervos impacientes de algumas cúpulas militares portuguesas. Segundo o texto do passado dia 1 emitido por este órgão, «o desencadeamento desta operação está previsto para os próximos dias — até 11 de Novembro, data da independência de Angola — em conjugação com uma acção da mesma natureza a levar a efeito em Luanda contra o M.P.L.A., contra o povo angolano».

A informação presente vem já na sequência de informações anteriormente dadas pela Comissão. Acrescenta, no entanto, alguns dados novos, e é o caso de manobras militares que estarão em preparação ao nível das mais altas esferas das Forças Armadas (diz o texto que o E.M.G.F.A.); uma recente reunião em Pedrouços entre oficiais, uns actualmente na cena político-militar portuguesa, outros não; a situação em que se vive na prisão em Caxias, trabalhos que estarão a ser desenvolvidos por alguns oficiais, tanto em Portugal como em Angola.

MANOBRAS MILITARES

A Comissão revela o esquema geral das manobras. Elas estarão planeadas para os dias 7, 8 e 9 do corrente e nelas participam «efectivos do Exército na ordem das dezenas de milhares», das três regiões militares do Continente. O «guião adoptado» partiria de «uma suposta invasão de Portugal por forças inimigas através da fronteira do Caia (eixo Badajoz-Elvas), e a movimentação far-se-ia em três fases sucessivas: primeiro «as nossas tropas da Região Militar do Sul (serão) obrigadas a retirar para norte do Tejo.» Depois, «as tropas que retiraram, juntamente com todas as forças da Região Militar Centro e reforços da Região Militar Norte (reagrupar-se-ão) na região Santarém-Tomar-Entroncamento-Tancos-Santa Margarida, para posteriormente, numa terceira fase, invadirem a varrer o Alentejo, limpando as bolsas inimigas, e, finalmeme, tomarem posições para a «defesa» de Lisboa, ocupando os acessos da cidade a Norte e Sul do Tejo».

Mais pormenores, citamos, o texto: «À Força Aérea estão (estarão) distribuídas missões de *poderosa cobertura aérea*. À Marinha caberá apenas uma simbólica participação de patrulhamento do rio Tejo». Complementarmente, «O Agrupamento Militar de Intervenção (A.M.I.) (ou, antes, Batalhão de Comandos da Amadora) e as forças militarizadas (G.N.R. e P.S.P.) procederão ao controlo da cidade de Lisboa, neutralizando agentes e grupos favoráveis ao «inimigo».

UMA REUNIÃO NO I A E M

Refere-se o texto da Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas a uma reunião havida no passado dia 27 no Instituto de Altos Estudos Militares. Nela participaram aqueles que o texto designa por o «grupo de planeamento da operação» e de que fazem (fariam) parte, entre outros, «oficiais do extinto Corpo do Estado-Maior». Diz o texto: «Entre os presentes contavam-se: brig. graduado Charais, indicado para comandar as forças terrestres; gen. grad. Pinho Freire, indicado para comandar a Força Aérea; brig. grad. Pires Veloso; cor. Oliveira Carvalho, o «cérebro» da operação, com íntimas relações com a Embaixada americana em Lisboa; major Loureiro dos Santos, da Presidência da República. Ligados ao planeamento, destacam-se — acrescenta o texto — o cor. Ramires de Oliveira, adido militar na N. A. T. O., em Bruxelas, e que actua como elemento de ligação; major Espírito Santo, que frequentou cursos de informação e espionagem nos E. U. A.» E lembra a Comissão: «A maioria destes oficiais fez parte do Estado-Maior do general fascistas Bettencourt Rodrigues, quando este comandou a Zona Militar Leste em Angola. O coronel Oliveira Carvalho era seu chefe de Repartição de Operações.» Mais: «Existem ainda importantes indícios que apontam os generais fascistas Kaúlza de Arriaga (preso e transferido há poucos dias da Trafaria para Caxias); Bettencourt Rodrigues e Galvão de Melo, como constituindo o Directório-Sombra que orienta, um Portugal, a movimentação militar contra-revolucionária.»

MOVIMENTAÇÃO EM CAXIAS

Uma larga referência a Caxias, onde, a crêr, no que o texto diz, estarão a registar-se movimentações significativas. «A cadeia de Caxias está funcionando como centro de conspiração contra-revolucionária e local de planeamento do golpe armado», diz a Comissão, invocando «informações directas sobre o que se passa nos Serviços Priosionais Militares, dirigidos superiormente pelo ten.-cor. da F. A., Costa Neves». Alguns factos e a interpretação que deles faz o texto a que nos reportamos: «A recente transferência de presos militares da Trafaria para Caxias deve ser entendida como medida destinada a facilitar os contactos entre os principais conspiradores. Os oficiais reaccionários detidos em Caxias e os ex-«pides» de maior responsabilidade reúnem livremente e recebem todas as visitas que desejam sem qualquer vigilância. Grande parte dos implicados no 11 de Março encontram-se em liberdade aguardando julgamento e é sabido que alguns deles se têm deslocado ao estrangeiro. São frequentes as autorizações para se ausentarem da cadeia por períodos que vão até 15 dias. Estiveram ultimamente nessa situação o maj. Mensurado (comandou os pára-quedistas no assalto ao Ralis) e o major pil.-aviador Neto Portugal (metralhou o Ralis). Refere-se que o ten.-cor. Costa Neves foi ajudante de campo de Galvão de Melo até 28 de Setembro de 74 e é seu admirador confesso e visitante assíduo. Causa maior apreensão a transferência para Caxias, (à sua responsabilidade) do ex-major pil.-aviador Mira Godinho e do ex-1.º ten. fuzileiro presos no passado dia 31 em Braga. Sabe-se já que ainda não foram submetidos a interrogatório e que circulam à vontade pela cadeia confraternizando com os outros implicados no golpe de 11 de Março.»

EM LUANDA

. Tudo quanto estará a passar-se em Portugal articula-se com o que está a passar-se em Angola, diz a Comissão no seu texto. E pode ler-se: «Coincidindo com a realização das manobras militares contra-revolucionáias de 7 a 9 de Novembro, está previsto o lançamento de uma acção de força visando a destruição dos centros de decisão do M. P. L. A. em Luanda e dos órgãos de Comunicação Social, controlados por este Movimento. Esta acção será desencadeada sobre pretexto de defesa dos cidadãos portugueses e a sua execução está atribuida a tropas especiais de pára-quedistas e comandos ainda existentes em Angola e a outros efectivos que estão a ser enviados de Lisboa.»

. Nomes: «A operação em Luanda e a sua coordenação com a invasão das colunas de fascistas portugueses que abrem o caminho à F. N. L. A.-U. N. I. T. A. está a cargo do gen. piloto aviador Diogo Neto, ex-membro da Junta de Salvação Nacional. Actua como elemento de ligação o gen. pil. aviador Troni.»

. Mais: «A conspiração reaccionária em Angola — diz o texto — conta com o apoio técnico do extinto Corpo do Estado-Maior que prestam serviço no Quartel-General e no Palácio do Governo, em Luanda.»

O M. P. L. A. SABE

. A propósito do que consta do texto da Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas sobre as actividades contra-revolucionárias que em Luanda preparam um golpe contra o M. P. L. A., «D. L.» esteve esta manhã em contacto com o «Diário de Luanda» e pode confirmar que as mesmas informações são já do conhecimento do M. P. L. A., que está a realizar investigações sobre este assunto.

OS SUV ALERTAM

. Não só a Comissão de Vigilância Revolucionária das Forças Armadas: também os SUV, Soldados Unidos Vencerão, organização clandestina de base no âmbito militar, aponta para a existência dum plano elaborado de golpe de direita em que estarão envolvidos alguns militares. Num comunicado emitido na madrugada de ontem, para hoje, os secretariados do Norte, do Centro e de Lisboa daquela organização, as informações constantes do comunicado da CVRFA são de novo dadas, com um sinal de alarme, e um pedido de alerta à vigilância dos militares progressistas e das classes trabalhadoras do povo português.

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL, Av. República, 12 (junto estação metro Saldanha).

Atenção

ESPÍRITO SANTO

. Quando o brigadeiro Charais foi para Coimbra chefiar a Região Militar Centro, escolheu para seu director colaborador o major Espírito Santo. Dizem até que era o seu braço direito. Uma espécie de conselheiro. Aparentemente a sua missão seria coordenar o projecto Charais para utilização da Universidade, com docentes e discentes, numa espécie de campanha cultural e cívica pelas Beiras. Espírito Santo, bem parecido e bem falante, era o homem ideal para se dar com os intelectuais universitários. Há no entanto, quem diga que o major tinha outras funções, bem mais subtis e perigosas. Afirmam que ele, com vários cursos especiais de informação no estrangeiro, é um homem com «grandes» ligações.

Para estes «ditos» muito ajuda o major Espírito Santo quando, entre amigos e conhecidos, se gaba com certo «charme», de ter sido colega num curso tirado no Brasil, do «tipo que matou Che Guevara». O projecto para a Universidade falhou, os SUV manifestaram-se em Coimbra e no dia seguinte Espírito Santo regressou a Lisboa, onde está no Estado-Maior do Exército. Dizem que continua muito activo.

«FÉRIAS» NO BRASIL

. Engenheiros da Siderurgia descobriram um novo local de «férias»: o Brasil. Principalmente (ou só?) aqueles que se encontravam mais altamente ligados a Champallimaud.

Nota-se ultimamente uma grande movimentação destes técnicos, considerados dos mais reaccionários e dos mais intimamente ligados ao «poderoso Chapas».

QUE DIVULGAÇÃO?

. O Tratado de Segurança e Cooperação Europeia, assinado em Helsínquia, ainda não foi sequer traduzido em português pelo que, tanto quanto se sabe, não teve entre nós divulgação que se visse. Ora essa divulgação constitui um dos pontos obrigatórios do acordo firmado...

NÃO SÓ MAS TAMBÉM

. Numa circular «Confidencial» de 22 de Janeiro deste ano assinada por Marcelo Curto e enviada às bases do P. S., afirma-se a certa altura: «Não nos definimos apenas por oposição ao P. C. P.».

MOBILIÁRIO SÉCULO XVII

e outros estilos
temos grande variedade
FACILIDADES DE PAGAMENTO
ARTIS
RUA MARIA ANDRADE, 64
(Perto da Igreja dos Anjos)